

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA


OOOP

2023

EXPERIENCE



RUFO HERRERA
90 ANOS



ORQUESTRA OURO PRETO
EXPERIENCE

Do erudito ao popular.

O Instituto Cultural Vale e a Orquestra Ouro Preto estão juntos na busca pela democratização do acesso à arte. Nessa jornada de 5 anos, o maior sucesso se apresenta na formação de novos talentos, como os alunos do programa Vale Música e do Núcleo de Bandas.

É um orgulho fazer parte desta história.

Onde tem cultura,
a Vale está.



Acesse
e saiba mais



 INSTITUTO
CULTURAL
VALE

EXPEDIENTE



ORQUESTRA OURO PRETO

Coordenação de Criação
Direção Artística
Direção de Comunicação e Marca
Direção de Relações Institucionais
Gerência Administrativa
Coordenação da Academia
Coordenação Pedagógica da Academia

Instrutores da Academia

Coordenação do Núcleo de Apoio a Bandas
Coordenação de Produção Executiva
Produção Técnica
Produção Executiva

Produção da Academia e do Núcleo de Apoio
Produção do Vale Música
Analista de Projetos
Auxiliar de Produção Técnica
Auxiliar de Produção Técnica da Academia
Assessoria de Comunicação
Assessoria de Imprensa
Analista Financeiro
Auxiliar Administrativo
Secretaria
Arquivo

Rufo Herrera
Maestro Rodrigo Toffolo
Luiz Abreu
Suellen Moreira
Ronaldo Vicente Toffolo
Rodolfo Toffolo
Marina Toffolo
Mara Toffolo
Leonardo Lacerda
Kamila Druzd
Robson Fonseca
André Geiger
Natália Mitre
Márcio Valladão
João Paulo Moreira
Mariana Camelo
Luiz Fernando Queiroz
Pablo Oliveira
Maria Clara Fernandes
Maria Eduarda Costa
Lauriza Anastácio
Grazielle Naves
Wallace França
João Marcos Santos Dias
Soraya Belusi
A Dupla
Higor Otávio e Souza
Camilla Lopes
Bárbara Souza
Mayne Pastore

REVISTA OOP EXPERIENCE

Publisher Rodrigo Toffolo
Editor-Chefe Luiz Abreu
Redação Fernando Vieri
Soraya Belusi
Luiz Abreu
Octávio Gonçalves
Teka Leite
Suellen Moreira
Anne Souza
Bárbara Paschoa
Íris Zanetti
Rapha Garcia
Click Estúdio
Rona Editora
10.000 exemplares
Distribuição gratuita
e dirigida

Foto da Capa
Impressão
Tiragem

Rua Paraná, 136, Centro . CEP 35400-000
Ouro Preto / MG / Brasil
Telefone: (+55 31) 3551-1228
orquestra@orquestraouropreto.com.br
www.orquestraouropreto.com.br



Assistir ao concerto que você sempre quis faz bem para você.

Por isso, a SulAmérica incentiva a música e apoia a Orquestra Ouro Preto.

Afinal, **Saúde Integral** é cuidar da sua **saúde física, emocional e financeira** e de tudo o que te faz bem.

MÚSICA, ETERNA MÚSICA

Este ano vamos celebrar Rufo Herrera! Um músico completo, com uma visão humanista que só os grandes artistas têm. Foram anos ouvindo suas histórias – em teatros, restaurantes, bares ou como companheiro de viagem aos ensaios da Orquestra. Sempre ele e seu Bandoneon – com letra maiúscula mesmo, afinal de contas é o instrumento de Rufo.

Decidi trocar minhas palavras pelo meu ouvido neste texto de abertura da segunda edição de nossa revista. Durante o 2º Encontro de Musicologia Histórica e Etnomusicologia de Ouro Preto, ouvi atentamente a palestra proferida por ele e resolvi, à época, gravá-la. Lembro claramente da comoção de todos ao ouvir um relato que carrega, em sua singularidade, todo o simbolismo de uma arte única.

Assim, transcrevo, a seguir, as palavras de Rufo Herrera. Tenho uma alegria enorme em dividi-las com todos vocês.



Maestro Rodrigo Toffolo
Ouro Preto, 25 de fevereiro de 2023

“Inclino-me a investigar a música como uma manifestação do espírito, estas coisas que a gente não sabe de onde vem, como se faz e por que se faz, mas construímos a história de uma cultura através dela. Parece-me que existem mais algumas coisas que são inatingíveis pela razão, porque o pensamento da razão é o intelecto e o intelecto trabalha sobre a realidade aparente; e acho que o espírito trabalha sobre a realidade que não se pode quantificar, não se pode pegar.

A música é um elemento muito importante neste sentido, porque põe, de alguma forma, o ser humano – em qualquer lugar onde ele esteja e, parece-me, em qualquer época também – em contato com alguma coisa que o transcende, algo atemporal.

Em 1970, cheguei à Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade da Bahia. Por meio de um convênio da universidade com a Secretaria de Cultura, entrei em um projeto de penetração pelo interior do estado com o curso de Música. Por vários anos, andei conhecendo as cidades interioranas, dando cursos e seminários.

Com o tempo, eu acabei indo parar no sertão da Bahia para trabalhar em uma terra e conviver com aquela gente. Naquele momento, eu estava pensando mesmo em ficar por lá, viver lá. Encontrei um amigo, que foi roteirista de cinema, poeta e intelectual, que também se encantou com o sertão e não voltou mais, ficou por lá. Ele era do grupo de Glauber Rocha e estava radicado naquela comunidade.

Como eu nasci no campo, lidando com gado e cavalos, tinha essa vivência. Comecei a trabalhar com os vaqueiros; uma amizade que me rendeu um pedaço de terra, ao pé de uma serra. No fim, eu consegui comprar, fui pagando; e comecei a trabalhar, limpar, desmatar e plantar.

Eu precisava de alguém que me ajudasse, e o Paulo e a Zuca, que moravam em frente, vieram me ajudar. Juntos, começamos a plantar e a trabalhar na terra. Isso criou um vínculo maior com o lugar e comecei a pensar que o grande problema de lá era a água. Mas tinha uma serra perto; então, deveria ter uma nascente. As pessoas tinham que viajar de 5 a 10 quilômetros com uma lata na cabeça para encontrar um riacho, a fim de levar água para casa.

Comecei a pensar em um jeito de ajudar. Conversando com uns amigos de lá, conseguimos um projeto de água encanada por gravidade. Reuni esses homens e expliquei o projeto. Aí eles me disseram: ‘já ouvimos falar disso, mas é só fazendeiro rico que conseguiu fazer’. Eu disse que não, que nós poderíamos fazer também.

Saí pelas cidades vizinhas, como Senhor do Bonfim, Jacobina e Juazeiro, pesquisando material nas casas de construção. Encontrei uma mangueira de polietileno, rolo de 300 metros, com algumas falhas, mas muito barata. Com esse material, seria possível fazer o projeto. Percebemos que, enterrado, ele era tão resistente quanto o PVC, apesar de fraco quando exposto ao sol.

Peguei o projeto e expliquei como seria. Fariamos a captação em todas as nascentes, que localmente eram chamadas de pingadouro. Num domingo, reunimos todos e fomos em cada nascente com uma corda para medir a distância das nascentes até o centro. Com essas mangueiras, íamos captar a água e levar para o reservatório. E de lá, com uma mangueira de ¼ de polegada, seria feita a distribuição para cada casa.

Eles gostaram da ideia. Quem não pudesse comprar o material, entraria com diárias. Tivemos que enterrar as mangueiras, subir com cimento, areia,

etc. Começamos a trabalhar no projeto e logo começamos a captar água para o reservatório.

A questão é a seguinte: quando fui para lá, não falei que era músico. Cheguei a conhecer um senhor que tinha mais de 90 anos e construí instrumentos; vi clarineta e violino feitos por ele. Os netos dele tocavam em trio de forró. Era o que eu conhecia de músicos.

Depois de uns anos, com o projeto funcionando, eu vim a Belo Horizonte para resolver alguns assuntos pendentes na Fundação de Educação Artística que me incomodavam. Fiquei fora um mês ou dois, e eles continuaram o projeto, terminando a parte do reservatório para as casas.

Quando voltei para lá, recebi um recado para subir a serra, porque era o Dia de São Pedro e, depois de 40 anos, ia ter novena. Fui subindo, montado. Quando estava chegando, ouvi uma banda de pífano. Pensei: parece que eles levaram a sério e contrataram uma banda de Senhor do Bonfim ou de Caruaru para tocar durante a novena.

Cheguei, descí do cavalo e a novena já tinha começado. Bem cedo a procissão já fazia a saudação da casa, e seguia, de casa em casa, durante o todo o dia, com este mesmo ritual. Quando eu vi a banda, quem eram os músicos? Era o José da Areia, o seu João Batista, o Zé Patrocínio e outros homens que estavam trabalhando comigo. Eram músicos, e há 40 anos a novena de São Pedro não acontecia. Em uma semana, eles prepararam a festa e estavam tocando e fazendo a coreografia!

O que era a música para esse povo? No momento em que o problema da água foi resolvido, a música apareceu e a novena aconteceu! Onde estava esta música se não havia ninguém preservando? Estava em cada pessoa daquele local. E isso me levou a uma reflexão sobre esta matéria que estamos tratando. A música é alguma coisa que parece no ser humano – eterna.” ■



Rufo Herrera
Ouro Preto, 16 de julho de 2006



FOTO: CLICK ESTÚDIO

RUFO, PRESENTE

Guardo memórias, aquelas mais importantes, no coração. Sei que não é “inteligente” e que corro o risco de que elas se esvaíam por entre as artérias do tempo. Não faz mal. Pago o preço que for para que, cada vez que elas vierem à tona, me arranquem o mesmo sorriso ou a lágrima do momento vivido. Talvez um dia eu vá me render em teimosamente desmerecer as qualidades do papel. Mas sigamos.

O ano era 1998 (talvez 1999). Havia recém-descoberto uma amizade que, mal sabia à época, mudaria minha vida. Junto dela, as viagens entre Belo Horizonte e Ouro Preto se tornaram constantes. Como o maestro Rodrigo Toffolo costuma citar em alguns concertos, a cidade histórica mineira é o paraíso para os estudantes que a frequentam. E que os inconfidentes me perdoem, mas existe mais de um significado para o tal “berço da liberdade”.

Voltemos. Eu me hospedava em sua casa, uma residência linda, atrás do museu, perto da praça, ao lado de tudo o que era novo (logo em Vila Rica!) para um adolescente ávido por novidades. Aquele clima inebriava não só a mim. A casa estava sempre cheia. Amigos, parentes, músicos, pensadores, amigos dos amigos... Certo é que, em uma mesa para seis pessoas, aperreada ao lado da cozinha, sempre coube o mundo inteiro. E foi ali, olhando pela janela, escornado com uma xícara de café, que ouvi um sol maior.

Era uma nota metálica, límpida, que fora absorvida pela alma, não pelo ouvido. Aquele timbre hipnotizante me fez acreditar na veracidade do conto de Hamelin. Sem conseguir (e sem querer) lutar contra, segui curioso atrás das outras notas. Foi quando me deparei com um senhor baixo, em uma posição meio corcunda, todo vestido de preto, com uma boina e uns óculos tortos (salvo engano, estava quebrado). Uma das cenas mais lindas que já vi.

Parei ao seu lado, mudo, e ali fiquei por cerca de 20 minutos (podem ter sido horas). Quando terminou, guardou aquela “espécie de sanfona” com zelo e disse alguma coisa que não consegui entender. Sua voz era baixa e me perdi entre o português e o espanhol.

Na noite daquele mesmo dia, na mesma casa, ao lado da escada que sobe ao segundo andar, aquele senhor estava à frente de uma “protorquestra” formada pelos filhos da casa e mais um punhado de amigos e, desde então, me apaixonei. Por tangos, milongas, bandoneons e Rufo Herrera. Karancafu!

Em 2023, Rufo completa 90 anos. Há 23 anos, ele fundou, juntamente com Ronaldo Toffolo, Rodrigo Toffolo e outros conjurados, a Orquestra Ouro Preto. Esta, por sua vez, navega inspirada na arte plural, na visão humanística e no companheirismo de um “campesino cordovês” que transcende limites e não se rende a rótulo, casta ou gueto.

Talvez leitores cuidadosos possam estranhar esse texto. Não narrei com legendas o conteúdo desta revista. Esse seria o papel tradicional do “editorial”. Pero, sinto lhes dizer: estão errados. Falar de Rufo é lembrar de nossa essência, de nossos princípios e fio condutor. Cada vez que subimos aos palcos, vencendo preconceitos, democratizando o acesso à música de concerto, trabalhando com excelência e versatilidade, principalmente em prol das novas gerações, Rufo está lá, presente. ■



Luiz Abreu

Diretor de Comunicação e Marca
da Orquestra Ouro Preto



FOTO ELAN ASCH

CRISTIAN BUDU
PIANISTA INTERNACIONAL

O CORAÇÃO AGRADECE

Depois de anos vivendo entre a Europa e o Brasil, em 2019 tomei uma decisão importante: mudar minha base brasileira de São Paulo para Minas Gerais. A verdade é que eu sempre me senti meio mineiro, mesmo sendo filho de romenos, mesmo tendo crescido em Diadema (SP). Até brinco, adaptando uma piada do meu pai, que sou mineiro “por opção” – e não “por acaso”, como todos que nascem lá.

Quando vim para Minas pela primeira vez, ainda adolescente, pensei: “Quando eu envelhecer, mudo pra cá”. Daí eu toquei com a Orquestra Ouro Preto, conheci a família Toffolo... e pensei: “Preciso mudar pra cá o quanto antes”.

Verdade; a música dá a você os melhores presentes, porque fala do profundamente humano, das belezas que permeiam nossa universalidade e nossa diversidade. A música permite que uma conversa aconteça sem palavras, ainda que cheia de significados – infinitos. Mas a vida de pianista clássico viandante não é tão glamorosa como se imagina e exige muito mais sacrifícios do que se espera. Algumas coisas que não parecem tão evidentes no palco são determinantes para que aquele momento seja especial, para que haja entrega desimpedida e total.

Estar num ambiente em que o primor do trabalho é valorizado enquanto cada um é inseparável do todo, em que o objeto a ser comunicado (tão imaterial, tão real) é consoante às relações humanas – a linguagem, viva e sincera, conectando cada ser presente –, tudo isso dá sentido à música. É solo fértil para plantar diálogos e faz brotar o melhor de cada pessoa. É isso o que eu sinto no lindo trabalho da Orquestra Ouro Preto e na maneira como sempre me acolheram.

Vira e mexe, o maestro Rodrigo Toffolo, que entende com profundidade o nosso meio cultural – e os novos tempos em que a música clássica precisa encarar desafios para não se alienar a seus valores intrínsecos e eternamente contemporâneos, humanos e artísticos –, me convida para experimentar um queijinho com goiabada e prosear (essas coisas importam mais do que pode parecer). Ele fala algo que eu gosto muito: “Não é trazer as pessoas para dentro da caixa. É abrir a caixa”. Um ser humano e artista genial, quando é mineiro, às vezes faz isso. Dá a você uma aula com palavras que se misturam ao sabor do cafezinho da tarde (outro conceito extremamente subestimado em outros lugares).

Já foram 12 vezes desde 2016: a orquestra com a qual mais toquei concertos na minha vida de pianista foi a Orquestra Ouro Preto. Teve Bach, Mozart, Beethoven, André Mehmari, Chopin, Duke Ellington, Grieg... Cada vez é diferente, mas toda vez é tão bom fazer música com eles! Não à toa escolheram “Excelência e Versatilidade” como mote – e o representam. De um jeito bem mineiro que “come quieto”, a Orquestra Ouro Preto simplesmente revolucionou nosso meio musical com sua história prolífica e brilhante.

Quando uma instituição guia seu corpo artístico com valores humanos que não estão só no papel, mas também na conversa “do cafezinho com pão de queijo” e na conversa “da batuta com o piano”, você não só dá o melhor de si, como também descobre algo novo ao fazer isso. Porque a inspiração contagia e você passa a sentir e ouvir as coisas de outro jeito. E, acima de tudo, seu coração quer agradecer e oferecer algo, do jeito mais bonito e sincero, para retribuir os melhores presentes que essa vida lhe dá. ■

SOBRE

Fenômeno na música de concerto, o pianista Cristian Budu é apontado com um dos principais nomes do instrumento na atualidade. É vencedor do renomado Concurso Internacional Clara Haskil, na Suíça.

FERNANDA TAKAI
CANTORA E COMPOSITORA

“VOCÊ VAI CANTAR COM A ORQUESTRA?!”

Ano que vem completará uma década do meu primeiro encontro com a Orquestra Ouro Preto para ensaiarmos um concerto que aconteceu na Praça da Liberdade.

Quando um convite assim acontece, logo vem à cabeça uma dúvida: puxa, será que eu tenho competência para um espetáculo desses? Por mais que a gente tenha experiência de muitos anos na estrada, é diferente estar sob a batuta de um maestro e ter no palco outros músicos e profissionais que vêm de uma escola diferente da minha.

Qualquer encucação se desfez quando estivemos juntos no ensaio. A gentileza, o respeito e a atenção de todos, tendo na figura do maestro Rodrigo Toffolo a chave para esse intercâmbio tão descomplicado entre uma formação clássica e outra popular, contribuíram para o equilíbrio de tudo. Acredito que esta seja uma das características mais fortes da Orquestra: buscar ampliar o seu público por meio dessas conexões com repertório e artistas de outros universos.

Torci muito para que essa amizade musical não ficasse restrita àquele momento. Demorou um pouquinho, é verdade. Afinal, a Orquestra tem tantos outros projetos lindos... e eu acompanhava a distância, como plateia.

Foi somente em 2019 que demos início a uma sequência de apresentações pelo interior do estado de Minas Gerais, num concerto que tinha como base o repertório do álbum que fiz junto com Roberto Menescal e Marcos Valle, dedicado ao maestro Tom Jobim. O *Tom da Takai* com a Orquestra Ouro Preto ganhou arranjos inéditos do amigo Arthur de Faria e transformou-se numa das coisas mais incríveis que já pude cantar ao vivo.

Veio a pandemia e, em meio a tantas alternativas que o setor da cultura e das artes buscava para levar conteúdo de qualidade às pessoas e também produzir receita que sustentasse as famílias envolvidas, fizemos duas apresentações *online* memoráveis.

Enquanto o ritmo usual das apresentações ao vivo não era possível ainda, chegou um convite irresistível: rever o repertório do Pato Fu, que completaria 30 anos, com arranjos novos escritos para a ocasião. Ficamos felizes demais, pois sabíamos que tanto o maestro quanto vários integrantes da Orquestra ouviam nossa banda desde a pré-adolescência – não estou exagerando; eles são jovens mesmo!

Desta vez, convocamos o trombonista Paulo Malheiros para escrever as partes da Orquestra e nos divertimos escolhendo as canções que mereciam ganhar essas novas cores. A lista de músicas incluiu não apenas os sucessos, mas algumas faixas que a gente pensava, num passado não muito recente, “como seria maravilhoso ter cordas de verdade aqui”. Sonho realizado. Saímos numa turnê estadual, registramos em imagens o primeiro concerto no Inhotim e em áudio o último deles, no Palácio das Artes. Este ano teremos finalmente nosso álbum em parceria lançado nas plataformas digitais.

Ainda bem que eu disse sim. ■

FOTO TIBÉRIO FRANÇA



FABRÍCIO CARPINEJAR
POETA, CRONISTA E JORNALISTA

VIOLINO DO AVÔ

Vivíamos com um violino exposto no armário.

Ninguém de casa tocava o instrumento.

Tampouco era um objeto de decoração.

Tratava-se de meu avô conosco.

O violino não tinha mais cordas. Uma criatura estranha sem os cabelos das notas, sem as mechas dos sons, sem a raiz capilar das partituras.

O bojo vazio destacava-se no silêncio da noite como um olho desprovido de cílios. Não poderíamos ter um porta-retratos mais leal de Leônida.

O violino nos mirava com a sua pupila atenta e insone sempre que passávamos pela sala. Ele denunciava a nossa origem cigana.

O avô parou de ensaiar perto de morrer. A asma substituiu a Sonata Kreutzer, de Beethoven, sua preferida.

Ou talvez, como artista, tenha engolido o violino. O sopro do pulmão não deixava de ser uma corda atritada entre o amor de um homem e o arco de Deus.

Eu perguntei para a mãe o motivo de o violino permanecer nu daquele jeito.

Ela explicou:

— Um violino sem cordas é poesia. Você completa a ausência com a saudade.

Somos poetas de violinos sem cordas, herdeiros de um solista.

Era uma vez uma família. Não; era uma vez um pedaço de madeira. ■

FOTO DIEGO LOPES



**RENATA DO CARMO**

JORNALISTA, EDITORA EXECUTIVA DO PROGRAMA “ROLÊ NAS GERAIS”,
DA TV GLOBO MINAS

OURO NOSSO

Eu sempre falo que a Orquestra Ouro Preto faz parte da minha história – profissional e pessoal. Tive o privilégio de acompanhar o projeto desde o início.

Um jovem maestro, que já mostrava talento e inquietude. E músicos e musicistas ávidos por se aventurarem em partituras. Partituras essas que foram tomando volume com os anos, se tornando mais diversas e desafiadoras. E assim o repertório da Orquestra se apura, junto com seus virtuosos.

No mundo muitas vezes sisudo da escola clássica, romper fronteiras exige coragem. Isso não faltou a Rodrigo Tofollo e companhia. Trataram a música popular com a mesma importância das peças eruditas.

Um dos trabalhos mais primorosos nasceu do encontro com o mestre pernambucano Alceu Valença. Espetáculo que tive o privilégio de assistir nas areias de Copacabana, com um público encantado, de várias nacionalidades.

Dialogar com a MPB, com o rock...

Outro show inesquecível foi em Inhotim, para celebrar os 30 anos do grupo mineiro Pato Fu. Fazer a obra dos Beatles ainda mais genial? Eles conseguiram. E até uma ópera-rock com o som grunge da banda Nirvana.

Em 2023, mais um ano para colecionar prêmios e plateias. Compartilhar arte e conhecimento na academia criada para lapidar jovens musicistas. Multiplicar sonhos. Forjar possibilidades.

Quando eu falo que a história da Orquestra passa pela minha é porque, além de jornalista, que a acompanha, sou público, sou fã.

E sinto orgulho dessa trajetória, porque sei que ela também é nossa. É de Minas, é do Brasil. Um ouro musical, que reluz muito além das fronteiras. ■



FOTO: HELVÉCIO CARLOS

ESTANDARTE

Nesta altura do campeonato, há quem dê graças a Deus pelo fim do carnaval, com a vida de volta ao normal. Mas existe também a turma que, mesmo sobrevivendo a ressacas homéricas e até hoje encontrando purpurina pelos cantos da casa, sente saudades do mês de fevereiro.

Seja qual for o grupo de que você faz parte, uma coisa é certa: a música foi o combustível para que o corpo não falhasse durante quase um mês de folia.

Pelas ruas e avenidas, em blocos ou escolas de samba, os foliões se jogaram, fantasiados ou de cara limpa, ao som de harmonias, percussões, letras apaixonadas, irreverentes ou alegres. Ninguém se preocupou se a bateria atravessou ou se a voz do puxador não era lá essas coisas.

Ah, o que valia era a música entrando pelo corpo como por osmose, atravessando veias e artérias para sacudir o coração, que pulava como se não houvesse amanhã. Foi numa dessas aglomerações carnavalescas, no Gutierrez, em Belo Horizonte, que ocorreu uma das mais simpáticas homenagens à música, sem a qual não vivemos no carnaval, muito menos longe dele.

No meio da turba de homens, mulheres, adultos, velhos e crianças de todos os gêneros e cores, o estandarte de pano levava a palavra “música” bordada com flores. Ele se destacou naquela fuzarca.

Sem querer, o folião anônimo fez homenagem mais que merecida a ela, que nos dá força para enfrentar horas sob o calor senegalês e encarar a vida ao longo de seus 300 e tantos dias.

Aquela imagem é, na minha opinião, uma das mais memoráveis do carnaval que passou. Em meio à multidão, o folião seguiu ziguezagueando, desviando-se das pessoas e fazendo sua reverência.

A música sempre nos emociona. Dizem que agora estamos mais emotivos. Por isso, nunca foi tão atual o verso de Jards Macalé e Waly Salomão na canção *Flor da Pele* (“Ando tão à flor da pele/ Que qualquer beijo de novela me faz chorar”).

Culpa da pandemia, que nos trancou em casa, mudou nossas vidas e ampliou nossas emoções. Tanto que até mesmo os fidelíssimos fãs de Ivete Sangalo sentiram como nunca o prazer e a alegria do reencontro, ao vivo, com a rainha da folia.

No Expominas, onde foi realizado o carnaval *indoor* com três a quatro shows por noite, a baiana confessou estar emocionada em voltar a Belo Horizonte depois de um longo período sem se apresentar na capital mineira. Ela emocionou a plateia com seu repertório festivo, baseado em sucessos, que também trazia novas canções.

Os fãs de Ivete têm amor verdadeiro por ela, uma das intérpretes mais importantes da música brasileira. Nessa onda que mistura saudade dos encontros de outros tempos e músicas da trilha sonora de nossa vida, o repertório de Ivete mostra ainda mais a sua força.

Como não se emocionar quando ela canta o *hit Obrigado, axé*, de Carlinhos Brown, que diz: “Joga, joga as armas pra lá/ Joga as armas pra lá/ Traz a orquestra”. Ou com *Eva*, clássico dos clássicos da música baiana, versão para a composição dos italianos Umberto Tozzi e Giancarlo Bigazzi: “Me abraça pelo espaço de um instante (Eva)/ Me cobre com teu corpo e me dá/ A força pra viver, pra viver”.

Música não é só alegria ou entretenimento. Neste carnaval, sua força política foi reforçada nas passarelas do samba. Na Sapucaí, no Rio de Janeiro, a Beija-Flor levantou a arquibancada no desfile das campeãs com o samba-enredo. Dizia assim: “Eu vim cobrar igualdade/ Quero liberdade de expressão/ É a rua pela vida/ É a vida do irmão”. A azul e branco de Nilópolis ficou em quarto lugar depois de defender o tema “Brava gente! O Grito dos excluídos no bicentenário da Independência”.

Carnaval – ufa! –, só no ano que vem. Mas, para cruzarmos este 2023 ainda cheio de incertezas, nada melhor que a companhia agradável da música. No *streaming*, no rádio, nos concertos da Orquestra Ouro Preto, ela sempre estará ao nosso lado.

Como aquele folião, seguiremos o estandarte que faz reverência ao que nos alegra, nos emociona e traz esperança por dias melhores. ■

NENEL

JORNALISTA, AUTOR DO PROJETO “BAIXA GASTRONOMIA”

PARA TODOS OS PALADARES

Estou feliz e honrado com o convite para escrever algumas letras neste importante espaço, porém não vou mentir. Sinto-me um pouco nervoso. Afinal, são muitas as pessoas boas no trato com as palavras que já ocuparam este pedacinho aqui. Mas vamos lá.

Passei os últimos dias pensando em como a Orquestra Ouro Preto leva a música erudita a pessoas que antes não tinham acesso a ela, ou por desconhecimento ou por uma espécie de medo. Talvez por acharem – e me incluo nessa – que esse estilo fosse para poucos. E não é.

Se me permitem a empáfia, traço um paralelo com o meu trabalho, só que às avessas, já que me aprofundo há 15 anos na gastronomia popular, que durante um bom tempo foi deixada de lado por parte dos jornalistas especializados e dos críticos, como se fosse algo menor.

Enquanto venho tentando – ao lado de muita gente bacana – fazer da “baixa gastronomia” algo que nos volte a dar orgulho e que derrube preconceitos, a Orquestra Ouro Preto leva um estilo musical nem tão popular assim a milhares de pessoas das mais variadas classes sociais.

Até outro dia, o erudito parecia pouco palatável para muitos, sem que eles soubessem que, na verdade, ele pode ser altamente delicioso. É como uma bela porção de língua bovina ao molho vermelho. Muita gente vira a cara sem nunca ter experimentado. Vá lá! Coragem! Você não vai se arrepender e ainda vai pedir mais.

Entre tantos espetáculos oferecidos, o que mais me empolgou foi o concerto em que a Orquestra Ouro Preto dividiu os holofotes com a banda mineira Pato Fu, da qual sou fã desde 1995.

Depois, houve uma transmissão deste show pelo canal da Orquestra no YouTube, o que prova o que eu escrevi no início do texto: a Orquestra Ouro Preto está democratizando a boa música, oferecendo-a com carinho a todos nós. E isso é o mais importante para mim.

Comandado pelo maestro Rodrigo Toffolo, este valoroso grupo de estupendos músicos me transporta a um sonho de igualdade à *la* John Lennon. Feche os olhos e imagine um tempo perfeito, em que, além de música de primeira, o povo terá acesso a uma boa alimentação!

Comida, diversão e arte ao alcance de todos. É o meu desejo. E a Orquestra já deu o primeiro passo. ■





FOTO IRIS ZANETTI

YARA CAZNOK
PROFESSORA E PESQUISADORA NAS ÁREAS DE ANÁLISE E EDUCAÇÃO MUSICAL

UMA CARTA DE AMOR AO NÚCLEO DE APOIO ÀS BANDAS

O Núcleo de Apoio às Bandas (NAB) surgiu há 15 anos, em decorrência das ações artístico-sociais desenvolvidas pela Orquestra Ouro Preto (OOP), com apoio da Lei Rouanet. Alinhado e compartilhando muitos dos objetivos que movem a OOP, em especial a valorização e a dinamização da vida musical brasileira com a marca da criação na continuidade de nossas tradições, o NAB cuida, localmente, de um dos patrimônios de natureza material e imaterial mais significativos para a cultura mineira, as bandas.

Com aguda sensibilidade, não só musical, mas sobretudo social, o maestro Rodrigo Toffolo e o professor coordenador João Paulo Moreira atuam em uma forma de gestão colaborativa, dividindo-se nas funções artísticas e pedagógicas demandadas pelo princípio democrático que norteia o NAB. Todos os participantes do programa – maestros, professores e músicos das bandas – têm voz ativa e consciência de que são eles os principais atores na construção dessa inovadora e criativa ação.

Até o momento, as bandas integrantes do NAB são:

- Associação Musical Conceição da Lapa – Antônio Pereira
Maestro Giressi Lúcio da Silva
- Sociedade Musical de São Gonçalo do Amarante – Amarantina
Maestro Flávio José dos Reis
- Sociedade Musical 8 de Dezembro – Cachoeira do Brumado
Maestro Wellington dos Reis Magalhães
- Corporação Musical Santa Cecília – Itabirito
Maestro José Vieira
- Sociedade Musical São Vicente de Paulo – Mariana
Maestro Giovanne Arlindo Alves dos Santos
- Sociedade Musical 16 de Julho – Mariana
Maestro Washington Luiz Gonçalves
- Sociedade Musical Santa Cecília – Rodrigo Silva
Maestro Jair Antônio dos Anjos
- Sociedade Musical 13 de Junho – Santo Antônio do Salto
Maestro Aílton Oliveira
- Sociedade Musical São Caetano – Monsenhor Horta
Maestro Djalma Silva Pinheiro
- Corporação Musical União Itabiriteense – Itabirito
Maestro Ryan Douglas da Costa Xavier

Participam também do NAB as bandas do Núcleo Aliança:

- Banda Filarmônica de Aimorés (ASBAN) – Aimorés (MG)
Maestro Luiz Antônio da Silva
- Orquestra de Sopros de Icapuí – Icapuí (CE)
Maestro Reudson Maia
- Filarmônica Maestro Romildo B. dos Santos – Santana dos Matos (RN)
Maestro André Lobato
- Banda Municipal Lyra Guanduense – Baixo Guandu (ES)
Maestro Luiz Mathias do Santos Júnior

São muitos e diversos os saberes acumulados, as histórias de vida brasileira, os contextos geográfico-sociais e as realizações artísticas trazidos por todas essas “usinas” musicais que são as 14 bandas componentes do NAB. Como trabalhar com essa incomensurável riqueza patrimonial de maneira democrática, horizontal, criativa e respeitosa, transformando as diferenças – muitas vezes consideradas empecilhos – em valores e fonte de crescimento artístico-pedagógicos?

Para nos aproximarmos dessa resposta, propomos algumas reflexões que, iluminadas por algumas estrofes da canção *A Banda*, de Chico Buarque, revela o *modus operandi* do NAB e nos suscita mais duas perguntas: o que é uma banda e por que a criação do NAB?

*Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

Verdadeiro centro vivo de formação social-cidadã e musical, no qual saberes ancestrais se renovam incessantemente – e por isso se perpetuam –, a instituição *banda brasileira* tem um modo de ser que a diferencia de qualquer outro grupo musical. Incrustada no cotidiano das comunidades e cidades, a *mobilidade* de uma banda é uma das características mais eficazes na construção do sentimento de familiaridade, identificação e pertencimento dos moradores ao contexto histórico, geográfico, sociopolítico e artístico do qual fazem parte.

*A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia, que vivia escondida, surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

A banda vem até nós, avisando-nos e convidando-nos para alguma festividade ou celebração pública: passa à nossa porta, sobe a rua que estamos cruzando, “invade” nossa rotina e nosso isolamento (o ouvido não tem pálpebras...), convocando-nos para uma experiência humana que se dá em duas direções. Uma delas aponta para o passado, trazendo-nos a memória de uma identidade histórico-sonora compartilhada (a paisagem sonora de um espaço e de um tempo na qual nos constituímos); a outra é decorrente dessa consciência, que nos chama para o presente e para o futuro, para a responsabilidade de participar do aprendizado, da manutenção e da vivificação do sentido de vinculação à contemporaneidade, a uma localidade e a uma comunidade.

*A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

Uma segunda particularidade da banda, no Brasil, é sua estreita relação com a vida cívica, social, política, laboral e espiritual de uma cidade ou distrito. Por sua presença indispensável na realização de um calendário – nacional ou regional – repleto de efemérides, de festividades laicas e de celebrações sacras e/ou litúrgicas, a banda assume e reafirma, mais intensamente que qualquer discurso oral, os valores que representam uma comunidade. É por meio da música ao vivo – experiência de fruição artística insubstituível e momento privilegiado em que todas as gerações se encontram com um objetivo comum – que os eventos comemorados ampliam seu sentido, ganhando um significado emocional e se inscrevendo em nossa subjetividade como parte de nossa vida afetiva interpessoal.

*A moça triste, que vivia calada, sorriu
A rosa triste, que vivia fechada, se abriu
E a menina toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

Sim, com a música, essas performances adquirem o potencial de mover o mundo interno dos ouvintes participantes, proporcionando a chance de, individual e/ou comunitariamente, nos sentirmos autorizados, legitimados e dignificados em nossas emoções. Alegrias, energias, tristezas, lutos, sonhos, esperanças, desalentos e outros infinitos sentimentos são evocados pela música quando celebramos uma data que nos orgulha, quando refletimos sobre a Paixão de Cristo ou quando brincamos, despreocupadamente, o carnaval. Este é, também, um dos papéis intrasferíveis de uma banda: ser a guardiã da dimensão sensível de nossas experiências, em que conteúdos humanos solidariamente vividos, aqueles que, imbricados na história e no espaço social construído por pessoas concretas e reais, nos constituem como protagonistas de nossos destinos.

Um outro aspecto muito importante a ser realçado e que não é, necessariamente, evidente nas apresentações musicais é a atuação da banda como escola de música. Ponto de referência de conhecimento e de cultura inserido no cotidiano de uma comunidade, a sede de uma banda funciona como um ateliê no qual mestre e aprendizes se ocupam com os múltiplos afazeres que giram em torno da pedagogia e das práticas musicais, incluindo a criação e a preservação de repertório.

*O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela*

Como centro de formação musical contínua, a banda brasileira desenvolve, desde a origem, um aspecto que tem se tornado cada dia mais importante e que é objeto de estudos nas últimas cinco décadas em nossa sociedade: a interação socioeducativa entre diferentes gerações, ou seja, a prática da intergeracionalidade no processo pedagógico. Equilibrando a experiência e o saber acumulado pelos mais velhos com, principalmente, o domínio da tecnologia que a geração de nativos digitais possui, a troca de experiências (e de repertório) fomenta, para além do aprendizado musical, inúmeros benefícios éticos, morais, espirituais e existenciais. O encontro de maneiras distintas de viver, de pensar e de interferir no mundo presente, vivido – em algumas situações, como conflito de gerações – é, para os integrantes de uma banda, um valor a ser cultivado. A convivência intergeracional implica respeito e valorização de ideias e visões diferentes não obrigatoriamente são excludentes, e



FOTO IRIS ZANETTI

Pequeno aspirante a músico de banda segue o cortejo pelas calçadas de Ouro Preto durante a Mostra Final do Núcleo de Apoio a Bandas de 2018

a assunção dessa postura é um dos maiores fatores de propulsão da criatividade, da solidariedade, da flexibilidade de pensamento e da inclusão. Caminhar com sapatos – mais novos ou mais amaciados – de outros é experimentar-se como alguém que não sou eu; é abrir-se para diferentes maneiras de ser e de estar no mundo; e é a possibilidade real de crescimento humano e de criação artística. E qual escola ou instituição musical poderia ser mais ativa nessa forma de aprendizado e de construção de conhecimento, partindo da solidariedade intergeracional, que não uma banda?

No tocante à dimensão pedagógica em si, esses diálogos e essa troca de experiência entre as gerações promovem uma cadeia de sentimentos positivos e de capacidades cognitivas, psicossociais e empáticas que são fundamentais para o aprendizado: fortalecimento de laços interpessoais, aumento da autoestima, espírito de colaboração (e não de competição), estímulo à generosidade intelectual e artística, resiliência e conservação da esperança, consciência e revisão de conceitos e preconceitos, segurança na expressão de anseios, sonhos e angústias, respeito mútuo, acolhimento de dificuldades particulares e comuns, satisfação nas conquistas e no esforço compartilhado, entre muitos outros.

*O homem sério, que contava dinheiro, parou
O faroleiro, que contava vantagem, parou
A namorada, que contava as estrelas, parou
Para ver, ouvir e dar passagem*

Resultado imbricado à prática educacional intergeracional solidária está a inclusão social, tema também muito debatido e reivindicado por qualquer sociedade que se queira democrática. O princípio de entrada de um músico na banda não exclui ninguém por razões de ideologia, etnia, sexo, religião, idade, extrato social ou nível de conhecimento musical. Participa da banda quem tem interesse, quem se dedica aos estudos e compromissos, quem assume a responsabilidade de contribuir para o crescimento do grupo. A questão do “talento musical”, entendido como “dom divino”, que é “parcamente distribuído pelas divindades” aos virtuosos, também não é critério de seleção e/ou de permanência. O espírito comunitário de uma banda valoriza os atributos humanos e depende muito mais deles do que dos atributos puramente musicais. Por isso, ela é o organismo social cuja excelência nas ações inclusivas deve ser tomada como parâmetro para as demais instituições que queiram promover um ensino musical que garanta os direitos e deveres de qualquer pessoa à arte e ao conhecimento.

Consciente de todos esses pontos apresentados e tomando-os como fundamento de suas proposições, o NAB criou um procedimento metodológico dialógico-freireano de trabalho que, em todas as suas fases, respeita profundamente e elege, como ponto de partida, a história e o trabalho desenvolvidos e conquistados pelas bandas integrantes do programa. Essa postura está em total consonância com o que Paulo Freire defende em seu livro *Pedagogia da Autonomia*: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros”.

Uma breve descrição das fases de implementação e na continuidade de ações do NAB nos confirma a assunção dessa postura ética.

Como primeiro passo, o NAB vai ao encontro das necessidades de cada grupo com a missão de identificá-las e compreendê-las. É uma pesquisa de campo, cujo contato presencial – conversas com maestros, diretores e/ou presidentes e músicos das bandas – determina o planejamento de atividades. Ouvir, acolher suas demandas, confiar que eles, melhor do que ninguém, sabem de suas necessidades, carências e desejos os torna coparticipantes e coprodutores das transformações almejadas. São eles os sujeitos da ação, os detentores do olhar que vislumbra os possíveis caminhos do desenvolvimento.

Em um segundo momento, após reflexão e discussão com a equipe de gestão pedagógica e de produção do NAB, há uma devolutiva aos interlocutores iniciais, ou seja, uma reunião de apresentação de um plano de ações desenhadas, conferindo sua prioridade e exequibilidade com a comunidade.

É somente a partir da revisão conjunta do plano de ações idealizado, momento em que a eleição das prioridades é equilibrada entre sonho e realidade financeira, que a realização das ações acontece.

Crucial, nesse momento de decisão e de posterior concretização das ações, é a participação da Equipe de Produção do NAB. Sua expertise logística opera para que os encontros, as reuniões e as oficinas ocorram nas melhores condições possíveis de infraestrutura física, material e humana, reafirmando um princípio vivido cotidianamente pelos músicos: forma e conteúdo são indissolúveis.

Nos anos iniciais, o NAB realizou, com periodicidade trimestral, oficinas para instrumentistas de metais, madeiras, percussão e também de regência. Abertas a todos os músicos que se dispusessem a participar, as oficinas tinham por objetivo, além do estreitamento dos laços de confiança entre ambas as partes, o aprimoramento técnico-interpretativo.

Com o amadurecimento das experiências, o NAB avançou em parcerias com as bandas da região, tendo como lemas: respeito e valorização da história do grupo com a comunidade; estímulo ao fortalecimento de sua identidade sociomusical; respeito ao modo de funcionamento, incluindo a preservação de repertório e a adequação das atividades propostas ao calendário de apresentações, ensaios e compromissos da banda.

Correlata a essa postura, o próximo passo efetuado é uma pesquisa sobre recursos, bibliografia e materiais didático-pedagógicos já utilizados e desenvolvidos pela comunidade, investigação essa guiada pelos critérios de resultado (o material funciona?) e por sua maleabilidade em termos de ampliação, atualização e remodelação. É necessário realçar que, nesse trabalho de observação e análise de materiais, um acervo enorme de experiências e de repertório e a própria história das bandas são percebidos e atuam como parte importante das interações pedagógicas efetuadas.

O aprendizado e o crescimento verificados em todos os envolvidos nessas ações (incluída a equipe completa do NAB) apontam para a necessidade de responder a uma questão presente desde o início – como concretizar as ações solicitadas? A resposta só pode ser: por meio de um plano de *formação* e *transformação* continuada, partindo do reconhecimento da natureza do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo em artes: seu inacabamento. Todo músico experimenta, diariamente, a alegria e a angústia de lidar com algo (uma peça, uma aula, uma performance, uma escuta) que se recusa à estabilização em termos de “domínio

total”, de “conhecimento completo” ou de “interpretação perfeita”. Sabemos todos que isso é uma ilusão epistemológica; e que, justamente, é essa ilusão o estímulo que nos move em busca do “sempre mais” e do “cada dia melhor e mais profundamente”, até o fim da nossa vida. Ao apropriarmos-nos de um conhecimento, novas dúvidas, ideias e necessidades surgem contínua e eternamente, sinalizando não nossa incapacidade ou fragilidade, mas a ampliação da nossa percepção e consciência a respeito do processo do saber e do fazer.

Assumida a dinâmica da formação/transformação continuada, profissionais de diferentes especialidades – como arranjo, harmonia, percussão e técnicas de ensaio, entre outros – são convidados a ministrar cursos intensivos aos integrantes das bandas. A pauta desses encontros privilegia a compreensão de aspectos práticos e teóricos necessários ao enfrentamento de demandas comuns a todos os grupos musicais, como a busca da afinação, o equilíbrio entre diversidade e homogeneidade timbrística, a compreensão prática da harmonia na confecção de arranjos para as mais diversas formações e pedagogia do ensino coletivo, entre outros temas, sem deixar de lado questões particulares e localizadas.

A necessidade de uma base metodológica comum no ensino coletivo surgiu no amadurecimento dos encontros e discussões e, além do material já usado por algumas bandas – o *Da Capo: Método elementar para ensino coletivo ou individual de instrumentos de banda*, de Joel Barbosa, o método norte-americano *Do It*, de autoria de James O. Froseth, foi adotado. Cumpre realçar que a visão que o NAB tem sobre métodos de ensino é coerente com sua atitude de respeito e consideração pelas preferências e formas particulares de ser de cada grupo, isto é, todo e qualquer material pedagógico deve ser adaptado, complementado e “customizado” por seus usuários. Desdobramentos e ampliações de métodos, sobretudo com repertório brasileiro e contemporâneo e com a criação de exercícios específicos para problemas especiais, são não só esperados como incentivados.

Mais recentemente, o NAB tem investido na ideia de encomendar a músicos pedagogos de relevância nacional a criação de métodos cuja proposta didática seja resultante de experiências de trabalhos realizados com os músicos participantes de oficinas e encontros. Originais e diretamente ligadas ao contexto no qual nasceram e no qual serão utilizadas, essas publicações serão inauguradas com o lançamento, neste ano, de dois volumes da coleção *Metodologia para Ensino de Bandas*. O primeiro volume é *Prática de Ensaios*, concebido a partir de canções folclóricas brasileiras arranjadas por Rodrigo Vitta. O segundo volume, *Percussão – Estudos e Exercícios para Caixa, Bumbo, Prato e Bateria*, foi criado por Magno Bissoli Siqueira.

FOTO: IRIE ZANETTI







FOTO ANNE SOUZ

Oficina de Luteria realizada na sede da Orquestra Ouro Preto em 2022

Para finalizar esta longa carta, destacamos também outra importante ação inaugurada em 2020 pelo NAB, em prol de uma das maiores carências que atinge, praticamente, todas as bandas do Brasil: a situação precária e miserável em que se encontram grande parte de seus instrumentos. Impossibilitadas financeiramente de escolher e de adquirir instrumentos de mais qualidade e durabilidade, as bandas acabam “encostando” instrumentos com pequenas avarias, problemas de desgaste ou de fabricação. Essa situação acarreta inúmeros problemas objetivos: impede o desenvolvimento pleno da identidade e da expressividade timbrística do instrumento; a afinação correta – individual e em conjunto – é seriamente prejudicada; e, com menor número de instrumentos ativos, o repertório fica limitado e a sonoridade global do grupo, que explora a diversidade e as mesclas timbrísticas, se torna empobrecida. Reparos em luthiers especializados não são viáveis para muitas bandas, e a operação de envio, conserto e retorno dos instrumentos, além de demorada, aumenta sobremaneira os custos.

Do ponto de vista pessoal, essa situação de sucateamento dos instrumentos é vivida com muita tristeza e torna-se um grande fator de desestímulo ao crescimento do grupo. Um instrumento musical não é um simples objeto para quem o toca, mas, sim, um companheiro de caminhada com o qual o músico estabelece uma cumplicidade amorosa única. É através dele que parte de sua personalidade e de sua interioridade se expressa; é por meio de suas performances que o músico se insere e se posiciona no mundo – e nele interfere com suas contribuições. Um instrumento é o prolongamento, a continuação do músico, tanto do seu corpo físico quanto do seu corpo afetivo. Por isso, quando um instrumento apresenta problemas que impedem sua execução, seu abandono provoca um sentimento de impotência e de desesperança muito intenso.

A partir da constatação dessa realidade e com o intuito de transformá-la, o NAB criou, em 2020, mais um braço para complementar suas ações: a Oficina de Luteria. Marinaldo Lourenço e Souza e Juscelino Farias, conceituados e atuantes mestres não só na área da luteria, mas no universo das bandas brasileiras, foram convidados a integrar a equipe pedagógica do NAB. Eles criaram, durante o período da pandemia, 20 vídeos nos quais demonstram, com explicações detalhadas e acessíveis a todos, como fazer reparos a partir de equipamentos simples, por vezes já existentes em uma pequena oficina de consertos gerais ou até em uma cozinha.

Depois desse primeiro momento, em 2021, foi realizada a primeira Oficina de Luteria presencial e ali apareceu uma nova demanda de aprimoramento: um ferramental, para consertos e reparos, mais qualificado, capaz de atuar com precisão no trabalho de “ressuscitação” dos instrumentos. Além das habilidades de luteria, que incluem conhecimento de organologia (mecanismos, funções e constituição de cada parte do instrumento, material de confecção e sistemas de produção do som, entre outros) e um ouvido altamente treinado para perceber sofisticadas nuances de timbre, intensidade e afinação, era preciso que os músicos tivessem acesso a equipamentos e materiais profissionais.



FOTO IRIE ZANETTI

Entrega da “Caixa ConSerto” para manutenção de instrumentos – Aimorés (MG)

Assim nasceu a *Caixa de Luteria*, batizada, oficialmente, com o nome de *ConSerto*, para fazer um jogo poético entre o S e o C, afirmando a estreita e direta ligação entre a preparação (os consertos) e as performances (os concertos). Quatorze *Caixas ConSerto* completas foram montadas e entregues, uma para cada banda integrante do NAB, em setembro de 2022. Os 50 itens que compõem a caixa, cuidadosamente selecionados pela expertise de Marinaldo e de Juscelino, permitem a reparação e os ajustes de instrumentos de madeira e de metal. São ferramentas e materiais específicos para a realização de soldas, polimento, correção de partes amassadas e danificadas, limpeza e lubrificação. A *Caixa ConSerto* possibilita até mesmo a criação de uma pequena oficina de luteria em cada corporação musical.

Todas essas ações do NAB trazem resultados impactantes e transportam a vida musical das comunidades para outro patamar de envolvimento e de fruição do fazer musical. As escolas de música ligadas às bandas cresceram e, hoje, todos dominam, com autonomia, a leitura e a escrita musicais. A valorização do encantamento que a música provoca, movendo vidas que se dedicam a ela e ressignificando histórias e valores coletivos, talvez seja a razão de existir do NAB. Os benefícios pessoais e sociais de suas ações são incomensuráveis,

mas evidentes. Para nós, músicos e educadores, o NAB é um caminho em direção à esperança de um país mais justo, respeitoso e amoroso com seus cidadãos.

As palavras de Paulo Freire encerram esta carta: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Um abraço, obrigada e vida longa a você, NAB! ■

Yara



SOBRE

Yara Caznok é professora do Programa de Pós-Graduação em Música da UNESP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE de HOLLANDA, Chico. *A Banda*. Rio de Janeiro: RGE, 1966. LP. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**CONHEÇA A COLEÇÃO
ORQUESTRA OURO PRETO
CHICO REI.**

São 4 estampas incríveis para você deixar
o seu dia a dia muito mais musical.



www.chicorei.com

+

Canecas
Capas de celular
Posters
Sketchbooks





FOTO: CLICK ESTÚDIO

ENTREVISTA **RUFO HERRERA**

VIVA O MESTRE!

O bandoneonista, compositor e educador argentino completa 90 anos e conta um pouco de suas histórias, realizações e planos

Rufo Herrera é uma espécie de farol na cultura brasileira. Poucas pessoas têm seu nome e capacidade artística tão intrinsecamente ligados a diversos projetos, seja como criador, seja como incentivador. Na maioria das vezes, destaca-se em ambos os papéis.

Radicado entre as montanhas desde o fim dos anos 1970, o bandoneonista, compositor e educador notabilizou-se não apenas pela virtuosidade no instrumento, mas por sua atuação de experimentação e pesquisa – nos palcos; nos projetos de música, teatro e audiovisual; e no âmbito acadêmico.

Nascido em Córdoba (Argentina) em 1933, Rufo viveu a plenitude das orquestras típicas de tango numa cosmopolita Buenos Aires da época. Percorreu a América Latina em busca de suas raízes culturais e radicou-se no Brasil em 1963, tendo passado por São Paulo e Bahia antes de lançar a âncora em Minas Gerais.

Rufo Herrera completa 90 anos em 2023 e terá sua obra e vida celebradas pela Orquestra Ouro Preto, da qual é cofundador. Em uma conversa, Rufo revisita sua história e mostra que segue atento e em diálogo com o contemporâneo, certo de que tradição e vanguarda sempre andaram lado a lado.

O senhor acabou de lançar, no YouTube, os primeiros episódios da websérie *Cronologia do Tango*, um projeto feito durante a pandemia. O que o motivou a criar em um formato tão explorado pelas gerações mais jovens?

Rufo Herrera: Hoje em dia não falta público para esse tipo de música. O tango foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e tem alcance mundial. Mas não foi sempre assim. Nos anos 1960, o tango foi desaparecendo do grande público, pois os jovens não queriam consumir esse gênero. Para você ter uma ideia, quando saí de Buenos Aires, em 1959, e fui percorrer a América Latina com a ideia de continuar estudando, não dava para seguir trabalhando, porque as principais orquestras estavam desmanchando. E eu fiquei sem orquestra para tocar.

Piazzolla (*Astor Piazzolla, bandoneonista e compositor argentino*) também não estava muito melhor que os outros; a diferença é que, por já ser reconhecido internacionalmente, ele podia viajar. Então, montou um quinteto, viajou e conseguiu sobreviver. Quem não tinha essa condição, teve que parar. Mas depois que Piazzolla morreu, em 1992, ficou um vazio total. Nisso, uns jovens roqueiros, com seus 30, 40 e poucos anos, perceberam que o rock também estava perdendo o auge que teve entre os anos 1960 e 1990 e passaram a se perguntar o que realmente os representava. E assim começou o movimento de renascimento do tango. Esse movimento cresceu internacionalmente e, em vários países, podemos encontrar jovens tocando tango. Um gênero que não era para eles; nunca foi. Mas agora quem toca é a garotada.



Rufo com seu primeiro bandoneon, aos 10 anos, em 1943



Rufo, primeiro à esquerda, em frente a Escola Bela Vista, em São Paulo, onde se apresentaria ao lado da pianista argentina Beatriz Balzi - Ano provável: 1964

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Então o senhor está dizendo que, como tem uma nova geração se interessando pelo gênero, resolveu falar a língua deles?

Exatamente. Eu queria fazer um pequeno ciclo de videoaulas a fim de retomar a história do tango. Mas, antes disso, eu precisava resolver com quem eu ia gravar, porque estávamos na pandemia. Com o Quinteto Tempus não dava, porque colocar cinco pessoas dentro de um estúdio, naquele momento, não seria possível. Pensei no formato de trio e convidei duas pessoas que estão sempre comigo: o contrabaixista Fernando Santos e o violoncelista Antônio Viola. Falei com eles sobre o renascimento do tango e que eu queria fazer alguma coisa para contribuir. Porque uma coisa é clara: se a gente perguntar para qualquer desses jovens por que ele está tocando tango, ele responde: porque ouvi Piazzolla. E isso é incrível! Mas parece que não há dados de mais ninguém além dele. E eu queria mostrar como se chegou a Piazzolla. E eu sei como foi, porque eu fiz esse caminho. Na websérie, eu começo por Villoldo, em 1903, quando surgem os cafés-concerto, e vamos até a década de 1940.

A sua primeira escola foram as orquestras típicas de tango?

Na época que comecei, você estava salvo como músico se entrasse numa orquestra típica. Era difícil, mas com 15 anos entrei na primeira orquestra. Essa não foi só a minha escola, mas também a de Piazzolla. E depois, claro, ele continuou estudando, porque ele não queria fazer só tango; queria fazer sinfonia. E isso aconteceu comigo também. Eu fui com o tango até onde podia, depois passei para a música sinfônica.

Eu tive que sair do tango. Era 1969 e eu já tinha a primeira obra sinfônica premiada e conseguia sobreviver sem ter que tocar todas as noites em bares, churrascaria, o que para mim, àquela altura, era um castigo. Eu saí do tango, mas o tango não saiu de mim.

Então, vamos aproveitar esse assunto. Eu gostaria de abordar a respeito dessa luta do antigo com o novo. Mas o senhor sempre prezou, igualmente, a tradição e a vanguarda.

Sim. É isso que acontece. Também me encantava a música do século XX, com Stravinsky, Béla Bartók, Ravel, Gershwin. Quando comecei a compor, eu já estava com a cabeça na música contemporânea.

E por falar em contemporâneo, sabemos do seu papel na história da Orquestra Ouro Preto, que é tão referencial. Mas qual o papel da Orquestra Ouro Preto na sua história?

É uma dessas utopias que se realizam. E fui feliz no momento em que tive essa oportunidade. Fui contratado pela UFOP para dar cursos livres de música e teatro, que eram trabalhos de extensão. Lá conheci Rodrigo Toffolo, Chiquinho de Assis e Márcio Lima, que formavam um trio e me pediram uma música para gravar. Além disso, Rodrigo e Rodolfo, seu irmão, já tinham um quarteto de cordas e já estavam tocando.

Ali começou a ideia da orquestra. Faltava apenas se dedicar a isso e ter a ambição de realizar. Logo fui apresentado ao Ronaldo Toffolo, pai do Rodrigo, conhecido por sua capacidade realizadora. Ele entrou com o maior entusiasmo do mundo nesse projeto e tudo começou a acontecer.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Recortes das andanças de Rufo quando fazia parte do corpo docente da Universidade Federal da Bahia



Rufo e João das Neves preparando o espetáculo "O Último Carro"



E desde então se passaram 23 anos. Hoje a Orquestra é uma referência nacional e internacional. O senhor esperava isso?

A gente acredita. Eu acredito nas coisas que eu faço, senão prefiro nem fazer. Eu acreditava nas pessoas que eu estava conhecendo; elas tinham paixão pela música. Então, tinha que ser a música e ponto. Portanto, vestimos a mesma camisa e pensamos na mesma direção, com o mesmo amor. Além disso, ali em Ouro Preto, pensando na tradição musical da cidade, não ter uma orquestra era inexplicável.

Tínhamos então uma escola de música e de teatro. Mas íamos formar músicos e eles tocariam onde? E o público? Tínhamos de oferecer música para essas pessoas, porque estavam abertas a isso. Mas não dá para formar um público que saiba apreciar a qualidade de uma orquestra se não fizer um trabalho de base bem-feito. Não se forma bom público com música ruim.

Precisávamos também montar repertório para esse grupo que era *sui generis*; não configurava uma formação tradicional de câmara. O que era possível adaptar do repertório clássico nós adaptamos, do romântico, do barroco. Mas, com o mesmo rigor, tínhamos que ter chorinho e música popular brasileira. Tinha que ter a língua do povo. Tinha que ser de muito boa qualidade, mas sem perder de vista o compromisso de dialogar e formar um público. Do contrário, ia tocar para quem?

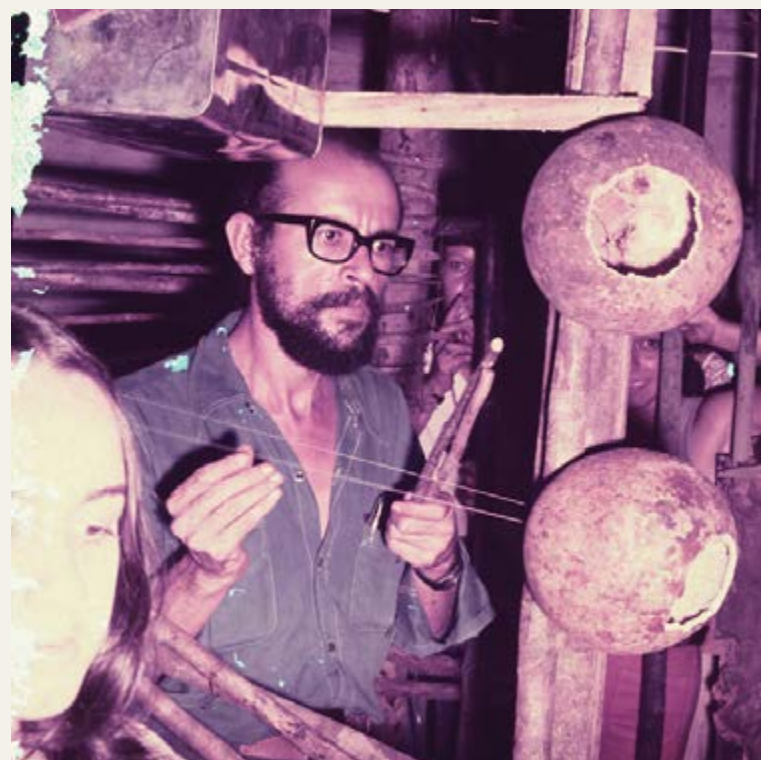
Não acha que esse pensamento tem a ver com suas tantas viagens pela América, conhecendo culturas e musicalidades diferentes?

Sem dúvida. Muitos me perguntavam: por que não ir para a Europa? Eu respondia: me sinto mais perto da música latino-americana porque nasci aqui. Por isso queria conhecer outros países latinos, sentar com as pessoas, conversar, sentir de onde vêm, tocar com elas. Eu não era de ir atrás de teorias musicais. Estive por todos os lados, do Chile ao Panamá. E trabalhei em cada lugar, não fui apenas como turista. Eu toquei com as pessoas, lutei e sofri com elas. Isso me deu muita compreensão do peso que tem uma cultura de raiz. Ela é indestrutível se você souber tratá-la bem. Por que a gente vai desconhecer o processo da gente?

O senhor tem uma imagem totalmente conectada ao seu bandoneon. Quem escolheu quem?

Quando eu vi um bandoneon pela primeira vez, eu tinha 5 anos. Eu morava no campo, no interior de Córdoba; meus pais eram camponeses. Ali eu tinha uma referência: meu pai tocando violão toda noite, interpretando folclores antigos. Em um 9 de julho, um trio de Córdoba foi se apresentar em uma festa. O trio era formado por um bandoneon, um violino e um violão. Quando eles começaram a tocar, eu ouvi aquele som e pensei: "não é possível". Eu me apaixonei pelo timbre do instrumento.

Fiquei com a imagem do bandoneon na cabeça. Depois, fiz a forma dele de madeira, como eu me lembrava, e fingia que tocava, imitando o som com a boca. E sempre que meu irmão aparecia lá em casa, eu pedia a ele para me dar um. E ele me falava: "Você acha que é fácil tocar um bandoneon? Primeiro que você não vai aguentar nem carregar, são 8 quilos! Você vai ter que esperar. Quando você tiver 10 anos e passar de ano certinho, eu te dou. Mas vai ter que tocar no meu casamento". Esse foi o compromisso. Quando fiz 10 anos, ele me conseguiu o bandoneon.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Alguns registros de Rufo nos anos 1970 e 1980

Mas houve um período de separação do bandoneon, né?

Eu fiquei acovardado, porque era um tempo muito difícil. Tínhamos aqui uma ditadura, os projetos de cultura estavam com as vacas magras, o mercado de trabalho não existia. Então eu tive que tomar uma decisão para seguir com a música, porque do tango eu não ia conseguir sobreviver. Difícil isso. Mas tem uma coisa importante: a acolhida que o povo brasileiro me deu. Foi tanto carinho e generosidade que eu fiquei em dívida com o país. E pensei que devia fazer algo de volta para o Brasil. E esse sentimento de retribuição foi uma das coisas que me fizeram ir para Ouro Preto e assumir essa luta na universidade (por 22 anos). Eu tinha isso na cabeça: “Você dar o melhor de mim para esse lugar”. Com isso, o tango e o bandoneon cederam lugar a um compromisso de tempo integral com a composição e a pedagogia.

O senhor tem uma trajetória rica: artista autodidata, virtuose no seu instrumento, estudioso, compositor e grande educador, passando por Bahia, São Paulo, Minas Gerais. Como um autodidata se torna referência como educador? E que papel tem a educação na vida do senhor?

Isso talvez tenha vindo do meu pai, que tinha obsessão por educação. Ele levava isso muito a sério. A gente começava a falar e ele já estava nos alfabetizando. Com 4, 5 anos, eu ouvia quando ele mandava meus irmãos lerem as fábulas de Esopo e tudo quanto era literatura. Também a música fazia parte desta educação, mesmo que inconscientemente, pois ele tocava toda noite. Então, de um lugar onde você não podia esperar cultura nenhuma, cheio de precariedades, eu saí um culto. Porque aquela casinha era de taipo, não era uma fazenda. Mas isso me moldou.

Quando eu cheguei à Bahia para dar aula na universidade, eu escolhi uma área curricular, de disciplina obrigatória, e outra que era a pesquisa da linguagem da música contemporânea. Minha cabeça já fervia com tudo isso.

E eu queria muito trabalhar com os alunos em oficinas de criação. Para ser um criador, compositor, tem que superar algumas coisas que o ser humano é educado para aceitar como limitação e acreditar em si mesmo. Se você tem uma ideia, vai lá e escreve, faz, ouve. Você não faz porque tem medo da crítica ou de ser ruim. Eu trabalhava basicamente para que eles descobrissem, sozinhos, até onde poderiam ir. Depois, como convivia com a escola de música, de dança, de teatro, de artes plásticas, eu comecei a me envolver com as artes integradas.

Foi assim que o senhor foi trabalhar com o dramaturgo João das Neves?

Sim. Eu fui fazer *Um Homem é um Homem* com o João; depois ele me chamou para fazermos *O Último Carro*, no Opinião. Aí eu me enveredei pelo teatro. E isso contribuiu para que eu fizesse óperas.

E aí o Grupo Officina Multimídia e a Fundação de Educação Artística entram na sua vida?

Quando eu fiz esse trabalho lá no Opinião, já havia o Festival de Inverno da UFMG em Ouro Preto; acho que estava em sua décima edição. O Marco Antônio Guimarães, uma pessoa muito importante na minha história, assistiu a uma montagem que fiz com o primeiro Grupo Officina Multimídia, ainda na Bahia, quando fomos estreitar a peça em São Paulo, no Masp. Pouco tempo depois, ele voltou para Belo Horizonte e encontrou a Berenice Menegale



FOTO: IRIS ZANETTI

“

Pensando na tradição musical de Ouro Preto, não ter uma orquestra era inexplicável”

na Fundação de Educação Artística. Ele comentou com ela que conhecia um professor que estava fazendo um trabalho com artes integradas. E me convidaram para vir para a Fundação.

A partir daí, reunimos um grupo de artistas, fizemos uma montagem no Festival de Inverno de 1976, seguimos com esse trabalho no ano seguinte, nos apresentamos novamente, e assim formamos um grupo muito bom de artistas; já existia ali um coletivo artístico. E eu fiquei com eles, à frente do grupo, dirigindo e escrevendo, até a Ione de Medeiros assumir a direção. E até hoje eu acompanho tudo o que posso, porque quero, porque gosto, porque criei um vínculo. E porque eu tenho muito orgulho desse grupo.

O senhor disse que se aposentou como professor. Mas o senhor segue praticando o instrumento, tocando, compondo?

Eu tenho que continuar tocando. Primeiro, porque, até bem pouco tempo, eu tinha dois alunos que eu precisava orientar; e eu me sentiria culpado caso não o fizesse, porque não havia muitas opções para eles estudarem. Segundo, eu não penso em parar porque eu gosto de tocar. E o público é muito respeitoso comigo. Portanto, devo isso a eles também.

Existem projetos para comemorar os 90 anos, além das homenagens com a Orquestra?

Tem a websérie *Cronologia do Tango*, que estamos lançando os últimos episódios; e tem várias coisas para confirmar e que eu gostaria muito de fazer. Mas estou indo devagar, porque eu caí e quebrei o ombro. E estou me recuperando agora. Tenho que ter muita paciência, porque eu melhorei, mas machuquei justo o braço mais importante para tocar o bandoneon, que é o que puxa o fole; no meu caso, o esquerdo. Então, estou recomendo a estudar e confirmo tudo quando eu puder voltar a tocar para valer.

A gente falou tanto de música popular... Milton Nascimento cantava que os sonhos não envelhecem. O que ainda o faz sonhar?

Eu tenho obras para fazer. Coisas com o bandoneon, que, por muito tempo, eu empurrei com a barriga, porque realmente era muita coisa. Na época das óperas, cada uma me tomava dois, três anos de trabalho. Não tem como fazer outra coisa. E eu fiz quatro óperas. Com isso, eu não podia dedicar muito tempo ao bandoneon.

E o que o Rufo de 90 anos diria para aquele menino que, aos 5 anos, viu um bandoneon pela primeira vez?

Você não tem ideia no que você me meteu, seu moleque atrevido! ■

FOTO CLICK ESTÚDIO





LAPIS/ABAO

ESTAMOS
ENSAIANDO
UM AMANHÃ
MELHOR.



Quando as luzes se apagam para começar um novo espetáculo, novas possibilidades de mundo se acendem. A cultura transforma as pessoas. E é por isso que a CBMM apoia projetos culturais, como o Festival Dançaraxá, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais e a Orquestra Ouro Preto. Investindo na transformação das pessoas pela arte, estamos construindo um amanhã melhor para o mundo.



Acesse www.cbmm.com e saiba mais.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

NÚMEROS 2020-2022

FOTO IRIS ZANETTI



O ano de 2020, em que a Orquestra Ouro Preto comemorou 20 anos de atividades, também foi um ano de grandes desafios. Longe dos palcos e dos aplausos calorosos, as comemorações previstas em mais de 60 concertos da temporada foram adiadas e nosso contato com o público passou a ser virtual.

As mídias sociais passaram a ser nosso palco provisório. Nós nos reinventamos em *lives*, concertos *online*, apresentações em telas divididas, aulas e ensaios virtuais. E o carinho de nosso público veio junto. Com doses diárias de afeto, conseguimos ampliar nosso alcance, chegando em mais lugares e a pessoas das mais diversas partes do mundo. ■



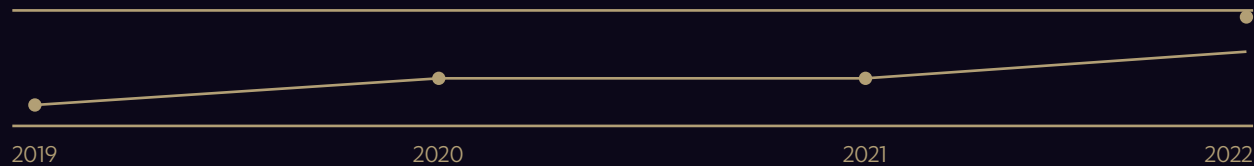
Considerando as mídias sociais nas quais estivemos presentes, alcançamos de pessoas diferentes entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022.

65 milhões



Entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022, a Orquestra foi mencionada em sites, revistas e programas de televisão e rádio.

5.190 vezes



Durante toda a temporada de 2022, alcançamos o incrível número de **198 mil pessoas presentes** em nossos concertos.

198 mil



PERÍODO: DEZEMBRO 2020 - MARÇO 2023



304% DE AUMENTO
em número de seguidores

288% DE AUMENTO
em número de seguidores

1.315% DE AUMENTO
em número de seguidores

107 MIL
inscritos

10,1 MIL
inscritos

103 MIL
inscritos

1,2 MILHÃO
de **contas alcançadas** por mês, em média

120 MIL
ouvintes mensais por mês, em média

25 MILHÕES
de **visualizações** no total na plataforma

1.452% DE AUMENTO
nos indicadores de engajamento e relevância

193% DE AUMENTO
no número total de *streams*

223% DE AUMENTO
no número total de *views*

RETROSPECTIVA 2022

De escolas dos distritos de Ouro Preto até a Praia de Copacabana, a Orquestra comprova sua versatilidade democratizando o acesso à música de concerto em um ano muito especial.

FEVEREIRO 2022

SÉRIE ORQUESTRA NOS DISTRITOS

DATA: Fevereiro e março de 2022
MOTIVO: Concertos sociais gratuitos
LOCAL: Escolas dos distritos e da zona rural de Ouro Preto e Teatro Municipal Casa da Ópera
PÚBLICO: 2.036 alunos

ESCOLAS

15 de fevereiro Escola Municipal Benedito Xavier - Glaura
 Escola E. Padre Afonso de Lemos - Cachoeira do Campo
 Escola Municipal CAIC - Cachoeira do Campo
 16 de fevereiro Escola Municipal Aleijadinho - Santo Antônio do Salto
 Escola Estadual José Leandro - Santa Rita

17 de fevereiro Escola Municipal Monsenhor Rafael - Ouro Preto
 Escola Estadual Dom Velloso - Ouro Preto
 18 de fevereiro Colégio Arquidiocesano - Ouro Preto
 9 de março Escola Estadual José Leandro - Santa Rita

10 de março Escola Estadual Dom Velloso - Ouro Preto
 Escola Estadual Horácio Andrade - Ouro Preto
 Escola Estadual Dom Pedro II - Ouro Preto
 Escola Estadual Marília de Dirceu - Ouro Preto
 11 de março Colégio Arquidiocesano - Ouro Preto



MARÇO 2022

ANTONIO NÓBREGA E ORQUESTRA OURO PRETO: TIRANDO A CASACA

DATA: 20/3/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



ORQUESTRA OURO PRETO: THE BEATLES

DATA: 31/3/22
MOTIVO: Turnê Nacional Vale (1ª Sessão)
LOCAL: Teatro da Unip
Brasília (DF)
PÚBLICO: 500 (ingressos esgotados)



ORQUESTRA OURO PRETO: THE BEATLES

DATA: 31/3/22
MOTIVO: Turnê Nacional Vale (2ª Sessão)
LOCAL: Teatro da Unip
Brasília (DF)
PÚBLICO: 500 (ingressos esgotados)



**ANTONIO NÓBREGA E ORQUESTRA OURO PRETO:
TIRANDO A CASACA**

DATA: 3/4/22
MOTIVO: Turnê Nacional Vale
LOCAL: Teatro Arthur Azevedo
São Luís (MA)
PÚBLICO: 756 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 24/4/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
THE BEATLES**

DATA: 30/4/22
MOTIVO: Turnê Nacional Vale (1ª Sessão)
LOCAL: Centro Cultural
Parauapebas (PA)
PÚBLICO: 300 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
THE BEATLES**

DATA: 30/4/22
MOTIVO: Turnê Nacional Vale (2ª Sessão)
LOCAL: Centro Cultural
Parauapebas (PA)
PÚBLICO: 300 (ingressos esgotados)





FOTO IRIS ZANETTI

MAIO 2022

GÊNESIS: JOÃO BOSCO E ORQUESTRA OURO PRETO

DATA: 7/5/22
MOTIVO: Lançamento CD e DVD
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



GÊNESIS: JOÃO BOSCO E ORQUESTRA OURO PRETO

DATA: 8/5/22
MOTIVO: Lançamento CD e DVD
LOCAL: Praça de Eventos
Ouro Branco (MG)
PÚBLICO: 1.150 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
THE BEATLES**

DATA: 14/5/22
MOTIVO: Concerto Especial Sesc
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
THE ROLLING STONES**

DATA: 15/5/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 21/5/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Praça do Santuário
Divinópolis (MG)
PÚBLICO: 5.000 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 28/5/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Praça da Matriz
Conselheiro Lafaiete (MG)
PÚBLICO: 4.000 (estimativa)



JUNHO 2022

FERNANDA TAKAI E ORQUESTRA OURO PRETO: O TOM DA TAKAI

DATA: 5/6/22
MOTIVO: Festival Florir o Cerrado CBMM
LOCAL: Parque do Cristo
Araxá (MG)
PÚBLICO: 2.000 (estimativa)



ORQUESTRA OURO PRETO : PIAZZOLA 101, COM RUFO HERRERA E CÁRMELO DE LOS SANTOS

DATA: 12/6/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
Sesc Palladium
LOCAL: Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



JULHO 2022

ORQUESTRA OURO PRETO: THE BEATLES

DATA: 18/6/22
MOTIVO: Aniversário Vale 80 Anos
LOCAL: Parque da Água Santa
Itabira (MG)
PÚBLICO: 5.000 (estimativa)



DIOGO NOGUEIRA E ORQUESTRA OURO PRETO

DATA: 6/7/22
MOTIVO: Festival do Patrimônio Cultural
de Paracatu Kinross
LOCAL: Largo do Rosário
Paracatu (MG)
PÚBLICO: 10.000 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 9/7/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Praça da Matriz
Três Marias (MG)
PÚBLICO: 1.000 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 16/7/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Praça Tiradentes
Ouro Preto (MG)
PÚBLICO: 8.000 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO E VALE MÚSICA:
FERNÃO CAPELO GAIVOTA**

DATA: 14/7/22
MOTIVO: Intercâmbios Vale
Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**ORQUESTRA OURO PRETO E VALE MÚSICA:
FERNÃO CAPELO GAIVOTA**

DATA: 19/7/22
MOTIVO: Intercâmbios Vale
Teatro Riachuelo
Rio de Janeiro (RJ)
PÚBLICO: 1.000 (ingressos esgotados)





AGOSTO 2022

PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO: ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICAFU

DATA: 23/7/22
MOTIVO: SulAmérica Sessions
LOCAL: Instituto Inhotim
Brumadinho (MG)
PÚBLICO: 2.500 (ingressos esgotados)



PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO: ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICAFU

DATA: 30/7/22
MOTIVO: Turnê Estadual AngloGold
LOCAL: Espaço de Caminhada AngloGold Ashanti
Nova Lima (MG)
PÚBLICO: 2.500 (estimativa)



ORQUESTRA OURO PRETO: NIRVANA NEVERMIND

DATA: 24/7/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
Sesc Palladium
LOCAL: Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



ORQUESTRA OURO PRETO: CHARLES CHAPLIN, O GAROTO

DATA: 6/8/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Centro Cultural da Romaria
Congonhas (MG)
PÚBLICO: 750 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO:
VANDER LEE**

DATA: 7/8/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO:
ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICAFU**

DATA: 13/8/22
MOTIVO: Turnê Estadual AngloGold
LOCAL: Praça Dr. João Pinheiro
Caeté (MG)
PÚBLICO: 6.000 (estimativa)



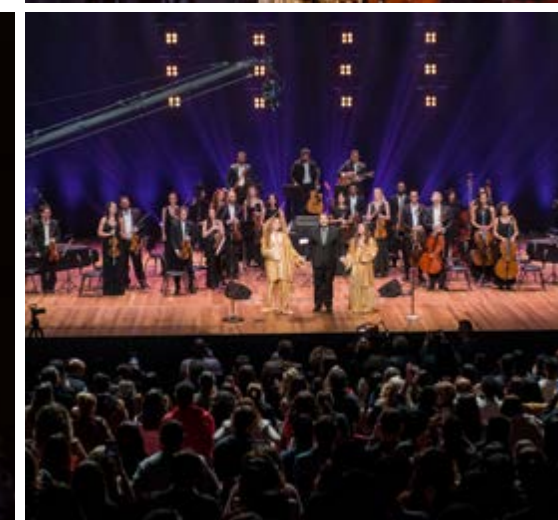
**ORQUESTRA OURO PRETO:
CHARLES CHAPLIN, O GAROTO**

DATA: 14/8/22
MOTIVO: Turnê Estadual Gerdau
LOCAL: Santuário de São João Batista
Barão de Cocais (MG)
PÚBLICO: 2200 (estimativa)



**ANAVITÓRIA
E ORQUESTRA OURO PRETO**

DATA: 20/8/22
MOTIVO: SulAmérica Sessions
LOCAL: Cidade das Artes Bibi Ferreira
Rio de Janeiro (RJ)
PÚBLICO: 1.235 (ingressos esgotados)



SETEMBRO 2022

VALECIANAS II: ALCEU VALENÇA E ORQUESTRA OURO PRETO

DATA: 28/8/22
MOTIVO: Concerto Especial Vale em Copacabana
LOCAL: Posto 4 - Praia da Copacabana
Rio de Janeiro (RJ)
PÚBLICO: 90.000 (estimativa)



ORQUESTRA OURO PRETO: THE BEATLES

DATA: 3/9/22
MOTIVO: Festival Integrar na Praça Kinross
LOCAL: Avenida Olegário Maciel
Paracatu (MG)
PÚBLICO: 3.000 (estimativa)



ORQUESTRA OURO PRETO E MOÇAMBIQUE MOCIDADE VERDE E BRANCO

DATA: 7/9/22
MOTIVO: Concerto Especial CBMM
LOCAL: Pátio da Fundação Cultural Calmon Barreto
Araxá (MG)
PÚBLICO: 1.000 (estimativa)





**PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO:
ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICA FU**

DATA: 10/9/22
MOTIVO: Turnê Estadual AngloGold
LOCAL: Praça Melo Viana
Sabará (MG)
PÚBLICO: 4.000 (estimativa)



FOTO IRIS ZANETTI



**ORQUESTRA OURO PRETO:
THE BEATLES**

DATA: 11/9/22
MOTIVO: Festival Gastronômico de Itabirito Gerdau
LOCAL: Praça da Estação
Itabirito (MG)
PÚBLICO: 2.500 (estimativa)



**ORQUESTRA OURO PRETO E DESVIO:
RITMOS BRASILEIROS**

DATA: 18/9/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
LOCAL: Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 950



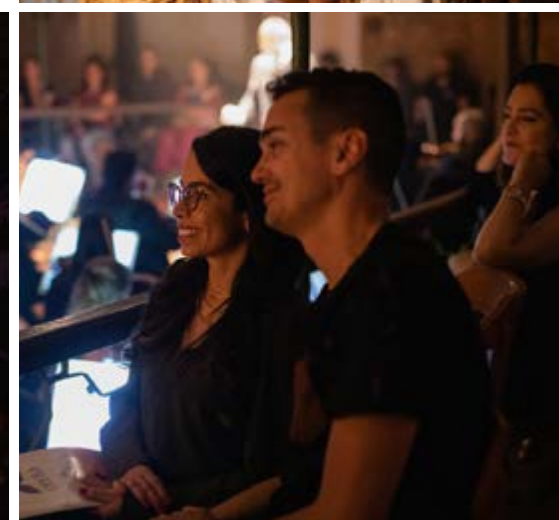
**PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO:
ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICA FU**

DATA: 17/9/22
MOTIVO: Turnê Estadual AngloGold
LOCAL: Praça da Estação
Santa Bárbara (MG)
PÚBLICO: 2.500 (estimativa)



**ACADEMIA ORQUESTRA OURO PRETO:
O BASCULHO DE CHAMINÉ**

DATA: 23/9/22
MOTIVO: Festival de Ópera de Ouro Preto
LOCAL: Teatro Municipal Casa da Ópera
Ouro Preto (MG)
PÚBLICO: 250 (ingressos esgotados)



OUTUBRO 2022

ACADEMIA ORQUESTRA OURO PRETO: O BASCULHO DE CHAMINÉ

DATA: 26/9/22
MOTIVO: Festival de Ópera de Ouro Preto
LOCAL: Teatro Municipal Casa da Ópera
Ouro Preto (MG)
PÚBLICO: 250 (ingressos esgotados)



ACADEMIA ORQUESTRA OURO PRETO: O BASCULHO DE CHAMINÉ

DATA: 27/9/22
MOTIVO: Festival de Ópera de Ouro Preto
LOCAL: Teatro Municipal Casa da Ópera
Ouro Preto (MG)
PÚBLICO: 250 (ingressos esgotados)



ORQUESTRA OURO PRETO E PIGMALIÃO: O PEQUENO PRÍNCIPE

DATA: 9/10/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
LOCAL: Sesc Palladium,
Belo Horizonte, Minas Gerais
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



PATO FU E ORQUESTRA OURO PRETO: ROTORQUESTRA DE LIQUIDIFICA FU

DATA: 14/10/22
MOTIVO: Gravação do CD
LOCAL: Palácio das Artes
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.600 (ingressos esgotados)



NOVEMBRO 2022

ORQUESTRA OURO PRETO: THE BEATLES

DATA: 16/10/22
MOTIVO: Concerto Especial Aliança Energia
LOCAL: Praça Central Adauto Róseo
Icapuí (CE)
PÚBLICO: 1.500 (estimativa)



AUTO DA COMPADECIDA, A ÓPERA

DATA: 5/11/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Teatro Alfa
São Paulo (SP)
PÚBLICO: 1.100 (ingressos esgotados)



DUDA BEAT E ORQUESTRA OURO PRETO

DATA: 25/10/22
MOTIVO: SulAmérica Sessions
LOCAL: Teatro Alfa
São Paulo (SP)
PÚBLICO: 1.100 (ingressos esgotados)



AUTO DA COMPADECIDA, A ÓPERA

DATA: 6/11/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Teatro Alfa
São Paulo (SP)
PÚBLICO: 1.100 (ingressos esgotados)



**VALENCIANAS II:
ALCEU VALENÇA E ORQUESTRA OURO PRETO**

DATA: 12/11/22
MOTIVO: Lançamento CD Valencianas II
LOCAL: Espaço Unimed
São Paulo (SP)
PÚBLICO: 4.200



**ORQUESTRA OURO PRETO:
DUKE ELLINGTON**

DATA: 20/11/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
Sesc Palladium
LOCAL: Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



**AUTO DA COMPADECIDA,
A ÓPERA**

DATA: 29/11/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Cidade das Artes Bibi Ferreira
Rio de Janeiro (RJ)
PÚBLICO: 1.200



**AUTO DA COMPADECIDA,
A ÓPERA**

DATA: 30/11/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Cidade das Artes Bibi Ferreira
Rio de Janeiro (RJ)
PÚBLICO: 1.230 (ingressos esgotados)



DEZEMBRO 2022

ACADEMIA ORQUESTRA OURO PRETO CONVIDA: ERNANI AGUIAR

DATA: 4/12/22
MOTIVO: Concerto Especial Academia
LOCAL: Museu Bouliéu
Ouro Preto (MG)
PÚBLICO: 350 (ingressos esgotados)



AUTO DA COMPADECIDA, A ÓPERA

DATA: 10/12/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Palácio das Artes
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.600 (ingressos esgotados)



AUTO DA COMPADECIDA, A ÓPERA

DATA: 9/12/22
MOTIVO: Turnê de Estreia Auto da Compadecida Vale
LOCAL: Palácio das Artes
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.600 (ingressos esgotados)



ORQUESTRA OURO PRETO: A-HA

DATA: 11/12/22
MOTIVO: Série Domingos Clássicos
Sesc Palladium
Belo Horizonte (MG)
PÚBLICO: 1.150 (ingressos esgotados)



NADA SUBSTITUI A VIVÊNCIA

Academia Orquestra Ouro Preto se consolida como referência na formação de jovens talentos e lança desafios para o futuro

Era o último ensaio antes do derradeiro concerto do ano. A Academia Orquestra Ouro Preto encerrava um ano intenso de atividades na temporada 2022. Antes de assumir as batutas no comando das dezenas de jovens que integram o projeto de formação e profissionalização de novos talentos para a música orquestral, o maestro Rodrigo Toffolo tinha um combo de boas notícias para anunciar. Mas uma delas seria ainda mais especial para o violinista Glaikson Nogueira, de apenas 24 anos.

“Em um intervalo de tempo entre o último ensaio e o último concerto da Academia, fui chamado para uma conversa com o maestro Rodrigo e as coordenadoras pedagógicas Mara e Marina em numa sala. E ali ele me fez o convite para integrar a formação da Orquestra Ouro Preto. Fiquei muito feliz! De primeira, quase não acreditei; saí da sala com vontade de pular, gritar, mas tentei conter a euforia”, recorda Glaikson. “Sonhei com esse momento desde o primeiro ano que entrei na Academia. Eu me dediquei, fiz o meu melhor e, graças a Deus e à Orquestra Ouro Preto, consegui realizar esse sonho. Agora começa uma nova caminhada, onde as coisas vão ser bem melhores. Vou poder cuidar melhor da minha família, de mim e da minha casa”, projeta o jovem músico.

A história de Glaikson, o mais recente integrante da Orquestra Ouro Preto, simboliza o percurso de muitos jovens artistas em busca de oportunidades para vivenciar o universo orquestral. O violinista foi um dos alunos do projeto Academia Orquestra Ouro Preto. O projeto é referência no estado no quesito formação e profissionalização de talentos para o mercado de trabalho, já que oferece, além de todo apoio pedagógico e psicológico, uma bolsa mensal para que esses artistas possam, de fato, se dedicar aos estudos.

Assim como muitos outros exemplos espalhados pelo país, Glaikson era uma criança apaixonada por música. A mãe e o pai proporcionaram o primeiro contato com esse universo nas igrejas que eles frequentavam. Em seguida, chegou uma nova paixão, o violino; e, junto, o desejo de viver de música. Vieram o vestibular, outras possibilidades como estudante, até que, em janeiro de 2019, ele teve a oportunidade de se inscrever para a seleção de novos bolsistas da Academia. “De lá para cá, foram três anos

como integrante da Academia. Muitos momentos felizes, vários concertos muito bem-feitos e emocionantes, algumas participações em apresentações com a formação principal e, por fim, o chamado para ser mais um integrante dessa orquestra tão organizada e prestigiada”, celebra.

Em 2023, a Academia Orquestra Ouro Preto retoma a parceria com a SulAmérica, patrocinadora do projeto desde sua criação. Voltado para pessoas com conhecimento musical prévio, com idade entre 18 e 28 anos, o projeto não se restringe a Minas Gerais. Jovens de todo o país podem se inscrever para o processo seletivo de forma gratuita e, se aprovados, terão uma vivência única na aprendizagem da prática orquestral.

Segundo Rodolfo Toffolo, coordenador do projeto, a Academia cumpre simultaneamente dois importantes papéis. “O primeiro é o viés social: acolhemos esses jovens e, com a ajuda de uma bolsa de estudos, damos a oportunidade de uma vivência musical com colegas da mesma geração, desenvolvendo o convívio e o aprimoramento musical dentro da orquestra. Com o apoio da PUC Minas, oferecemos também apoio psicológico durante esse processo. O segundo é o viés profissionalizante. Por meio de ensaios de naipes semanais com os instrutores profissionais da Orquestra Ouro Preto, o grupo ganha identidade e sonoridade, aplicando seus estudos na música coletivamente. Os concertos com solistas de renome internacional, a oportunidade de se apresentarem em importantes salas de concerto do país e a experiência com gravações e lives dão o molde final ao desenvolvimento de cada um”, explica o coordenador.

FOTO IRIS ZANETTI



Glaikson Nogueira, violinista da Academia promovido à formação principal, em ação no concerto com a banda Pato Fu



FOTO BÁRBARA PASCHOA

A instrutora Kamila Druzd e o naipe de violas da Academia Orquestra Ouro Preto

Com o objetivo de buscar outras formas de fomentar o desenvolvimento dos alunos, a Academia Orquestra Ouro Preto inova mais uma vez e apresenta como um dos projetos para 2023 a gravação de seu primeiro álbum. Para Rodolfo Toffolo, “a experiência de passar dias em um estúdio, gravando e procurando a perfeição a cada take, traz um crescimento técnico e musical de extrema importância na carreira do músico”.

O INDIVÍDUO E O COLETIVO

Um dos diferenciais da Academia é o seu projeto metodológico pautado em pilares como o desenvolvimento musical e artístico aliado à saúde mental dos jovens em formação. “O trabalho pedagógico consiste em instruir os alunos para o desenvolvimento musical e pessoal. Buscamos melhorias e parcerias para atender nossos jovens, oferecendo suporte psicológico e afetivo, colaborando para uma vivência cooperativa e promovendo maior qualidade no processo de aprendizado”, explicam Mara Toffolo e Marina Toffolo, coordenadoras pedagógicas do projeto. E ressaltam: “Pensando nisso, a Academia Orquestra Ouro Preto buscou uma parceria com a PUC Minas, através do curso de Psicologia, com resultados muito significativos. Onze alunos são atendidos individualmente pela clínica, com supervisão do professor Manoel Deusdedit Júnior. Além disso, com supervisão da professora Maria dos Anjos Lara e Lanna, os alunos participam das oficinas psicossociais oferecidas semestralmente, cujo objetivo é promover um espaço de acolhimento e partilha para as questões interpessoais e subjetivas que cada músico carrega como indivíduo e, principalmente, como membro do grupo”.

O professor Manoel Deusdedit Júnior enfatiza que as modalidades de trabalho realizadas com os jovens da Academia procuram contemplar a dimensão coletiva e a dimensão singular dos sujeitos envolvidos. “Quanto ao primeiro aspecto, procuramos identificar e trabalhar os elementos da atividade de músico que poderiam trazer dificuldades no desenvolvi-

mento profissional, bem como aqueles fatores que representam o desenvolvimento de potencialidades humanas. Com relação às dificuldades encontradas na atividade de músico, o que se pretende é identificar as fontes e a dinâmica de funcionamento e também as estratégias de enfrentamento passíveis de serem coletivizadas e compartilhadas pelos sujeitos em questão”, explica o professor. No que se refere aos aspectos singulares, a proposta é refletir sobre aspectos como “influências diversas na escolha pela profissão, motivações pessoais para se manter nela, expectativas com relação ao futuro, relacionamentos interpessoais. Nesse processo de reflexão pessoal, cada jovem acompanhado traça o próprio caminho, desenvolvendo o autoconhecimento e descobrindo formas de lidar com os desafios que a vida nos apresenta”, completa.

Maria dos Anjos Lara e Lanna, professora doutora, responsável pelo Estágio Supervisionado I - Oficinas Psicossociais do curso de Psicologia da PUC Minas, enfatiza que todo esse trabalho dialoga com as diversas etapas pelas quais os jovens passam ao longo do período na Academia: “O apoio psicológico é uma construção conjunta entre os participantes da Academia Orquestra Ouro Preto e os estagiários da PUC Minas que favorece os processos de acolhimento e inserção de novos bolsistas, a elaboração de dificuldades subjetivas diante de recitais, além de outras circunstâncias da vida cotidiana que afetam subjetivamente os bolsistas”. ■



Mineira de coração, a Gerdau tem orgulho de investir em iniciativas que valorizem e fortaleçam a cultura do estado. Entre elas, está a parceria com a renomada Orquestra Ouro Preto, regida pelo maestro ouro-pretano Rodrigo Toffolo.

Já levamos a Orquestra a diversas cidades onde atuamos, como Barão de Cocais, Belo Horizonte, Congonhas, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Itabirito, Ouro Branco, Ouro Preto e Três Marias. As exibições abertas ao público proporcionaram muita emoção, pois a música inspira e transforma.

Acreditamos que o futuro se molda com apoio à cultura. Gerdau: brasileira de nascimento, mineira de coração.

AS BATIDAS QUE NASCEM EM OURO PRETO DÃO

RITMO AO NOSSO CORAÇÃO MINEIRO.



Apresentação do concerto “O Garoto”, de Chaplin, na cidade de Ouro Preto/MG.

O VOO DE FERNÃO

Adaptação do clássico da literatura mundial ganhou vida nos palcos de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro



FOTO IRIZANETTI

A arte de diferentes cantos do país se fez muito bem representada na temporada 2022 da Orquestra Ouro Preto. Literatura, música e dança se uniram para celebrar a riqueza do Brasil e enaltecer a força de *Fernão Capelo Gaivota*, uma obra-prima da literatura mundial. Cantata cênica para coro infantil, balé e orquestra, a montagem, que estreou nos palcos de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, rompeu as fronteiras geográficas conectando a formação mineira a jovens artistas de vários estados, integrantes do Vale Música, programa mantido e coordenado pelo Instituto Cultural Vale.

Uma ode à liberdade de alçar voos cada vez mais distantes, o espetáculo *Fernão Capelo Gaivota*, com adaptação assinada pelo maestro Rodrigo Toffolo, sintetiza algumas das principais premissas que marcam a trajetória da Orquestra. A excelência e a versatilidade estão sempre presentes na criação de novos repertórios para a música de concerto, contando como aliados alguns dos mais importantes músicos e compositores do país, caso de Tim Rescala, que assina a música original da obra.

Soma-se a isso a ousadia e a inovação na busca de novos formatos e linguagens, sem receio de unir forças com outras artes como a dança, o canto e a literatura. *Fernão Capelo Gaivota* faz essa comunhão de forma exemplar, o que pôde ser conferido pela plateia que retribuiu com muitos aplausos as apresentações no Grande Teatro do Sesc Palladium, na capital mineira, e no Teatro Riachuelo, no Rio.

“Fernão Capelo Gaivota foi uma junção única de dança, orquestra e coro de vários cantos do país que nunca haviam se encontrado pessoalmente, exceto ali, no palco. Uma combinação que ficou tão linda aos olhos de quem viu, que quem dançou, tocou, cantou e produziu se sentiu maravilhado de ter visto o trabalho dar certo. Sentir o trabalho sair do papel e ganhar forma nos palcos mostra que não existe limites para a arte sobressair”, diz Kauan Coelho, bailarino da Cia. de Dança do Pantanal.

Para Márcia Rolon, coordenadora do Instituto Moinho Cultural (MS), o espetáculo foi um momento de valorização profissional para todos os integrantes do grupo, enaltecendo a qualidade da produção. “E sentir os aplausos no final de cada espetáculo com a casa lotada ficará para sempre marcado na nossa carreira. Além do impacto que foi estar no palco com a Orquestra Ouro Preto. Isso foi um grande privilégio e nos colocou em outro patamar. Muitos que nos assistiram e não conheciam o nosso trabalho começaram a admirar e seguir nossos passos por conta da realização de *Fernão*”, celebra.

Aluno do Vale Música Belém (PA) desde 2008, o flautista Victor Barral ressalta que algo de único ocorreu no encontro que se deu no espetáculo. “Sinto que ter participado desse projeto trouxe uma enorme experiência para todos profissionalmente, até mesmo para os músicos da Orquestra, pois muitos conversaram comigo e disseram que tinha sido algo único para eles também. Foi ótimo ter gravado, ter viajado e ter trocado experiência com todos os que ali estavam contando essa linda história”, afirma.

Fernão Capelo Gaivota, best-seller escrito por Richard Bach, narra a história de uma gaivota para a qual voar não é simplesmente um ato de locomoção. Voar é uma arte e, como tal, deve ser treinada, praticada e compartilhada com os demais, gerando grandes transformações. E é esse o sentimento que parece ter ficado na memória e no coração de Ailton Júnior, trompetista e monitor-chefe de naipe do Vale Música da cidade de Serra, no Espírito Santo. “O *Fernão* me ensinou que devemos insistir nos nossos sonhos mesmo quando tudo parece dizer o contrário. Se acreditarmos no que estamos fazendo, tudo é

possível. Estar junto de uma orquestra profissional e em teatros renomados me fez acreditar mais ainda na arte e na música, que as coisas são possíveis. E que devemos acreditar em nós mesmos e buscar os nossos objetivos.”

Fernão Capelo Gaivota é um projeto da Orquestra Ouro Preto e do Vale Música. Desde os anos 2000, a Vale cria oportunidades para estudantes participarem de formações musicais e desenvolverem seus talentos, abrangendo alguns estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Pará e Mato Grosso do Sul. Em 2019, foi criada uma rede colaborativa de ensino e aprendizagem entre os projetos musicais dos quatro estados e orquestras parceiras, que recebeu o nome de Programa Vale Música.

O Vale Música integra o eixo de programas autorais do Instituto Cultural Vale, contempla intercâmbios entre estudantes e professores dos polos de formação do programa e aulas com músicos das orquestras profissionais patrocinadas pela empresa. “O Instituto Cultural Vale e a Orquestra caminham juntos no propósito de transformar vidas por meio da cultura. No nosso Programa Vale Música, a vida de mais de 1.200 alunos em quatro polos musicais – Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e Pará – foi impactada positivamente por essa parceria. Estar em contato com os músicos da Orquestra e com o maestro Rodrigo Toffolo é uma experiência extremamente rica e inspiradora para esses estudantes”, afirma Hugo Barreto, diretor-presidente do Instituto Cultural Vale. ■



FOTO ANNE SOUZ

NÚCLEO DE APOIO A BANDAS

ESSÊNCIA MUSICAL

Núcleo promove a troca de experiências e fomenta a preservação dos saberes e fazeres de instituições que são parte do patrimônio cultural do país

Não importa qual festividade esteja acontecendo em Icapuí (CE): se a celebração é religiosa, se é um evento cultural, uma cerimônia escolar ou uma solenidade política. Seja qual for o motivo para a reunião dos moradores no festejo, lá estará a Orquestra de Sopros da cidade. Quem garante é o regente do grupo, o maestro Reudson Maia, cuja história se confunde com a da formação musical.

“A orquestra inteira tem uma relação muito próxima com a cidade, com as suas festividades, por ser um grupo criado no município, composto por pessoas daqui, e um dos poucos que conseguem atender a todos e se apresentar nas 38 comunidades do município”, reforça o regente da banda formada por crianças, jovens e adolescentes. Uma entre as muitas que integram o projeto Núcleo de Apoio a Bandas, promovido pela Orquestra Ouro Preto.

Assim como em Icapuí, cada cantinho deste país tem uma corporação musical que carrega em si a tradição de seu lugar. Parte fundamental da cultura e da história brasileira, essas formações seguem presentes e atuantes não apenas artisticamente, mas também como ferramenta de cidadania, educação e interação social em suas comunidades.

“A orquestra é uma escola acima de tudo, onde os componentes entram sem nenhum conhecimento musical e recebem não apenas uma formação musical, mas uma orientação cidadã. Às vezes a gente nem forma um músico extraordinário ou que venha a se tornar um profissional, mas, se dermos a ele uma bagagem formativa para que se torne cidadão, já ficamos muito felizes”, conta o maestro que, assim como as crianças que hoje são regidas por ele, começou bem pequenino a se apaixonar pela música. “É coisa de coração. Estou na banda desde pequeno; obtive todos os conhecimentos musicais nela e atualmente estou regente. Mas é mesmo por amor, porque a gente sabe que fazer cultura no Brasil não é fácil. Estamos há mais de 200 quilômetros da capital, mas ainda assim podemos fazer arte de forma muito prazerosa, feliz e gratificante. E é isso que nos impulsiona a seguir fazendo esse trabalho”, completa Reudson.

PATRIMÔNIO VIVO

É justamente essa relação afetiva que torna essas corporações tão especiais. Presença marcante nas cidades de Minas Gerais, essas formações seculares foram alçadas, em 2017, a Patrimônio Imaterial do Estado, tamanha sua importância artística e cultural. Mas, para manterem seus fazeres e saberes, os grupos tradicionais seguem em diálogo com o presente e com os olhos no futuro. E é nesse processo que atua o Núcleo de Apoio a Bandas, que dialoga diretamente na valorização e na preservação dessa tradição.

Coordenado pelo músico João Paulo Moreira e pelo maestro Rodrigo Toffolo, o Núcleo está presente em 13 cidades de 5 estados, capacitando anualmente mais de 300 músicos, professores e instrumentistas por meio de atividades práticas e teóricas gratuitas, em forma de consultorias, oficinas e palestras.

“Nós não queremos derramar informação, mas, sim, qualificar maestros e professores, porque eles são os verdadeiros formadores dentro das bandas, multiplicadores da arte de ensinar. E a proposta do Núcleo é ir ao encontro das necessidades dessas bandas, sempre atento para repassar informações sem alterar as tradições de cada uma delas. É trazer soluções, alternativas, certas possibilidades para a manutenção e a formação de novos músicos nessas corporações, mas sem interferir naquilo que é a sua essência”, afirma João Paulo.

Segundo o músico, a atuação do Núcleo se estrutura em três etapas: “Começa com uma pesquisa histórica, considerando de onde vem a banda, o tempo de existência (muitas são centenárias), como ela se organiza,



João Paulo Moreira e os alunos da Oficina de Percussão



Oficina de Luteria - Ouro Preto (MG)



Maestro Rodrigo Toffolo e integrantes da Orquestra de Sopros de Icapuí (CE)

o formato, o repertório e a sonoridade própria. Na sequência, buscamos identificar quais são as necessidades práticas ou educacionais e como podemos colaborar. E, aí sim, conseguimos viabilizar as informações e suprir as necessidades, mas sem alterar um costume”, completa.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

O projeto exerceu, em 2022, um importante papel não apenas no propósito de qualificar profissionais, mas também no de criar soluções para os problemas de manutenção e custeio dos grupos. Um dos principais focos da atuação do Núcleo se debruçou numa demanda antiga das bandas ligada à conservação e ao restauro dos instrumentos musicais. “A manutenção de instrumentos é algo muito caro, de difícil logística. Nós nos deparamos com essa demanda e precisávamos pensar em como atuar sobre ela. Em vez de simplesmente mandar consertar os instrumentos para eles, propusemos e concebemos um curso de luteria. Ao aprender esse ofício, os músicos puderam ter ainda mais autonomia e conhecimento para a conservação dos seus instrumentos. Contudo, essa função exige acessórios específicos. Por isso, cada banda recebeu uma caixa especialmente criada para luteria, com mais de 50 ferramentas. Um instrumento que estava parado há três, quatro anos, renasceu”, conta João Paulo.

O coordenador do projeto enfatiza seu caráter educacional e adianta alguns de seus objetivos para as atividades deste ano. “Pretendemos seguir com o apoio à luteria, que é uma demanda muito forte, levando autonomia para as bandas. Além disso, queremos lançar uma metodologia direcionada para o ensino de percussão, outra necessidade muito evidente por onde passamos; e uma metodologia de prática de ensaio, com um repertório ligado à música folclórica brasileira, às cantigas de roda, com arranjos específicos, de modo que as bandas possam usar não apenas nas apresentações, mas também nos ensaios. Um repertório especialmente pensado para que o regente possa estudar com a banda características diferentes, explorar cada vez mais todos os recursos técnicos e musicais”, antecipa. ■

Uma parceria
em que cada nota
está sempre
no tom certo



A gente sabe que a música tem um incrível poder de transformação. Por isso, assim como os músicos e o maestro, a AngloGold Ashanti e a Orquestra Ouro Preto vivem em perfeita sintonia para contribuir para o desenvolvimento social e cultural.



MONTAGEM SOBRE FOTOS DE RAFA GARCIA

EXPERIMENTALISMO À MINEIRA

Concerto que uniu o Pato Fu à Orquestra Ouro Preto para celebrar os 30 anos da banda surpreendeu e emocionou o público na turnê por várias cidades do estado

Sete minutos e um mundo inteiro de possibilidades musicais. É assim que já começa o encontro da Orquestra Ouro Preto com o Pato Fu em *Rotorquestra de Liquidificafu*, concerto que marcou, em grande estilo, os 30 anos de trajetória da banda mineira. Não poderia ser diferente. A primeira música do espetáculo que une o pop rock experimental do grupo à versatilidade e excelência da formação mineira, uma versão surpreendente de *Rotomusic de Liquidificapum*, sintetiza o espírito desse projeto, ancorado na ousadia e na multiplicidade de referências que acompanham a história do Pato Fu.

Tendo como cenário a natureza exuberante e a arte contemporânea do Instituto Inhotim e com patrocínio da SulAmérica, a *Rotorquestra* fez a sua estreia diante de 2.500 pessoas que cantavam alto os grandes sucessos da banda, revisitados em arranjos surpreendentes. Assim como se dá na audição de muitos álbuns da discografia do Pato Fu, cada nova faixa do show era uma surpresa para os fãs. A apresentação ganhou um lindo registro, exibido na programação do SulAmérica Sessions Festival.

Logo no primeiro show, a conexão foi imediata entre o palco e a plateia, que reagia a cada nova canção – entre elas algumas surpresas que há muito tempo não constavam no repertório de shows da banda formada por Fernanda Takai (voz), John Ulhoa (guitarra), Ricardo Koctus (baixo), Xande Tamiatti (bateria), que retornou à cozinha, e Richard Neves (teclados).

“Olha, não posso dizer que me surpreendi com a receptividade, pois eu tinha certeza de que seria muito boa. Eu me surpreendi mais com a facilidade com que trabalhamos juntos e colhemos esse resultado tão feliz. Mas a parceria com a Orquestra nos fez enveredar por um repertório que não tocávamos há muito tempo. Isso realmente deixou os fãs muito emocionados; e daí a gente se emocionou de volta”, afirma John.

Para ele, alguns elementos foram fundamentais para o sucesso dessa parceria. “Acho que, entre outras coisas, contribuiu muito para isso a capacidade técnica da Orquestra, a admiração mútua. Tivemos muita liberdade criativa. Também fiquei impressionado com a organização e a disciplina da Orquestra. Quanta coisa eles fazem, e sempre com o mais alto nível”, enaltece o guitarrista.

Com um repertório equilibrado entre as canções mais conhecidas do grande público e outras preciosidades menos populares da banda, a *Rotorquestra de Liquidificafu* foi acolhida de forma calorosa e afetuosa pelo público ao longo de toda a turnê, com praças lotadas por todas as cidades visitadas – Nova Lima, Caeté, Sabará e Santa Bárbara, com patrocínio da Anglogold Ashanti.

Depois do giro pelo interior de Minas Gerais, a *Rotorquestra* chegou a Belo Horizonte com todos os artistas envolvidos mais do que prontos para fazer da noite de 14 de outubro, no Palácio das Artes, um momento inesquecível para plateia, músicos e equipes, que fizeram o espetáculo acontecer.

“O primeiro show de uma turnê é sempre mais cercado de ansiedade. Além de não sabermos bem a reação da plateia, a gente também está à espera de descobrir o nosso próprio comportamento num show com uma orquestra; estamos aprendendo a ficar à vontade. No último, a gente já sabia o que esperar, mas a ansiedade era mais pela ocasião em si: um Palácio das Artes lotado não é todo dia! Mas em todos os shows, o que mais marcava era a sensação de estar fazendo parte de algo muito especial, cercado de talentos, e oferecendo isso a uma plateia muito atenta”, conta o guitarrista.

E a noite era mesmo de gala no Palácio das Artes. Afinal, esse encontro tão raro e tão caro a todos os envolvidos ganhava um registro histórico, sendo eternizado para a gravação do álbum que vai levar esse repertório tão especial ainda mais longe. O lançamento está previsto para 2023.

E, se depender da empolgação de John depois dessa primeira parceria, o público pode esperar novidades adiante. “Olho para a Orquestra Ouro Preto com vontade de fazer mais! E vamos fazer. Mais desse mesmo show, em outros lugares, estados, países. E mais outras coisas também, novos projetos”, garante o músico. ■

LANÇAMENTO

JOÃO BOSCO E ORQUESTRA OURO PRETO LANÇAM “GÊNESIS”

Álbum que celebra o encontro de João Bosco com a Orquestra é o primeiro disco da formação mineira lançado em parceria com a Musickeria

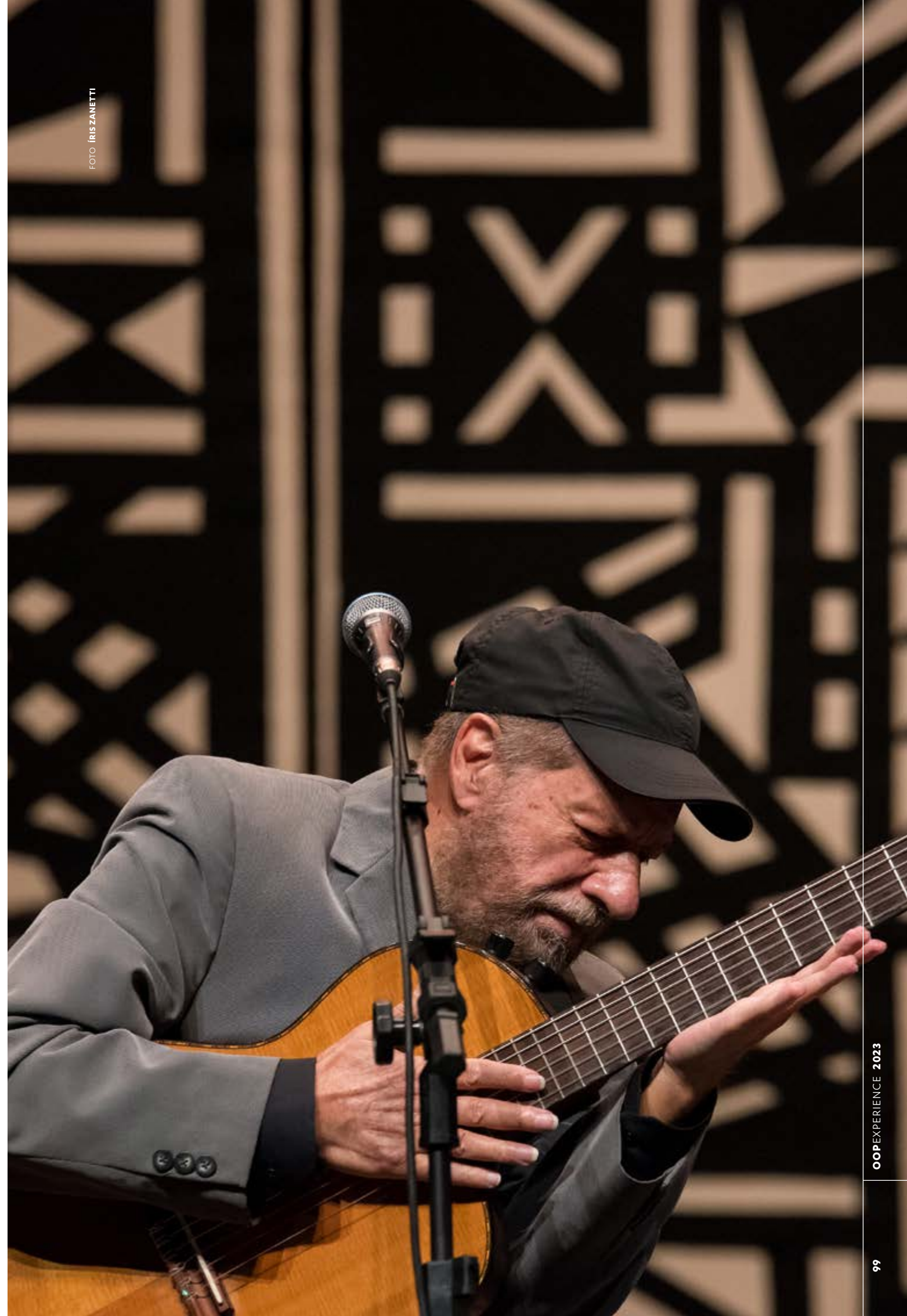
O encontro de João Bosco com a Orquestra Ouro Preto deu aos fãs da música brasileira o álbum *Gênesis*, disco que marca o início da parceria da formação mineira com a Musickeria, gravadora que carrega mais de 10 anos de atuação no mercado musical brasileiro. Lançado nas plataformas digitais em 2022, o álbum foi gravado ao vivo em 2021, durante um concerto que celebrou – com muita excelência – a criação artística do cantor e compositor mineiro. O sucesso *Papel Machê* já atingiu quase 100 mil plays no Spotify.

“O álbum é fenomenal. Não podia deixar de ser, né? Todos os arranjos ficaram belíssimos. Aliás, isso também é uma característica marcante da Orquestra Ouro Preto, sempre com arranjos muito bonitos, muito bem-elaborados, respeitando a obra do artista, do compositor, mas, ao mesmo tempo, trazendo a força da música orquestral”, diz Flávio Pinheiro, sócio-diretor da Musickeria. “Foi um trabalho que a gente começou com o pé direito”, avalia o empresário, que celebra a parceria estabelecida com a formação mineira por intermédio da MSK Records.

Com arranjos de Nelson Ayres e regência de Rodrigo Toffolo, *Gênesis* exalta grandes sucessos da obra de João Bosco, que, por sua vez, ganha o palco com uma performance vigorosa ao lado dos músicos. No repertório, sucessos como *O Bêbado* e *a Equilibrista*, *Corsário*, *Bala com Bala*, *Kid Cavaquinho*, *O Mestre-Sala dos Mares* e mais dez canções que têm forte presença na carreira desse compositor que nasceu em 1946 no município de Ponte Nova (MG) e ganhou o Brasil com sua valiosa contribuição cultural.

Para o maestro Rodrigo Toffolo, regente titular da Orquestra Ouro Preto, “a arte de João Bosco é perfeita”, pois “como violonista, é dono de uma forma singular de tocar. O violão de João Bosco é único, faz parte de seu corpo, foram feitos um para o outro”. Uma definição que ilustra bem a qualidade deste trabalho, do produto final em questão: o disco.

Gênesis está disponível em CD e DVD nas principais plataformas de *streaming*, com uma excelente resposta do público. “É um álbum histórico. Estamos muito felizes com esse lançamento e já estamos trabalhando para os próximos. Tem muita novidade por vir”, conclui Flávio Pinheiro. ■



DUDA BEAT COMO VOCÊ NUNCA OUVIU

A cantora e compositora pernambucana e a Orquestra Ouro Preto celebram a parceria inédita e homenageiam o Manguebeat

O encontro com a cantora e compositora Duda Beat foi, sem dúvida, um dos pontos altos da temporada de 2022 da Orquestra Ouro Preto, que, mais uma vez, fez valer a versatilidade presente em seu DNA. Numa parceria inédita, a artista pernambucana e a formação mineira subiram ao palco do Teatro Alfa, em São Paulo, e protagonizaram um concerto memorável, emocionando o público presente e as mais de 30 mil pessoas que assistiram ao vivo pelo YouTube.

Além de vários sucessos da “rainha da sofrência pop”, como *Bixinho* e *Meu Pisêro*, o espetáculo fez um tributo a Chico Science e à Nação Zumbi. A proposta de incluir os precursores do manguebeat no repertório partiu do maestro Rodrigo Toffolo logo depois de saber que esse movimento musical pernambucano inspirou o nome artístico de Eduarda Bittencourt Simões – a Duda Beat.

“Quando conversamos sobre o repertório, percebemos a grande oportunidade que tínhamos em render um tributo ao grande Chico Science e à sua Nação Zumbi. Duda, além de ser uma legítima herdeira da música feita em Recife, tem a energia necessária para carregar o maracatu atômico”, conta o regente titular da Orquestra Ouro Preto.

Para Duda, ver suas músicas orquestradas e ter a responsabilidade de cantar *A Praieira* e outras canções da banda recifense foi a realização de um sonho. “Eu sinto também que, tanto eu quanto Chico Science e a Nação, somos muito inventivos, nos ritmos, nas melodias. Então, eu sinto que o nosso rio se encontra neste quesito também, de não ter medo de experimentar. Meu som é um pouco experimental, como o de Chico e o da Nação também eram”, comenta a artista, que é uma das grandes surpresas da música brasileira na última década.

Com arranjos de Paulo Malheiros, o concerto começa com duas peças instrumentais do disco *Da Lama ao Caos*, de Chico Science & Nação Zumbi. Na sequência, vemos Duda Beat vigorosa com o *Maracatu Atômico*.

“Eu adorei o trabalho da Duda, achei de muito alto nível”, conta Rodrigo Toffolo, convicto de que a excelência da música erudita é capaz de abraçar qualquer outro gênero. “É curioso que, mesmo antes de conhecer profundamente o trabalho da Duda, outra coisa me motivou nesse encontro, que é algo em que eu acredito muito: o poder infinito que a Orquestra tem. A Orquestra é algo ilimitado. Eu não acredito que haja algo que a Orquestra não possa fazer ou não possa participar. No dia em que eu disser ‘acho que não dá’, é porque eu já não acredito na capacidade que a Orquestra tem. E aí vai ser um problema”, resume o maestro.

A parceria entre Duda Beat e a Orquestra Ouro Preto fez parte do projeto SulAmérica Sessions e teve apresentação única. Mas a sintonia entre a cantora, os músicos e Rodrigo Toffolo foi tão boa que a possibilidade de o concerto se repetir está aberta. ■



DUO SINGULAR

Ana Caetano e Vitória Falcão celebram o primeiro concerto do duo com uma orquestra

Uma das grandes surpresas que 2022 proporcionou aos fãs da “nova” música brasileira foi a parceria para lá de especial entre a Orquestra Ouro Preto e o duo Anavitória. Num encontro promovido pelo projeto SulAmérica Sessions, o grupo orientado pelo maestro Rodrigo Toffolo e o duo formado por Ana Caetano e Vitória Falcão juntaram-se no palco da Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, e realizaram um concerto primoroso, numa noite que emocionou e fez todo mundo cantar.

“Foi incrível”, afirma Rodrigo Toffolo, antes de destacar a qualidade das composições e o jeito de cantar de Anavitória. “Eu sou uma pessoa que gosta de música autoral, que gosta de novidade; sempre gostei. Então, ver o que elas compõem, o jeito de cantar, é muito bonito, é muito verdadeiro, tudo muito harmônico”, acrescenta o regente titular da Orquestra Ouro Preto.

Para o duo Anavitória, a experiência de cantar com uma orquestra foi não só inédita como inesquecível. “Amamos escutar as nossas músicas de um jeito diferente. Deu um frescor para a gente. Sentimos coisas novas cantando músicas que a gente canta há muito tempo”, confessa Ana Caetano. “A gente ficou muito honrada com esse convite. Nunca tínhamos feito um show nesse formato e foi muito especial. Fiquei muito feliz, meu coração ficou maravilhado”, complementa Vitória Falcão.

Nos primeiros segundos do espetáculo, ainda com a ausência total de som, os braços do maestro Rodrigo Toffolo suavemente iniciaram os primeiros movimentos e, no milésimo seguinte, o silêncio do teatro se esvaiu com o “tu” que saiu da alma de Ana Caetano. Neste momento, o público foi levado pelo “leve da vida” para um lugar de paz e música. Depois de *Trevo (Tu)*, música que rendeu a Anavitória um Grammy Latino em 2017, vieram *Dói sem Tanto*, *Lisboa* e *Singular*, que se juntaram a outras nove canções num repertório escolhido a dedo pela dupla.

“Acho que a gente tentou pegar músicas importantes dos três discos que a gente gosta muito e que as pessoas gostam de cantar”, conta Ana Caetano, que considerou também o desejo de escutar essas mú-

sicas com uma sonoridade mais erudita. “*Singular* foi a primeira música que a gente lançou, em 2015, e a gente nunca tinha escutado com uma cara nova. Quando ouvi os arranjos no celular, coloquei no fone e fiquei assim: ‘woow’, que lindo! A nossa escolha foi isto: músicas que a gente queria cantar – e ouvir – de uma maneira diferente”, acrescenta.

As canções de Anavitória, segundo Rodrigo Toffolo, têm, para além da beleza, muita personalidade. “Acho tão bonito quando a gente consegue ver algo assim tão personalista, que você escuta de longe e em dois segundos fala: Anavitória”, destaca o maestro, acrescentando que Ana e Vitória, juntas, “têm o poder muito forte de tocar as pessoas” e que fazem todos saírem diferentes depois de escutá-las. “Acho que isso é um dom”, pontua.

Para prestigiar ainda mais a delicadeza das músicas e das vozes flutuantes de Ana e Vitória, Rodrigo Toffolo optou por uma orquestração mais intimista. O maestro deixou de lado a bateria, apostou numa percussão mais leve, com um cajón, envolveu dois violões – um de aço e outro de nylon – e adicionou um vibrafone. Tudo se encaixou perfeitamente: os arranjos de Paulo Malheiros, os músicos, Ana e Vitória.

O concerto *Anavitória e Orquestra Ouro Preto* foi planejado inicialmente para ocorrer uma única vez. Realizado em agosto de 2022, foi um sucesso absoluto. Nas redes sociais, os fãs do duo vibraram e agora suplicam para que o espetáculo com a formação mineira se repita e passe por mais cidades brasileiras. “O mundo precisa disso”, escreveu uma fã no YouTube. No que depender de Rodrigo Toffolo, o reencontro pode acontecer. “Eu adorei. Tomara que façamos mais trabalhos juntos”, conclui o maestro. ■



FOTO IRISZANETTI

VALENCIANAS II

A GRANDIOSIDADE QUE COPACABANA MERECE

Com números e desafios de megaprodução, o lançamento do disco *Valencianas II* contou com a presença de milhares de pessoas no Rio de Janeiro

Valencianas II não poderia ter um cenário mais bonito para marcar o nascimento do seu registro fonográfico. Foi nas areias da Praia de Copacabana, um dos principais cartões-postais do Rio de Janeiro e uma das paisagens mais conhecidas do mundo, que o encontro entre a música de concerto e a música popular brasileira mostrou a potência do disco gravado em 2020 na cidade do Porto, em Portugal.

Idealizado pelo trio formado pelo compositor e cantor Alceu Valença, pela Orquestra Ouro Preto e pelo diretor de cena Paulo Rogério Lage, o espetáculo reuniu milhares de pessoas para cantar e dançar sob o pôr do sol de um belo domingo à tarde.

Não é todo dia que uma união de talentos dessas acontece. Mais raro ainda é um evento dessa magnitude ocorrer em um espaço público, com acesso totalmente gratuito e com toda a estrutura necessária para atender bem à plateia. O objetivo era que todos tivessem conforto e segurança para usufruir, da melhor maneira possível, a apresentação e se divertir ao som do repertório de um dos maiores poetas e uma das vozes mais marcantes do Brasil.

Para que isso fosse possível, além de todo planejamento, foi necessário muito empenho de toda uma equipe que trabalha incansavelmente nos bastidores da Orquestra para tornar realidade os sonhos e as ousadias artísticas. Uma turma presente em cada etapa do projeto, desde sua concepção à captação de recursos, passando pela produção e equipe técnicas. Todos envolvidos nesse megaevento que marcou o lançamento do disco *Valencianas II*.

“Para que uma orquestra seja vanguardista – como é de sua natureza desde os tempos de Mozart – e possa ter sempre novos arranjos, encomendar novas composições e fazer leituras musicais orquestradas de obras literárias ou de músicas populares, e para que ela sobreviva e seja viva, com suas dezenas de músicos e instrumentos delicados,

com ensaios semanais e concertos em praças públicas, em teatros e até na praia, é preciso um investimento considerável. E esse investimento não é na orquestra em si, mas na democratização do acesso à música. Um investimento para que dezenas de milhares de pessoas assistam, pela primeira vez e quantas outras forem possíveis, a uma orquestra na praça da sua cidade, no teatro a preço popular, no Parque do Ibirapuera ou nas areias de Copacabana”, analisa Suellen Moreira, diretora de Relacionamento Institucional da Orquestra.

A diretora de desenvolvimento institucional destaca a importância de políticas públicas que possibilitam a produção de eventos dessa proporção e ressalta não apenas o caráter cultural de uma ação como essa, mas também o retorno econômico. “Esse grande evento custou R\$ 21,00 per capita, incluindo todos os custos, sem exceção. Foi esse o valor investido para cada espectador, de modo que ele pudesse estar ali, gratuitamente, assistindo a um concerto maravilhoso”. Suellen continua e cita que, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas encomendado pelo Ministério da Cultura, cada R\$ 1,00 investido via Lei Rouanet retorna R\$ 1,59 para a economia local; e que grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro podem gerar até 8 vezes mais que isso. “Ou seja, além de levar música gratuitamente a milhares de pessoas, *Valencianas II*, em Copacabana, proporcionou a injeção de milhões na economia criativa da cidade. Investir em cultura é investir na economia. E estamos felizes por sermos vetor do desenvolvimento cultural e econômico do nosso país, especialmente quando fazemos isso valorizando a música brasileira”, afirma.



Há mais de 20 anos patrocinando bandas, orquestras e programas de formação que mostram um mundo de possibilidades por meio da música e da cultura, o Instituto Cultural Vale foi parceiro da Orquestra Ouro Preto nessa arrojada empreitada. “Tivemos a felicidade de contribuir para a realização de *Valencianas II* não apenas como patrocinadores, mas atuando na articulação do espetáculo, na sua viabilização num cenário tão marcante como a Praia de Copacabana – e de forma gratuita e aberta a todos os públicos –, principalmente num momento tão significativo para o setor cultural como a retomada de eventos pós-pandemia”, afirma Hugo Barreto, diretor-presidente do Instituto Cultural Vale. “Esta é a tônica da atuação do Instituto: apoiar os projetos em diversas instâncias, numa relação de colaboração e integração. E esse é um espetáculo que nos emociona muito; é um encontro único e especial, que une a arte de Alceu Valença à excelência da Orquestra Ouro Preto”, completa.

GRANDES DIMENSÕES

O lançamento de *Valencianas II* em Copacabana é mais um ato de coragem que marca a trajetória da Orquestra Ouro Preto. Os números e as especificidades que cercam essa produção comprovam o tamanho da empreitada, que contou até com escritório montado na areia da praia. A área de realização do concerto foi de mil metros quadrados, distribuídos entre um palco central de 18 metros de comprimento, 14 metros de

profundidade e 9 metros de pé-direito. À frente dele, o espaço delimitado para receber o público; na lateral, uma área para convidados; atrás, um espaço onde estavam localizadas as salas de produção – que funcionaram desde o início da montagem –, uma copa e três camarins.

Ainda falando da infraestrutura, o evento contou com uma área de 100 metros quadrados reservada para PCDs, com tablado e banheiro especial. Na orla da praia, foram criadas duas áreas de posto médico com 200 metros quadrados, cinco UTIs móveis e um total de 160 banheiros químicos.

Parceira nessa tarefa, Andrea Monteiro, líder e gerente de núcleo da agência de eventos V3A, conta que executar um espetáculo com essas dimensões, no local em que ele foi realizado, carrega responsabilidades enormes. “Quando a gente faz um evento na Praia de Copacabana, a gente sabe a quantidade de especificidades e a visibilidade que esse evento tem. Trata-se de uma atração turística do Rio de Janeiro, conhecida mundialmente; então, todos os olhos estão voltados para ela. Um evento desse porte e dessa magnitude tem que

estar muito bem respaldado legalmente, com todas as autorizações necessárias, tudo impecavelmente planejado e executado. Não podemos errar nada”, conta.

Andrea ressalta que uma das preocupações e um dos diferenciais na pré e pós-produção do concerto foi a responsabilidade ambiental. Houve um planejamento específico para a gestão e o descarte inteligente de resíduos, de modo a minimizar os impactos ao meio ambiente. No final da desmontagem da estrutura criada para o evento, foi usado equipamento específico para busca e coleta de resíduos metálicos, objetivando o descarte correto. “Ainda falando sobre esse compromisso com o meio ambiente, todas as lonas usadas no evento foram retiradas e reutilizadas pela ONG Amigos da Caridade, que fabrica acessórios com esse material com o intuito de gerar renda para pessoas em situação de vulnerabilidade social”, afirma Andrea.

O time da V3A contou, além de Andrea, com o diretor Alexandre Moreira, o produtor master Wesley Cardoso e o produtor técnico Antônio Kemper. “Nós lideramos uma equipe superengajada, com produtores envolvidos desde o momento da concepção do projeto, cada um entrando no seu *timing*, até a realização do evento”, reconhece Andrea, citando ainda os diversos profissionais envolvidos na logística do concerto. Entre eles, 140 seguranças contratados, 26 brigadistas, 20 maqueiros, 150 pessoas ligadas à limpeza e manutenção, além de um total de 23 produtores.

Até quem já passou pelas mais inusitadas situações ao longo dos últimos anos acompanhando a Orquestra Ouro Preto país afora reconhece que nada foi igual à realização de *Valencianas II* em Copa. “Foram muitos projetos com grandezas diferentes, mas esse foi um desafio único e de grande complexidade”, diz Luiz Queiroz, produtor técnico da Orquestra. “Não é apenas pegar as licenças na prefeitura e montar. Tivemos que negociar com os ambulantes licenciados na praia para que pudéssemos usar o espaço, negociar a montagem da estrutura com a brigada de salva-vidas para que não atrapalhasse o trabalho, coisas que ninguém imagina”, conta o produtor.

O produtor ainda soma essa narrativa a uma lista de dificuldades ligadas às condições do espaço, como a movimentação de material por cima da areia, por exemplo. Mas tudo isso, segundo ele, valeu a pena quando artistas e público se encontraram. “Quando você vê as pessoas cantando e se divertindo na areia e os músicos tocando sem preocupação, com tudo rolando conforme o planejado, é uma sensação de dever cumprido que não tem explicação. É um misto de alívio e satisfação que acalenta a alma”, garante.

PROJETOS FUTUROS

O ano de 2023 será muito especial para Alceu Valença e para a Orquestra Ouro Preto. Agora, a tão esperada turnê de *Valencianas II* poderá ser retomada após a interrupção forçada pela pandemia de covid-19. O concerto reedita a bem-sucedida parceria entre o grupo mineiro e o cantor e compositor pernambucano (*Valencianas*, de 2012) e foi idealizado para se tornar um álbum e um DVD. A gravação ocorreu em janeiro de 2020, em Portugal, mas teve lançamento e apresentações suspensos em razão da crise sanitária global, declarada cerca de dois meses depois da concretização do espetáculo, numa noite de inverno que Alceu recorda como “emocionante”.

“Nós gravamos antes da pandemia. Logo depois de chegarmos ao Brasil veio o ‘corona’. Foi triste, porque não lançamos o disco; esperamos esse tempo todo para poder lança-lo”, conta Alceu Valença.

Passados três anos da gravação ao vivo e depois de duas apresentações em 2022 que reuniram aproximadamente 100 mil pessoas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o segundo volume do projeto vai, este ano, abraçar o público em diversas cidades brasileiras, motivo de muita alegria para o cantor. “Retomar esse projeto vai ser uma coisa incrível, porque participar de *Valencianas II*, pra mim, é o nirvana, é o paraíso, é incrível mesmo. Sou fã do maestro Rodrigo”, declara Alceu, acrescentando elogios ao arranjador Mateus Freire, que, segundo o artista, é um profissional “maravilhoso”. “Inclusive, quando tem as suítes, eu fico de fora, sempre curtindo na coxa dos teatros”, conta.

O hiato entre a gravação e a incerteza de quando as atividades com público seriam retomadas deixou o maestro Rodrigo Toffolo um pouco apreensivo; tanto que logo decidiu começar a trabalhar na mixagem do disco, a fim de “não deixar aquela emoção se perder”. “O disco foi gravado ao vivo. Por isso, a minha preocupação era não perder o calor do concerto, porque o ‘ao vivo’ tem isso. Então, começamos a trabalhar as peças junto com o Bruno Corrêa, o técnico de som que assina a mixagem e a masterização do disco”, recorda o regente, revelando também uma certa ansiedade para compartilhar com o público o resultado deste “disco tão bonito”, que já está disponível nas principais plataformas de *streaming*, como o Spotify.

O CONCERTO

Para o maestro Rodrigo, *Valencianas II* é especial porque apresenta um Alceu diferente, mais intimista, com o olhar para dentro do Brasil. “Alceu conhece, como poucos, nosso Brasil mais puro, mais profundo. O novo álbum mostra a música de Alceu com todo o lirismo e a poética de uma sonoridade surpreendente”, define o regente.

Valencianas II apresenta canções que evocam a versatilidade de Alceu, num roteiro que vai da bossa ao fado, que passeia com alegria pela história do artista e que se faz envolver pela atmosfera erudita fundamentada na excelência da Orquestra.

A apresentação começa com a instrumental *Suíte Valencianas II*, que une três músicas de Valença: *Rima com Rima*, *A Moça e o Povo* e *Seixo Miúdo*. Na sequência, *Dia Branco*, *Na Primeira Manhã* e *Tesoura do Desejo*. O espetáculo continua com *Solidão*, seguida por mais nove clássicos que passem pela carreira de Alceu – passando pela lusitana *P da Paixão* e terminando com o sucesso *Táxi Lunar*, já com o público em êxtase.

“Uma das prioridades do ano artístico da Orquestra é o lançamento de *Valencianas II*. E, depois disso, levar esse espetáculo às cidades... Brasília, Recife, João Pessoa, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro...”, conta, animado, Rodrigo Toffolo, antes de acrescentar que a pandemia reforçou que “o importante é o lado de fora” e que “nada substitui a música ao vivo”.

A animação para pegar a estrada também está com Alceu. O poeta não vê a hora de reencontrar o alto astral dos músicos da orquestra mineira. “Vai ser maravilhoso esse novo tempo. Espero fazer muitos concertos com eles, porque é muito bom pra minha alma, pro meu espírito e pros meus ouvidos”, finaliza Valença. ■



FOTOS IRIS ZANETTI

FOTO IRIS ZANETTI



MUITO ALÉM DA MÚSICA

O inédito encontro de uma orquestra com um grupo de congado gerou um concerto, um livro e muitas emoções

Dos muitos projetos desenvolvidos pela Orquestra Ouro Preto ao longo de mais de duas décadas de excelência, versatilidade e sucesso, o encontro com o terno de congado Moçambique Mocidade Verde e Branco, de Araxá, foi um dos mais especiais. Não só pelos desafios, como o de comungar a sonoridade percussionista do congado com violinos e violoncelos, mas também por tudo o que representou e ainda representa essa inédita parceria originada de um desafio proposto pela CBMM, patrocinadora do projeto: como traduzir e capturar o som do Cerrado?

A resposta encontrada pelo maestro Rodrigo Toffolo foi a *Missa Conga*, um espetáculo realizado consoante a cronologia de uma missa, exaltando o sincretismo religioso ao mesmo tempo que reverencia aquela que é uma das mais importantes manifestações culturais de Minas Gerais.

“Quando a gente conheceu o repertório do Moçambique Mocidade Verde e Branco – um repertório simbólico e belíssimo –, percebemos que algumas canções tinham um sentimento que a missa também tem. Da glória, do credo, da exaltação, da piedade. Então fizemos uma analogia de cada parte da missa com uma canção do terno”, conta Toffolo, regente e diretor artístico da Orquestra Ouro Preto.

O congado – ou a congada – é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira que remonta o Reino do Congo e busca, por meio do canto, da dança e da devoção, a proteção de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia. No congado, os tambores, a música, da indumentária à representação, tudo é sagrado.

Como *Missa Conga* foi um projeto inédito – a música clássica e o congado entrelaçados numa celebração –, construir este concerto não foi fácil nem rápido. Todo o processo durou quase dois anos, e começou com uma profunda pesquisa realizada pelo maestro, com a colaboração da pesquisadora e pianista Andréa Luísa Teixeira.

Os encontros, fundamentais para a Orquestra Ouro Preto conhecer a fundo a história do Moçambique Mocidade Verde e Branco, tiveram, segundo Toffolo, uma “troca de energia e de conhecimento” muito bonita. “Foi emocionante. Eu me lembro da primeira vez que eu fui a Araxá conversar com eles, propor o projeto e o trabalho em conjunto. Muita gente não acreditou que fosse possível”, conta o maestro.

Mesmo com a peculiaridade dos seus tambores e gungas e a expressividade de suas vestes, o Moçambique Mocidade Verde e Branco se destaca pela força da voz, “pelo canto”, como explica o terceiro capitão do grupo, Helvécio Pereira Silva Júnior: “A gente canta forte, canta unido; e, às vezes, o canto é a melhor forma que a gente tem para expressar aquele sentimento no momento”.

FOTOS IRIS ZANETTI



Para criar os arranjos e harmonizar o canto do congado, a missão foi confiada ao arranjador Leonardo Gorosito, que teve um papel fundamental na concepção do projeto. “O processo foi muito legal. Sou pesquisador dos ritmos brasileiros, mas como o Brasil é muito rico em variedades de ritmo, eu não conhecia muito bem o congado, até porque são vários tipos, vários grupos com diferenças entre si. Então, quando o Rodrigo me convidou, foi uma alegria, porque percebi que poderia ser uma experiência muito legal conhecer a fundo essa manifestação popular”, conta Gorosito, que também é um dos mais talentosos percussionistas do país.

Leonardo Gorosito criou as partituras a partir de áudios que Rodrigo e Andrea captaram durante os encontros em Araxá. Alguns áudios só com os cânticos, outros com as vozes e a percussão. Foram três meses de trabalho intenso. “Demorou bastante, porque cada música era um mergulho”, conta o arranjador, antes de detalhar o processo. “Foi um grande desafio, porque o mestre do congado só canta a melodia. Em termos de harmonia, de acompanhamento harmônico e até mesmo rítmico, eu fiquei totalmente livre para criar. Então eu rearmonizei muita coisa. O Rodrigo me deu total

liberdade para brincar como eu quisesse com as músicas. Mas, claro, sem descaracterizar”, acrescenta.

Além do espetáculo *Missa Conga*, o encontro resultou num livro homônimo, assinado por Rodrigo Toffolo e Andréa Luísa Teixeira. A obra, que naturalmente torna o projeto literomusical, eterniza essa mistura única de sons e ritmos.

“É muito importante mostrar para as pessoas como tudo foi feito. Um encontro da tradição, da modernidade, emoldurado por essa cidade maravilhosa e tão importante que é Araxá. Por isso, contamos essa história no livro, que fala bastante de como foi esse um ano e meio de pesquisa. E é o registro etnomusicológico de um encontro que uniu orquestra e congado, num momento único”, sustenta Toffolo.

O concerto *Missa Conga* estreou no dia 7 de setembro de 2022, em Araxá; mesmo dia e local do lançamento do livro. Quem lá esteve se emocionou, cada um à sua maneira. Leonardo Gorosito, que, além de ter feito arranjos, participou como “regente da percussão” do espetáculo, recorda que, no fim da apresentação, os integrantes do Moçambique o chamaram ao centro do palco, juntamente com Rodrigo e Andréa, para, na figura do trio, abençoar a Orquestra e aquela noite. Gesto que, segundo o arranjador, foi muito marcante. “Foi uma das maiores emoções que eu já senti na vida; estar naquele palco, com todo grupo em volta da gente, fazendo uma bênção, cantando uma música, foi muito gratificante mesmo”, finaliza. ■



FOTO IRISZANETTI

O GAROTO

CARLITOS PARA TODOS

Concerto em tributo a Chaplin percorreu o interior de Minas Gerais levando o encanto do cinema a toda a família

O cinema tem, por si só, a capacidade de nos fazer viajar no tempo e no espaço sem precisarmos sair do lugar. Mas essa experiência se torna ainda mais potencializada quando, além da obra cinematográfica em si, todo o contexto nos remete a outras épocas, a um passado, nem tão distante assim, em que as famílias se encontravam na praça das pequenas cidades, ao ar livre, sob o céu e as estrelas, para sonhar diante da grande tela.

É de maneira itinerante, seguindo o lema da canção de Milton Nascimento e Fernando Brant que diz que “todo artista tem que ir aonde o povo está”, que a Orquestra Ouro Preto percorreu diversas cidades do interior do estado em 2022. O objetivo: levar, em sua caravana, o filme *O Garoto*, obra-prima de Charles Chaplin, e uma trupe afinada de músicos para executar ao vivo a trilha sonora.

Barão de Cocais, Congonhas, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete, Três Marias, Divinópolis e Belo Horizonte foram palco dessa apresentação que teve patrocínio da Gerdau. E o público fez bonito: famílias inteiras, pessoas de todas as idades, lotaram as praças. A cada sessão, as imagens criadas pelo rei do cinema mudo ganhavam, de forma simultânea, os sons interpretados pela Orquestra.

Uma grande ousadia, já que a execução ao vivo demanda uma sincronia perfeita entre música e imagem, desafiando ainda mais os músicos e comprovando o compromisso com a excelência e a inventividade. Uma experiência única e um desafio ímpar para os artistas envolvidos.

Entretanto, não é porque o concerto *O Garoto* nos carrega para o passado que ele está desconectado do presente. Pelo contrário. A obra

de Chaplin, do alto de seus mais de 100 anos, segue cada vez mais atual, tendo como tema central pautas totalmente contemporâneas. Inspirado na infância de seu criador, o filme comove o público há gerações justamente por abordar questões universais e ainda não superadas, como a desigualdade social, o abandono de crianças menos favorecidas e os tabus enfrentados pelas mulheres quando se tornam mães solteiras.

Chaplin e seu Carlitos são atemporais. Tanto é que, em sua última aparição, no filme *Tempos Modernos*, o personagem de bigode largo, cartola e bengala deixa ao mundo umas das mais contundentes críticas ao capitalismo e o impacto desumanizante sobre as classes menos favorecidas. Mais um clássico da sétima arte assinado pelo genial diretor, que, em 2023, ganhará as cores e as nuances da Orquestra em novo concerto.

Um dos filmes mais populares da história do cinema, *Tempos Modernos* acompanha as desventuras de um operário que tenta sobreviver diante das iminentes transformações na divisão de trabalho e da expansão do sistema. É pela repetição que Chaplin revela o absurdo de um sistema insano de produtividade. Sempre, claro, com doses generosas de pastelão e muito humor.

O coração já fica quentinho só de imaginar a plateia entre sorrisos e lágrimas enquanto as cordas da Orquestra ecoam a poesia de *Smile*. ■

UMA VIAGEM MUSICAL

Lançamento de *Bia e a Máquina do Tempo* marca a segunda incursão do maestro Rodrigo Toffolo no universo da literatura infantojuvenil

Quem disse que música de concerto é assunto só de gente grande? Em uma manhã de domingo, Rodrigo Toffolo, maestro titular e diretor artístico da Orquestra Ouro Preto, foi recebido por um grupo de pequenos espectadores no foyer do Grande Teatro do Sesc Palladium após a apresentação do concerto em homenagem ao Dia das Crianças. O motivo: o lançamento do livro *Bia e a Máquina do Tempo*, sua segunda incursão pelo universo da literatura infantojuvenil.

Em mais uma demonstração de sua crença na versatilidade, na excelência e na democratização do acesso à arte, o conjunto orquestral mineiro reafirma seu compromisso de pensar a formação de novos públicos não somente por meio da renovação de repertórios, mas também criando pontes na comunicação com crianças e adolescentes. “A Orquestra Ouro Preto sempre prezou pela formação de sua plateia, e a inclusão do público infantojuvenil era um passo já programado. Não só as publicações literárias, mas também concertos como *O Pequeno Príncipe* e *Fernão Capelo Gaivota* são dedicados aos pequenos ouvintes da música instrumental”, afirma Rodrigo Toffolo.

Bia e a Máquina do Tempo conta a história de uma garotinha que vive mil aventuras naquele que seria seu primeiro dia de aula na escola de música. E, por meio de um objeto “misterioso”, ela é transportada para o passado, onde se encontra com um dos maiores compositores de todos os tempos: Ludwig van Beethoven (sim, ele mesmo!). Tendo como ferramenta não apenas a linguagem didática, mas também o humor, a brincadeira e muita diversão, o grande compositor será seu guia pela história da música ao longo dos séculos. “O livro foi escrito em 2020, em comemoração dos 250 anos de nascimento de Beethoven; e essa foi uma homenagem, à moda Orquestra Ouro Preto, a um dos maiores músicos que já pisaram neste planeta”, conta o maestro.

A publicação dá continuidade à história de Bia, protagonista do primeiro livro de autoria de Toffolo, *Amiga Música*, com ilustrações de Zivaldo e Mig. Nesta primeira aventura, a personagem, inspirada na pequena Beatriz, filha do maestro, descobre os mistérios e a beleza da vida através de conceitos básicos do mundo da música. Agora, mais crescida, a garotinha aprende teoria e história da música de um jeito muito especial.

“*Bia e a Máquina do Tempo* foi inspirado nos antigos almanaques de férias, com leitura e atividades lúdicas. Talvez algum leitor se lembre do *Almanacão da Turma da Mônica*. Mas aqui o foco é a história da música

e seu caminho, dos primórdios até os dias atuais”, compara Toffolo. “Fizemos questão de ter dois tipos de escrita, sendo a primeira com textos em formato de conversa por WhatsApp e a segunda em formato de história em quadrinhos. Assim, a mudança de ritmo de leitura engaja mais os jovens, contribuindo para que o prazer da leitura se torne mais evidente e, conseqüentemente, auxilie para que esse hábito seja cada vez mais enraizado em nossa juventude”, completa.

A publicação, indicada ao Prêmio Profissionais da Música na categoria Educação, tem como propósito aproximar o público infantojuvenil do universo musical. Para chegar a esse objetivo, o autor aposta numa narrativa lúdica que transborda informação, conhecimento e interatividade. Como já foi dito, humor, jogos e brincadeiras estão presentes ao longo da leitura. Tudo aliado a ilustrações fantásticas assinadas pela artista paulista Gabi Milanelli. “A ideia é deixar a leitura mais leve para um público que ainda está se formando. Isto é muito importante: contribuir para o desenvolvimento do país a fim de termos mais e mais leitores. Por isso, elementos gráficos e tarefas fazem parte do livro, pois levam o leitor a aprender um pouco sobre a prática musical. É lúdico, divertido e informativo”, enfatiza.

Pelos indícios, vem muito mais coisa boa por aí voltada para esse público tão importante e especial para a formação mineira e seu regente. “Estamos sempre pensando no próximo passo. Contribuir para a formação de uma plateia jovem e ao mesmo tempo tão cheia de vontade de algo novo é um combustível que faz da Orquestra Ouro Preto um projeto único”, encerra o maestro. ■

FOTO: RAPHA GARCIA



O AUTO DA COMPADECIDA

Auto da Compadecida, a Ópera reúne alguns dos mais importantes representantes da cena lírica e teatral do país, trazendo a eles desafios e vivências inéditas

O *Auto da Compadecida*, uma das mais célebres obras da história da dramaturgia brasileira, acaba de ganhar um novo tom. Depois de conquistar o público por mais de seis décadas no teatro e no cinema, Chicó e João Grilo, personagens centrais desta obra-prima de Ariano Suassuna, ressurgem numa ópera bufa inédita concebida pela Orquestra Ouro Preto. A montagem estreou no ano passado e vai fazer novas incursões pelo Brasil em 2023. Com música original de Tim Rescala, que assina o libreto com o maestro Rodrigo Toffolo, também responsável pela concepção e pela direção musical do espetáculo, *Auto da Compadecida, a Ópera* é uma das principais atrações da formação mineira para a atual temporada.

Essa montagem não é a primeira investida da Orquestra Ouro Preto em produções operísticas, mas acabou por entrar num lugar de ineditismo para o grupo ouro-pretano, pois se trata da primeira grande produção da formação neste gênero. Segundo Rodrigo Toffolo, ela “é especial por ser a nossa primeira (grande) ópera. Já apresentamos outras duas, é verdade, mas foram óperas menores, de um ato só. Um bom treinamento para a Orquestra. Já esta é uma ópera de fôlego e totalmente original”.

A ideia de trabalhar essa comédia, escrita em 1955 por Suassuna, surgiu do desejo de Rodrigo de ver em cena uma ópera bufa brasileira capaz de fazer rir e emocionar. “A grande maioria das grandes óperas brasileiras são cantadas em italiano; então existia essa vontade de ter uma ópera cantada na nossa língua materna”, explica o maestro. “A partir daí, fomos buscar na literatura qual seria esse texto e o encontro com o *Auto da Compadecida* foi quase que imediato. É uma obra-prima da dramaturgia brasileira, extremamente teatral e operística”, acrescenta.

No entanto, avançar com este projeto significou adaptar um clássico consolidado no imaginário popular brasileiro, o que é, em si, um desafio que impõe riscos. Neste sentido, Tim Rescala diz que “é preciso

sempre respeitar a espinha dorsal da obra original”. O compositor revelou que, para alcançar o resultado desejado, a ideia foi criar uma obra derivada: “Digamos, assim, uma nova obra, porque a linguagem é completamente diferente. E, nesse caso, trata-se de cantar uma história, não simplesmente de contá-la; e sobretudo num ritmo diferente que é o ritmo musical. Quando se canta uma cena, há uma duração e um ritmo interno totalmente diferentes de um texto falado. Então, o desafio inicial é esse. E, evidentemente, o outro é criar uma coisa nova, mas respeitando a espinha dorsal. E eu acho que a gente conseguiu isso com o *Auto*”.

Ainda sobre a concepção da ópera, Rodrigo Toffolo recorda que, no início da pesquisa, pensou bastante como seria para o público ver Chicó e João Grilo impostados como cantores operísticos. Nessa linha, o maestro afirma que o desafio foi muito grande, “porque, quando você trabalha com um tema que tem também um filme tão bem-sucedido, como é o do Guel Arraes, você tem de trabalhar bem o libreto, que é a história que você vai contar”.

Ao encontro dessa excelência que conduziu Toffolo e Rescala a uma grande ópera foi também a visão do diretor de cenografia Luiz Abreu, que se viu diante de vários novos desafios, mesmo após tantos anos trabalhando com grandes espetáculos. “Uma ópera é concebida como uma ‘arte completa’. Em palco, a justaposição de figurinos, cenários, dramaturgia, iluminação, som e outros tantos itens deve elevar a música à quintessência. E essa composição, para ser feita com maestria, exige um alto nível de dedicação”, conta Abreu.

A MÚSICA EM CENA

Rodrigo Toffolo e Tim Rescala estavam seguros de que este projeto deveria ser uma ópera, não um musical armorial. “Tinha de ser uma ópera em dois atos, com intervalo. Eu sabia que queria isso. Tinha de ser uma ópera bufa brasileira”, conta o maestro. Com essa ideia em mente, ficou claro qual estrada musical percorrer. E foi nesse ponto que o trabalho de Tim Rescala vigorou.

“A ideia foi, desde o início, fazer uma obra popular, sendo obviamente fiel ao que o autor pregava. Você não vê na obra de Suassuna, em qualquer uma delas, uma erudição pernóstica. Tem erudição, tem pesquisa histórica, mas (o *Auto da Compadecida*) é uma obra sobretudo popular; então, a ideia inicial foi manter essa característica”, diz Rescala. E acrescenta: “Mesmo sendo uma linguagem, evidentemente, não digo rebuscada, mas profunda em termos musicais, a gente conseguiu manter o perfil popular da ópera”.

Na sonoridade apresentada no *Auto*, a flauta é um dos instrumentos presenteados por Tim com uma riquíssima escrita musical. A missão ficou nas mãos de Alef Caetano: “Confesso que gosto muito quando os compositores escrevem muitas linhas e muitos solos para flauta. O nível de responsabilidade aumenta. Ainda mais se tratando de um verdadeiro banquete cultural da música, do teatro e da literatura nacional”.

O PRODUTO FINAL

A Orquestra Ouro Preto vai levar o *Auto da Compadecida*, a Ópera a várias cidades brasileiras este ano. E é muito provável que as pessoas se encantem com o espetáculo, tal como nas apresentações que decorreram em 2022, sempre com casa cheia. Internamente, entre os realizadores, produtores e músicos, o sentimento é de satisfação.

“Fiquei muito feliz com o resultado. Me deu muita alegria, principalmente porque o envolvimento de todos foi total”, conta Tim Rescala antes de exaltar as apresentações realizadas em 2022 no Rio, em Belo Horizonte e em São Paulo. “A gente viu a resposta do público, que foi excelente nas três cidades. E isso nos estimula e nos impulsiona a seguir com a obra.”

Para Luiz Abreu, o destaque final foi a sintonia das partes envolvidas na construção da ópera. “Foram vários os profissionais envolvidos em todo o processo e cada um deixou sua marca para que o *Auto* se tornasse espetacular. Acho que a Orquestra deu um passo importante e a obra de Suassuna segue seu legado de encanto absoluto”, avalia.

Agora, a expectativa está no passo seguinte, que será a próxima apresentação, depois a próxima e, mais uma vez, a próxima. No que depender de Rodrigo Toffolo, o *Auto da Compadecida*, a Ópera visitará, em 2023, o máximo de cidades possível. “Queremos que muitas pessoas vejam e sintam a mesma emoção que sentimos ao trabalhar essa ópera”, conclui o maestro, que adianta que haverá récitas em Manaus (AM), Belém (PA), Rio de Janeiro (RJ) e Belo Horizonte (MG).



FOTOS: RAPHA GARCIA

ÓPERA: UMA ARTE QUE SE CONJUGA NO PLURAL

A força coletiva do *Auto da Compadecida*, a Ópera é algo que marca a experiência do espectador. Em 2022, o público pôde testemunhar um elenco que reuniu alguns dos mais importantes artistas do canto lírico e do teatro do país em uma montagem que se destacou não apenas pelas virtudes individuais, mas principalmente pelo encontro entre as partes de uma arte que se conjuga no plural.

“O mais extraordinário foi perceber que as diversas expertises dos artistas são energias que movem o processo, em que não há melhor nem pior, não há erudito nem popular. Há o conhecimento do ofício que cada um traz para compor o tecido artístico novo. Uma experiência exuberante”, celebra Fernando Portari, que teve, com sua participação no *Auto*, a alegria de voltar ao mundo da comédia interpretando o Padre João.

Mesmo para alguns dos mais experientes cantores e atores do Brasil, levar a obra de Ariano Suassuna para o palco trouxe muitos desafios e vivências inéditas. Por exemplo, ter que dar vida a uma das duplas mais emblemáticas e carismáticas da literatura e do cinema nacional e, ainda por cima, com um texto cantado, algo totalmente diferente do que mora no imaginário popular. Missão belamente cumprida por Jabez Lima e Rafael Siano, que representaram João Grilo e Chicó.

“Era importante trazer novas nuances e algumas novas características a um personagem tão conhecido como João Grilo. Sempre me identifiquei com ele por vários motivos; e penso que, como o que ele mais sente é fome, mostra um dos maiores problemas do nosso país e representa milhões de brasileiros que, neste exato momento, não sabem qual será a próxima refeição”, reflete Jabez Lima.

O cantor ressalta que há uma especificidade neste trabalho. “Existe uma mistura de sentimentos que envolvem a história de João Grilo. Vemos isso em alguns momentos do primeiro ato e fica muito mais explícito no segundo ato, com a famosa prece clamando pela ajuda de Nossa Senhora. Essa é uma das partes que eu preciso sempre me concentrar para não chorar”, confessa.

Rafael Siano, por sua vez, além de dar voz e corpo ao bordão “não sei, só sei que foi assim”, foi incumbido da tarefa extra de interpretar também o Encourado. “Dois personagens tão opostos em um intervalo curtíssimo de tempo. Acessar esses dois lugares em uma única récita faz a experiência ser ainda mais incrível e particular”, afirma o tenor. “Por ser uma ópera inédita, foi a primeira vez que eu pude materializar algo que já tinha no pensamento e construir algo familiar e completamente surpreendente ao mesmo tempo”, define.

Com a verve do humor que também é característica primordial do espetáculo, Siano elenca ainda uma série de primeiras vezes que ele teve a oportunidade de vivenciar. “Cantar com sangue cênico na boca! E também de máscara! E manusear o Gato (que descome dinheiro). E ficar com a mão cheirando a bexiga de bode. Uma delícia!”, brinca.



FOTOS RAPHA GARCIA

A responsabilidade da soprano Marília Vargas não foi nada menor, considerando-se que coube a ela não apenas dar luz à personagem título do espetáculo, assim como viver a pele da Cangaceira e ter de encontrar o equilíbrio entre duas energias opostas: uma que salva e outra que mata. “Mas ambas as ações têm grande complexidade e colorido. Não quis fazer a Cangaceira como uma simples assassina; ela é muito mais do que isso, e também tem sua beleza. Tentei trazer um pouco da Maria Bonita nessa construção. Já a Compadecida deve trazer muita força dentro da serenidade, pois ela é uma grande advogada de defesa. Seu texto belíssimo exige um multicolorido na voz, procurando a expressão de cada palavra para tocar o coração, não só de Jesus, mas de todos os ouvintes”, diz ela, referindo-se a um dos momentos mais comoventes do espetáculo. “No dia da estreia”, recorda Marília, “a energia da Cangaceira veio com tanta força que me perguntei durante a pausa se seria capaz de encontrar a serenidade da Compadecida em tão pouco tempo. Mas ela veio, e entendi que a força interior de ambas é parecida, mas irradiam de forma diferente”.

Em sua primeira parceria com a Orquestra Ouro Preto e também inaugural mergulho na obra de Suassuna, Marcelo Coutinho conta que, mesmo já tendo cantado outras obras brasileiras, essa experiência trouxe questões ímpares. “O *Auto* foi bem diferente, a começar por ser uma obra inédita, sobre um libreto muito conhecido. Descobrir todo um gesto único dentro da música escrita por Tim foi um grande desafio que o Chico Pelúcio nos apresentou”, sublinha Coutinho.

Um dos mais relevantes artistas da cena mineira, Maurício Tizumba empresta todo o seu carisma à montagem e surpreende em sua composição de Jesus. Segundo ele, corroborando o que diz Coutinho, por mais que some uma longa trajetória em óperas e musicais, o espetáculo da Orquestra Ouro Preto trouxe lugares ainda não explorados. “Já tive algumas experiências em óperas e com outras orquestras, mas não nessa junção grandiosa de ópera bufa, na qual me encaixei bem com dança, fala, canto, humor e seriedade ao mesmo tempo. Com certeza, foi um poço profundo de aprendizado nesse imenso desafio de cantar com as maiores vozes da ópera no Brasil”, revela Tizumba.

O time de cantores se completa com Carla Rizzi, em cena como a Mulher do Padeiro. Ela conta que já integrou diversas outras montagens – umas mais conservadoras, outras mais inovadoras – cujas histórias e músicas

são, geralmente, já conhecidas pelo grande público. “No *Auto da Compadecida, a Ópera*”, diz ela, “tive o presente e o privilégio de cantar uma ópera inédita e poder me expressar através do meu corpo, do meu canto, da minha voz. E cantar na minha língua é uma experiência cheia de pertencimento ao sentido de brasilidade”, celebra.

Carla ressalta ainda a incrível sintonia criada na relação com os atores, em um encontro da ópera com o teatro falado ao ritmo da música. “Eles não erravam nem um tempo musical e muitas vezes arriscavam um canto muito bem-sucedido”, elogia.

Um de seus parceiros de cena foi Cláudio Dias, o Padeiro, com quem contracenava durante todo o espetáculo. Ator e diretor mineiro, Cláudio tem longa e reconhecida trajetória no teatro de grupo e viveu novos desafios no processo de criação da ópera, a segunda de sua carreira. “Agora foi um desafio muito maior, porque tinha um estudo desse texto recitado dentro de uma estrutura musical. Um trabalho que demandou uma abertura para a escuta musical muito grande, além de um tempo diferente de processo de criação para quem vem de uma companhia de teatro que geralmente fica até 9 meses trabalhando para o desenvolvimento de um espetáculo. E, para isso, tive que correr atrás, ser disciplinado com meus deveres de casa, para construir um trabalho tão grande como foi o *Auto*”, conta Cláudio.

Glicério Rosário, que interpreta Severino, ressalta ainda o jogo com o maestro Rodrigo Toffolo, regente titular da Orquestra Ouro Preto. Segundo o ator, ele ganhou a compreensão de que, na ópera, é preciso contracenar também com o maestro, pois, além de ser uma troca constante, ele rege todo o andamento da cena. “E Rodrigo é quase um ‘ponto teatral’, pois, ao mesmo tempo que

FOTO RAPHA GARCIA





FOTOS RAPHA GARCIA

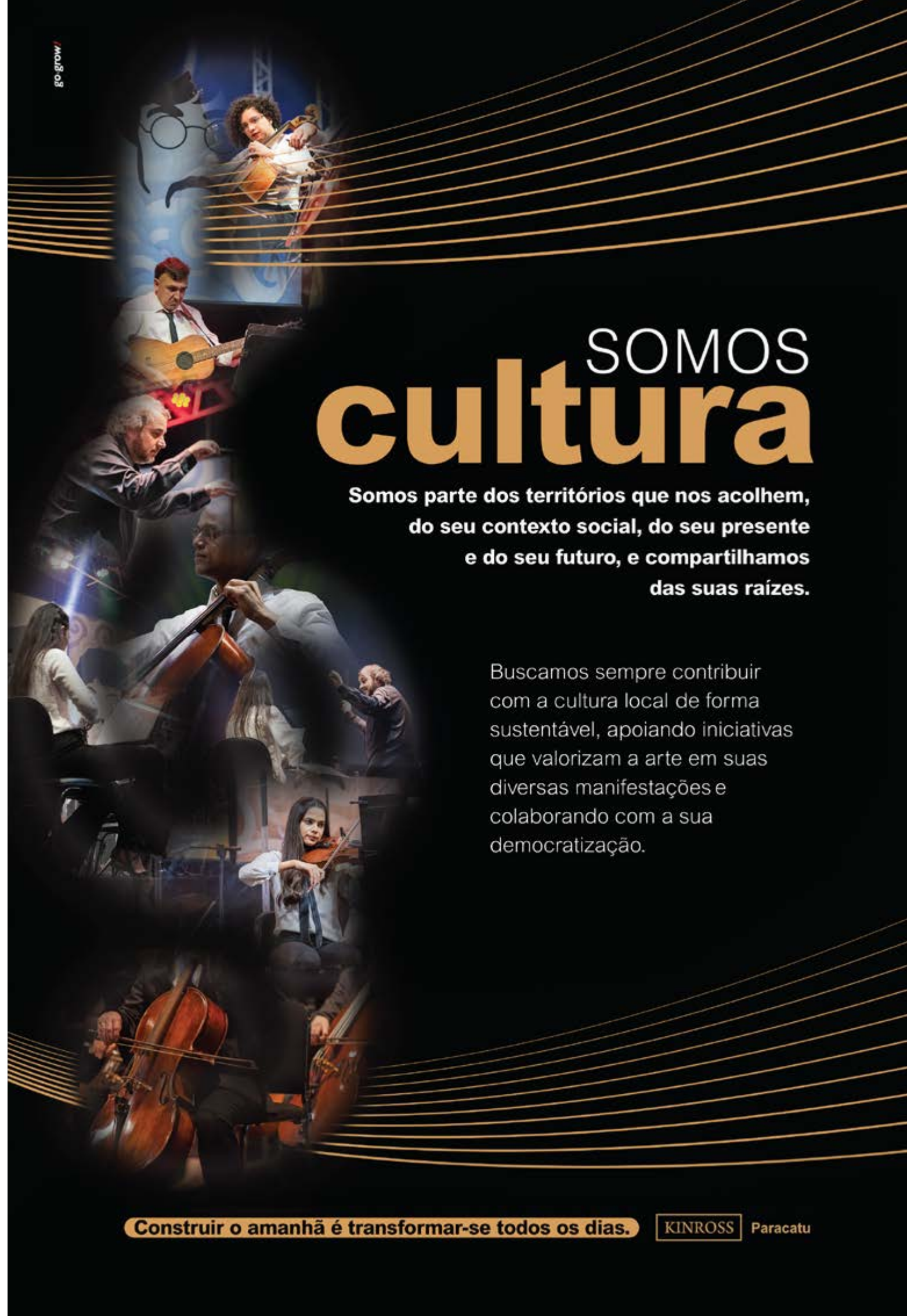


rege, ele soletra todo o texto! Estratégias sutis, aprendidas com as novas parcerias de cena (cantores e cantoras), de introduzir esse olhar na encenação de modo fluido. Não encenar para frente, de modo engessado, mas passar pelo maestro nos momentos-chave e voltar à plateia, à cena”, compartilha Glicério. “Exercer a dramaticidade, a comicidade ou a poeticidade do momento, sem se desgrudar do andamento musical, é lindo! Ademais, a potência de estar acompanhado pela orquestra é difícil descrever. Dá vontade de ficar assistindo cada músico no exercício de controlar seu instrumento e produzir a beleza musical. É um alimento para a construção da expressão de cada um em cena. É vivo! É pulsante!”, completa o ator.

A missão de dirigir toda essa turma em cena e criar uma unidade entre todos esses elementos coube a ninguém menos que Chico Pelúcio, integrante do Grupo Galpão e um dos mais criativos atores e diretores de sua geração. Equilibrar o tempo da comédia, tão singular, com o tempo exigido pela música foi um dos desafios que Pelúcio viveu durante o processo de criação. “O drama se adequa melhor nos tempos dos compassos, mas a comédia pede um tempo próprio, difícil de conviver com uma partitura predeterminada. Quase não há espaço para a improvisação. Mas contei com um elenco talentoso, disponível e corajoso, no qual, no curto tempo de ensaios que tivemos, todos foram achando espaço para dar vida à cena e aos personagens. Mesmo nos tempos, às vezes longos, de espera dos compassos, das introduções musicais, das pausas. A cada espetáculo, achávamos possibilidades novas e assim chegamos a um equilíbrio entre a cena e a orquestra ao vivo”, garante.

A realização do *Auto da Compadecida*, a Ópera teve o patrocínio do Instituto Cultural Vale, que este ano, mais uma vez, se une à Orquestra Ouro Preto para que todo o país possa conhecer essa versão sem precedentes da obra de um mestre da literatura nacional.

“Como disse Ariano Suassuna, ‘toda arte é local antes de ser regional. Mas, se prestar, será contemporânea e universal’. Essa frase resume o potencial que o *Auto da Compadecida*, a Ópera tem através do olhar sempre inovador da Orquestra Ouro Preto, num espetáculo que reúne grandes talentos. Daí foi natural ver teatros lotados na estreia na Cidade das Artes Bibi Ferreira, no Rio de Janeiro; no Teatro Alfa, em São Paulo; e no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, reforçando a importância de levar nossas manifestações culturais a públicos cada vez maiores”, afirma Hugo Barreto, diretor-presidente do Instituto Cultural Vale. ■



SOMOS cultura

Somos parte dos territórios que nos acolhem, do seu contexto social, do seu presente e do seu futuro, e compartilhamos das suas raízes.

Buscamos sempre contribuir com a cultura local de forma sustentável, apoiando iniciativas que valorizam a arte em suas diversas manifestações e colaborando com a sua democratização.

Construir o amanhã é transformar-se todos os dias.

KINROSS Paracatu



STREAMING

TAKE ON ME

Álbum que coroa a homenagem da Orquestra Ouro Preto à banda norueguesa chega ao streaming este ano

Uma das novidades da Orquestra Ouro Preto para 2023 é o lançamento do disco *Orquestra Ouro Preto: A-Ha*, que chegará em breve às principais plataformas de *streaming*. O álbum é fruto de uma super-homenagem da formação mineira ao trio norueguês. A primeira apresentação dessa homenagem ocorreu em 2021 com um elogiado concerto no Grande Teatro do Sesc Palladium, em Belo Horizonte. A apresentação, transmitida ao vivo no canal da Orquestra Ouro Preto no YouTube, foi um sucesso absoluto.

“Eu sempre soube que a homenagem seria um baita sucesso, porque o sucesso do A-Ha no Brasil foi gigantesco. A banda tinha uma conexão muito forte com o país e lotou o Rock in Rio em 1991”, comenta o maestro Rodrigo Toffolo, lembrando o histórico concerto que Morten Harket (vocalista), Magne Furuholmen (tecladista) e Paul Waaktaar-Savoy (guitarrista) fizeram na segunda edição do festival, quando o trio levou mais de 190 mil pessoas ao estádio do Maracanã. Essa apresentação deixou o nome do grupo no *Guinness Book*, com o recorde de maior público pagante de um show musical.

Para além de atender à legião de fãs que o A-Ha mantém no Brasil, o desejo de homenagear a banda também passou pelo ressurgimento da cultura da década de 1980, que ganhou força há pouco mais de três anos, até mesmo em produções artísticas recentes, como é caso das séries *Stranger Things* e *Cobra Kai*, da Netflix; e pela motivação da Orquestra em explorar novas propostas musicais em seu repertório, o que é animador quando se fala de uma banda *new wave* que, munida de sintetizadores, fez um estrondoso sucesso no mundo inteiro e marcou a vida de uma geração ávida por grandes aventuras.

Luiz Abreu, diretor de Comunicação e Marca da Orquestra Ouro Preto, ressalta que o Brasil é um dos países onde a banda é mais aclamada. “Prova disso é que *On Tour On Brazil* foi lançado apenas em terras tupiniquins. Ou seja, render homenagem ao trio passa não só pela apreciação da direção artística, como também por uma possível demanda reprimida dos fãs”, acrescenta.

O álbum *Orquestra Ouro Preto: A-Ha* será lançado pelo selo Musickeria, com arranjos de Fred Natalino e regência de Rodrigo Toffolo. Entre as canções que compõem o disco, estão hits como *Hunting High and Low*, *You are the One* e *Take on Me*.

“O disco está lindo. A versão física teve pré-estreia no final de 2022, mas estamos ansiosos para que as faixas ganhem as plataformas de *streaming*. Assim o nosso público pode desfrutar grandes momentos com nossa trilha sonora. Acredito que o disco vá tocar fundo as pessoas. Tanto por lembrar dos tempos que não voltam, quanto para mostrar que a música feita pela banda não é datada. Ela tem qualidade para se perpetuar e encantar até mesmo as novas gerações”, conclui Luiz. ■

NO BALANÇO DO BALAIO

Concerto em homenagem ao cantor e compositor Vander Lee será lançado nas plataformas digitais

Vander Lee (1966 - 2016) fez de Belo Horizonte a aldeia que o faria falar para muito além das montanhas que emolduram a cidade mineira. O cantor e compositor, que nos deixou aos 50 anos, fez de seu disco *No Balanço do Balaio* um registro histórico e um retrato poético de uma metrópole que pulsava no fim dos anos 1990. Sempre presente nas canções de Vandeco, o povo mineiro retribuiu o carinho ao artista lotando a plateia do concerto em sua homenagem, que estreou no Sesc Palladium no dia 7 de agosto de 2022. Um encontro que enalteceu sua poesia e transbordou emoção.

Essa bela homenagem ganhará ainda mais visibilidade neste ano, com o lançamento do álbum nas plataformas digitais. Sob a regência do maestro Rodrigo Toffolo, a Orquestra Ouro Preto resgata, neste concerto, um dos discos mais emblemáticos da carreira do músico mineiro, com sambas bem-humorados e baladas românticas em versão orquestrada, com arranjos assinados por Marcelo Ramos.

A cantora Laura Catarina, filha de Vander Lee, e o irmão do cantor, Marcos Catarina, dão voz às canções que revelam a essência de suas composições, o violão refinado e a sensibilidade do intérprete e compositor, reconhecido e gravado por artistas como Gal Costa e Maria Bethânia. “Para quem não conhece toda a obra do meu pai, vai perceber como ele transitava do humor ao sublime em suas composições. As letras retratam muitas paisagens da vida cotidiana e da individualidade, com um olhar profundo e inspirado, em melodias ricas e que ficam no coração da gente. Arte que transforma e faz transbordar”, exalta Laura. O arranjos destacam ainda mais as sutilezas melódicas das composições

originais; e, segundo Laura, “exploram ainda mais a musicalidade das canções de Vander Lee, dando um acabamento fino, sublinhando e exaltando os traços mais bonitos dessas obras”, diz a cantora.

Para Marcos Catarina, o encontro musical entre a obra de Vander Lee e a Orquestra Ouro Preto é um símbolo da diversidade da música brasileira e ajuda a fortalecer a ideia de que a música não tem fronteiras. “Ela pode misturar temporalidades diferentes, classes sociais distintas, pessoas diversas, de maneira muito democrática. Desde que tenha beleza, que tenha alegria e amor.”

Se a reação do público é sempre um bom termômetro, o lançamento do tributo a Vander Lee é um convite a nos comovermos juntos, garante Laura. “Tenho certeza de que todos os que se lembram desse álbum e os que passarem a conhecê-lo agora vão se emocionar, se encantar e se divertir com esse registro musical impecável. É um privilégio ter acesso a essa obra para lembrar a vida de meu pai, a sua memória, e beber da fonte da sabedoria, da poesia, da cultura e da arte que compõem o patrimônio imaterial da nossa família e da música popular brasileira.” ■

FOTO IRIS ZANETTI



Laura Catarina,
filha de Vander Lee

GONZAGÃO

RESPEITO AO FILHO DE JANUÁRIO

Orquestra Ouro Preto prepara concerto em homenagem à obra do Rei do Baião

Entre Minas, Pernambuco e Paraíba: uma combinação que deu muito certo na trajetória da Orquestra Ouro Preto. Além do encontro com Alceu Valença, que rendeu dois lindos concertos dedicados à obra do cantor, poeta e compositor, e após o mergulho vertical na obra de Ariano Suassuna para a criação do *Auto da Compadecida*, a *Ópera*, a formação mineira se volta à obra de mais um gênio da música brasileira: Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

Cantor, compositor e sanfoneiro, Luiz Gonzaga marcou a música brasileira e se tornou um dos primeiros representantes da cultura nordestina a obter notoriedade em todo o país. Nascido no sertão de Pernambuco, em 1912, deixou um legado de canções conhecidas por muitos e regradas mesmo depois da sua morte, em 1989. Ao longo de meio século de carreira, gravou mais de 250 discos, entre 78 rotações, LPs e compactos, sem contar as coletâneas.

Para criar esse tributo, a Orquestra Ouro Preto convidou o arranjador paraibano Mateus Freire, presença constante entre seus colaboradores, para mergulhar na obra de Gonzagão. E, para propor um diálogo entre as cordas e a sanfona nos novos arranjos, o músico vai recorrer às memórias de infância. “Meus pais foram músicos nos anos 1970 e, na época, tinham uma banda famosa lá em João Pessoa. Eles faziam concertos de rock, mas também acompanhavam muitos artistas que passavam na região. E tocaram muitas vezes com Luiz Gonzaga; na capital e no interior. Então, além de escutar essas músicas desde muito pequeno, de ver meus pais e tios tocando nas rodas de violão lá em casa, eu ouvia meus pais contando as histórias da convivência que tiveram com ele durante aqueles anos. Com certeza, vou relembrar de muita coisa e reviver alguns momentos escrevendo esse trabalho”, conta o músico, que soma parcerias de sucesso com a Orquestra, entre elas as versões para os clássicos de Beatles e os projetos *Valencianas I e II*.

O legado de Luiz Gonzaga tem dimensões monumentais. Segundo o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), ele deixou 487 composições e 1.258 gravações. Escolher um repertório que contemple

tantas pérolas não é tarefa das mais fáceis. Freire, porém, afirma que a seleção, feita em parceria com o maestro Rodrigo Toffolo, vai agradar aos fãs de um dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos. “O repertório vai contemplar os grandes sucessos da carreira de Luiz Gonzaga, o que vai resultar em emoções distintas em cada um na plateia. Vai ter gente que vai se lembrar da infância, de uma festa de São João ou até mesmo de uma paquera ou um beijo demorado num show de forró”, garante ele.

Luiz Gonzaga criou um arsenal de canções que fazem parte do imaginário coletivo brasileiro. O autor de *Asa Branca*, *O Xote das Meninas*, *Qui Nem Jiló* e tantos outros sucessos é também o inventor do trio formado pela sanfona, pelo triângulo e pela zabumba – marca registrada que estará presente no palco e que lança desafios ao arranjador.

“Nesse trabalho, teremos uma formação enxuta; a princípio, somente cordas e trio pé de serra. O desafio será exatamente fazer com que o público sinta a mesma sensação com essa formação, sem a voz; somente o instrumental. Também tenho de encontrar o melhor ponto de equilíbrio para que trio e orquestra se complementem, sem que um sobressaia ao outro. Tenho de encontrar uma forma de fazer todos soarem como um grande instrumento e, ao mesmo tempo, manter a essência da originalidade das canções de Luiz Gonzaga”, antecipa. ■

FOTO: ARQUIVO





FOTO ARQUIVO

MÚSICA BARROCA

300 ANOS, QUATRO ESTAÇÕES

A Orquestra Ouro Preto celebra as três décadas da obra-prima de Antonio Vivaldi com um espetáculo que terá a soprano Marília Vargas

Uma das mais cultuadas obras da história da música clássica, *As Quatro Estações* completa 300 anos da publicação de sua partitura em 2023. Para celebrar os três séculos desta obra-prima escrita pelo virtuoso compositor italiano Antonio Vivaldi, a Orquestra Ouro Preto apresenta este ano, na íntegra, a *Primavera*, o *Verão*, o *Outono* e o *Inverno*, num espetáculo que promete explorar todos os pormenores da genialidade deste ícone da música barroca.

Para compor *As Quatro Estações (Le quattro stagioni)*, Vivaldi acrescentou à obra quatro sonetos que conduzem a narrativa musical de cada um dos períodos climáticos tocados na peça. No espetáculo que será apresentado pela Orquestra, uma grande e ousada inovação: tais poemas serão cantados pela soprano Marília Vargas, uma das mais prestigiadas cantoras líricas do país, que comemora a oportunidade de dar voz ao texto de Vivaldi e celebra mais uma parceria com o colega André Mehmari, que vai compor música original para os sonetos.

“Eu estou muito feliz com essa possibilidade; primeiro porque o André Mehmari é alguém com quem eu tenho uma parceria profunda, de quase duas décadas. Ele é uma pessoa que conhece muito bem o meu instrumento e que também já compôs para a Orquestra Ouro Preto. Então, vai ser uma configuração perfeita. Estou muito emocionada”, conta Marília, revelando ainda que só soube da existência dos sonetos de *As Quatro Estações* há cerca de cinco anos. “Desde então eu tenho o sonho de cantar esses sonetos, de fazer uma ponte entre essas linguagens. O barroco italiano conversa muito bem com a música brasileira. Então, eu sempre sonhei com essa junção de universos. E aí, nas conversas com o Rodrigo Toffolo, quando esse assunto veio à tona e ele decidiu fazer esse concerto, eu pensei: ‘sonho realizado. Check!’”, recorda Marília.

Marília Vargas não tem dúvida de que o espetáculo vai tocar o público, sobretudo porque se trata de um feito artístico que atravessou o tempo e sempre esteve presente na vida das pessoas. “Não é à toa que talvez seja uma das mais famosas obras de todos os tempos. Mesmo que você não saiba que essas peças são de Vivaldi, você já ouviu parte delas. Em algum shopping, em alguma propaganda, em algum filme, com certeza você já ouviu, porque é uma obra incrível e que nunca parou de ser executada”, afirma a artista.

Com composição do pianista André Mehmari e regência de Rodrigo Toffolo, a experiência musical *300 anos das 4 Estações de Vivaldi* será apresentada ao público como um grande presente, segundo Marília Vargas.

“A pessoa que nunca ouviu *As Quatro Estações* ao vivo não só vai descobrir a obra como também vai receber esse *plus*, que são os poemas, e essa ponte com a nossa música, com a nossa contemporaneidade, com a nossa linguagem, que o Mehmari expressa tão bem. Então, vai ser um presente duplo para a plateia. Quem já conhece vai subir mais um degrau e quem não conhece vai ter um panorama muito amplo”, promete a artista, que caracteriza Vivaldi como um grande melodista. “Você ouve e não consegue achar nada feio. É tudo bonito, é tudo muito bem escrito, numa linguagem que não é difícil. É uma linguagem próxima da gente. A gente ouve e gosta. Acho que vai ser um belíssimo concerto”, finaliza. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

LENDAS DO JAZZ

Com arranjos de Maurício de Souza e regência de Rodrigo Toffolo, o espetáculo promete uma grande viagem pelo gênero musical

Miles Davis, Chick Corea, Dave Brubeck e Count Basie são alguns dos notórios músicos e compositores da história do jazz que, em 2023, vão receber a musicalidade da Orquestra Ouro Preto. Pautado pela excelência, o espetáculo é um convite aos fãs da boa música a uma grande viagem pelo gênero, passando por temas de variados estilos que compõem o mundo do jazz.

De acordo com Maurício de Souza, que assina os arranjos, o projeto nasceu a partir da ideia de realizar um concerto em homenagem a Miles Davis, ícone da música do século XX que esteve na vanguarda de muitos desenvolvimentos do jazz. Mas esse desejo evoluiu e reorganizou as ideias em uma proporção maior, levando Souza e o maestro Rodrigo Toffolo a ampliarem a homenagem a outros grandes músicos, tornando o espetáculo mais plural.

“Vamos fazer uma viagem no jazz a partir dos anos 1950, de Miles Davis para frente”, afirma Maurício, que vê neste projeto a oportunidade de reforçar para o público que o jazz, uma música que nasce popular, mas que depois se torna erudita, vai além do tom refinado. “Estamos tomando um cuidado muito grande com a escolha do repertório para que o concerto tenha uma força popular, mas sem perder o refinamento da orquestra”, aponta.

lendas do Jazz terá 15 temas, com destaque para *Milestones* e *So What*, de Miles Davis; *Spain*, de Chick Corea; e *Take Five* e *Blue Rondo à la Turk*, duas músicas icônicas de Dave Brubeck que marcam o “modernismo do jazz”. O repertório ainda inclui *Birdland*, sucesso da banda Weather Report, que tinha como integrantes o norte-americano Wayne Shorter e o austríaco Joe Zawinul; e *Concierto de Aranjuez*, uma composição do espanhol Joaquín Rodrigo feita para violão clássico e orquestra, mas que Miles Davis gravou brilhantemente com o seu trompete.

Quanto à orquestração, Maurício quer preservar a força dos metais, que é uma das características do jazz, sobretudo do jazz moderno. Nesse sentido, o arranjador sugeriu a Rodrigo Toffolo, regente titular da Orquestra Ouro Preto, um concerto com seis sopros: dois trompetes, um trombone e três saxofones – alto, tenor e barítono. Ah, o piano também está garantido. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

A METAMORFOSE

No mês das crianças, a Orquestra estreia uma cantata cênica inspirada na mais famosa obra de Franz Kafka

A Orquestra preparou uma superestrela para o mês das crianças. Em outubro, o grupo apresenta *A Metamorfose*, uma cantata cênica que narra a famosa novela literária do escritor tcheco Franz Kafka, um dos mais carismáticos autores do século XX. A adaptação para este concerto é assinada pelo maestro Rodrigo Toffolo, que se debruçou sobre o texto para compreender melhor o universo kafkiano, que, por distinção, centra-se ao redor do absurdo, da obsessão, da alienação e da culpa que cercam suas personagens.

Segundo o regente titular da Orquestra Ouro Preto, a ideia é mesmo fazer um musical infantil, com coro infantil, lúdico, e levar um pouco dessa história para as pessoas, mesmo com toda a complexidade do enredo, que emerge da seguinte pergunta: e se um dia você acordasse e se visse transformado num inseto gigante? A música original será assinada por John Ulhoa e Richard Neves, integrantes de uma das bandas mais icônicas do cenário nacional: Pato Fu.

Obra mais conhecida e citada de Kafka, *A Metamorfose* foi escrita em 1912 e publicada pela primeira vez em 1915. Na história, o caixeiro viajante Gregor Samsa abandona as suas vontades e desejos para sustentar a família e pagar a dívida dos pais. Certa manhã, Gregor acordou transformado numa barata monstruosa. Eis o mote do texto,

cujas narrativas propõem uma reflexão sobre a solidão, a angústia individual e a desesperança. “A ideia é levar esses clássicos da literatura ao público infantil. Claro que adaptados e com um argumento diferente para eles”, conta Toffolo.

A Metamorfose não será o primeiro espetáculo da Orquestra pensado para o público infantil. Em 2018, o grupo mineiro apresentou o concerto cênico-musical *O Pequeno Príncipe*, inspirado na fábula do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, com música original de Tim Rescala. Em 2021, a formação ouro-pretana lançou o projeto *Fernão Capelo Gaivota*, também com música de Tim, inspirado no clássico homônimo de Richard Bach, com um espetáculo audiovisual adaptado para orquestra e que contou com coro infantil, balé e a narração da atriz Zezé Motta. ■



FOTO RAPHA GARCIA

SESC PALLADIUM

CLÁSSICO DE DOMINGO

Orquestra Ouro Preto e Sesc em Minas realizam série de concertos mensais que enchem as manhãs de música

Uma vez ao mês, no coração da cidade, na esquina entre Avenida Augusto de Lima e Rua Rio de Janeiro, o público belo-horizontino tem um encontro marcado com a Orquestra Ouro Preto. As manhãs musicais no Grande Teatro do Sesc Palladium já se tornaram programa obrigatório para os amantes da música de concerto. De volta em mais uma temporada, a série Domingos Clássicos promete atrair o público para prestigiar um repertório pautado na excelência e na versatilidade, sempre com ingressos a preços populares.

“É um orgulho ter a parceria do Sesc em Minas e ser a orquestra residente de um teatro tão importante quanto o Palladium. São momentos especiais e de grande emoção. A plateia, que sempre lota o teatro em nossas apresentações, é parte indissociável do nosso sucesso”, reconhece o maestro Rodrigo Toffolo. “Com o tempo, já até reconhecemos algumas pessoas do público, que sempre voltam; e são muitas. Isso nos motiva e aumenta ainda mais a cumplicidade com a plateia”, afirma.

Segundo Manuella Abdanur Paiva, gerente de Cultura do Sesc em Minas, a residência da Orquestra contribui para divulgar a música de concerto para outros públicos: “A Orquestra Ouro Preto apresenta, em seus concertos, releituras da música popular e de gêneros diversos. Esse formato é interessante, principalmente pelo caráter inclusivo, já que promove o acesso de públicos diversos à música de concerto por meio de repertórios que dialogam com a memória afetiva das pessoas e demonstram, ao mesmo tempo, o quanto a música está presente no nosso imaginário, a exemplo das trilhas de cinema e da literatura popular”.

Para a gerente do Sesc Palladium, Priscilla D’Agostini, ter a Orquestra Ouro Preto como residente Sesc reafirma o compromisso da instituição em levar ao público uma série de concertos pautados na qualidade, na diversidade e na excelência. “A Orquestra é uma grande inspiração. Essa parceria consolidada com o Sesc Palladium visa levar ao público uma programação propositiva, qualificada e inovadora”, avalia.

UM VIVA À MÚSICA BRASILEIRA

Para a temporada 2023 da série Domingos Clássicos, vários concertos vão celebrar alguns dos mais prestigiados compositores do Brasil. A ideia surge com o objetivo de exaltar obras originais assinadas por talentos nacionais, cujos trabalhos mostram ao público o quão criativa e profícua é a música brasileira.

De acordo com Rodrigo Toffolo, muitos desses compositores já são parceiros da Orquestra Ouro Preto, que constantemente encomenda a esses artistas peças para compor o seu repertório. “São compositores importantes, criativos e que merecem ser mais conhecidos”, ressalta o maestro, defendendo o compromisso de sempre exaltar a produção artística nacional.

Entre os artistas com obras confirmadas nesse novo projeto da Orquestra, está a pianista, compositora e arranjadora Juliana Ripke, que vê com bons olhos a iniciativa do grupo mineiro. “Por muito tempo, e se não até os dias de hoje, o repertório das salas de concerto foi predominantemente de compositores europeus de diversos períodos da história da música. Pouco a pouco, passo a passo, isso vem mudando. Na proporção, porém, a porcentagem de compositores brasileiros nos programas de concertos – para não falar de compositoras – ainda é muito baixa. Ter, portanto, um concerto dedicado somente a compositores brasileiros contribui para mudar esse paradigma e estabelecer a importância e a valorização da música e dos compositores do nosso país”, afirma a compositora.

Juliana Ripke também defende a inclusão de mais compositoras nos concertos, uma vez que o número de mulheres nos repertórios é muito baixo. Nesse



FOTO RAPHA GARCIA

sentido, a pianista acredita que a sua presença nesse novo programa da formação ouro-pretana pode ajudar a influenciar uma mudança de direção. “Me deixa imensamente feliz contribuir para a valorização da música e da cultura brasileira através desse concerto, até mesmo pelo fato de ser uma ‘compositora mulher’ num meio onde o repertório é predominantemente feito por compositores (do gênero masculino)”, acrescenta.

Outro nome que será celebrado é o de Alexandre Travassos, clarinetista que já criou arranjos para a Orquestra em diversas ocasiões. “É uma oportunidade única, porque, para o compositor brasileiro, é muito raro ter suas obras tocadas numa orquestra de renome como a Ouro Preto”, conta o compositor, que prepara uma peça original baseada num cordel chamado *A Morte do Bode Tião*. “Quando você usa a literatura como base para escrever um projeto musical, você já tem um caminho traçado; e isso vai influenciar a direção da composição. Mas, mesmo assim, existem grandes possibilidades criativas que podem ser exploradas para despertar a história no ouvinte”, afirma Travassos, ressaltando que é uma “grande honra participar de um projeto ao lado de compositores de grande gabarito”.

A temporada que vai saudar a composição nacional conta ainda com outro Alexandre, o Guerra, que recebeu o convite de Rodrigo Toffolo “como um presente”. Alexandre diz que o projeto emerge num momento-chave para a composição da música de concerto, que atravessou uma fase vanguardista pós-Segunda Guerra, com uma música “extremamente intelectual”, e acabou por se afastar um pouco do público. “Vem surgindo um movimento diferente na última década, quando, de certa forma, a geração de compositores passou a não mais fazer uma patrulha ideológica. Porque havia algo do tipo: ‘não pode fazer música tonal, não pode fazer música apreciável’. E aí essa resistência foi cedendo e, hoje, eu vejo uma reconciliação do público com a composição contemporânea. Então, essa patrulha estilística, estética, arrefeceu; agora os compositores podem fazer música ‘gostável’. E, na verdade, eu acho que esse movimento da Ouro Preto é a ponta do *iceberg*, mostrando que esse processo está em curso”, avalia Guerra.

Celebrando a diversidade que estará presente no programa, Alexandre Guerra diz: “Acho interessante a diversidade. Cada um tem um *approach* diferente. Eu, como venho da música de filme, gosto muito de uma forma musical que é narrativa. Ou seja, a música pretende contar uma história, narrar algo que é extramusical”. Para a nova temporada, Guerra está preparando uma peça inspirada em quatro poemas. “Minha música vai tentar justamente alinhar a narrativa musical com a narrativa proposta pelos poemas. Lógico, de forma livre, mas, ainda assim, tentando evocar

o público a encontrar essa similaridade entre o assunto e a narrativa musical. E acho que cada compositor traz o seu perfume, o seu tempero e a sua forma”, conclui.

Além de Juliana Ripke, Alexandre Travassos e Alexandre Guerra, a temporada da Orquestra Ouro Preto contará com trabalhos de André Mehmari, Ernani Aguiar e João Guilherme Ripper. Os programas terão também a colaboração de arranjadores como Fred Natalino, Leonardo Gorosito, Marcelo Ramos e Jaime Alem.

“Com essa iniciativa da Orquestra Ouro Preto, toda a produção nacional, mesmo os compositores que não estão presentes no programa, ganha destaque por fazer o Brasil olhar para esse aspecto de valorização da cultura nacional, que, às vezes, deixamos de lado, valorizando predominantemente a música europeia – que de fato tem muita importância na história da arte musical. Ter a nossa música executada, porém, mostra a diversidade e a riqueza de um país plural que tem muito a dizer, deixando espaço, coragem e ideias para outras iniciativas como essa”, aponta Juliana Ripke.

Para o maestro Rodrigo Toffolo, a iniciativa vem para mostrar que o Brasil é um “celeiro gigantesco de compositores e arranjadores” e também para reforçar a forma como a Orquestra Ouro Preto está inserida no contexto musical brasileiro, assim como a sua importância cultural para o público. “Vai além de números e de patrocínios. É estar conectado com o movimento atual brasileiro, com a música contemporânea brasileira”, afirma o diretor artístico do grupo mineiro.

A programação da temporada 2023 da série Domingos Clássicos estará disponível no site da Orquestra e em suas mídias sociais. As apresentações terão preços populares, pois a missão é apresentar a música de concerto para uma gama cada vez maior de pessoas. ■



ORQUESTRA OURO PRETO ORQUESTRA RESIDENTE SESC EM MINAS



A SÉRIE DOMINGOS CLÁSSICOS É UMA CORREALIZAÇÃO
DO INSTITUTO OURO PRETO E DO SESC EM MINAS.





FOTO RB/REDFERNS

The Jackson Five

I WANT YOU BACK

NO BALANÇO DA ALMA

Grandes clássicos da black music norte-americana vão embalar o público em novo concerto da Orquestra

O músico e arranjador Fred Natalino, um dos parceiros da Orquestra no arranjo de novos repertórios, tem uma missão e tanto pela frente: captar a atmosfera musical perfeita para o encontro entre a música de concerto e a black music, que marcou a história da música negra nos Estados Unidos e em todo o planeta.

Mais que um gênero musical, o movimento representou um grito de resistência contra o racismo no país norte-americano. Criado no fim dos anos 1950, tendo seu ápice nas décadas seguintes, o estilo se consagrou não apenas por sua característica dançante, mas também por sua forte identificação com a luta pelos direitos civis da população negra.

Os tempos mudaram, mas a luta contra a discriminação racial permanece urgente. Dar visibilidade a esse repertório é enfatizar a força da música em sua máxima potência, embalando corpo, alma e coração, representada por ícones como Marvin Gaye, Aretha Franklin, James Brown, Jackson Five, Steve Wonder e outros grandes nomes da época.

Um dos marcos desse período foi a gravadora Motown, uma verdadeira fábrica de fazer hits. E isso não é apenas uma força de expressão. Criada em Detroit, cidade reconhecida pelas grandes montadoras automobilísticas nos Estados Unidos, a gravadora funcionava como uma verdadeira linha de produção: foram 240 canções no top 40 das paradas norte-americanas entre 1962 e 1971.

Do soul mais açucarado ao funk mais potente, todos os estilos de música negra dos EUA foram representados pela gravadora durante o seu auge. Alguns desses sucessos estarão presentes no repertório do concerto, ainda guardado a sete chaves.

“Acredito que vamos proporcionar ao público o que há de mais essencial nesse repertório – a beleza da canção e da melodia –, além de incorporar a característica dançante da música. Tentar fazer essas duas coisas de modo que fique bem marcante na interpretação da Orquestra”, adianta Natalino, que já assinou trabalhos anteriores da formação mineira, entre eles, os concertos *O Garoto*, *o Especial Rolling Stones* e o recém-lançado álbum dedicado a música do A-Ha.

“É sempre uma alegria e uma honra muito grandes colaborar com a Orquestra Ouro Preto, uma das poucas formações que eu conheço que fazem tão bem essa ponte entre estilos, gêneros, linguagens musicais. Por isso os trabalhos com a Orquestra Ouro Preto são sempre garantia de sucesso; tanto de resultado, pela qualidade individual dos músicos e da orquestra como um todo, quanto de repercussão de público”.

Os próximos meses serão de imersão para Fred Natalino, que, em diálogo com o maestro Rodrigo Toffolo, vai escolher os caminhos musicais a serem seguidos. Tarefa difícil, considerando a vasta oferta de sucessos conhecidos pelo grande público, desde *ABC* e *I Want You Back*, dos Jackson Five, passando por Marvin Gaye e uma enxurrada de hinos do groove; sem contar os clássicos de Aretha Franklin, James Brown e uma lista quase infinita de opções.

Mais detalhes serão divulgados em breve. Até lá, a garantia é de música de qualidade, dessas que sobrevivem à ação do tempo. É bom o público já começar a preparar o esqueleto para balançar! ■

BOSSA NOVA EM CONCERTO E CONTEXTO

Inspirado no livro *Essa Tal de Bossa Nova*, da historiadora Bruna Ramos da Fonte, novo concerto da Orquestra Ouro Preto mistura música e informação numa homenagem a um dos mais importantes gêneros musicais brasileiros

A música é a manifestação cultural que melhor representa a essência do povo brasileiro. E se a música é o nosso espelho e o samba é a nossa alma, a bossa nova é o gênero que melhor nos distingue no mundo, mesmo com toda a nossa versatilidade sonora, que, aliás, também é a marca da Orquestra Ouro Preto. Por isso, depois de abraçar tantos Brasis nos últimos anos, a formação mineira se prepara para celebrar a bossa nova com um concerto novíssimo e para lá de especial. Este promete ser um dos pontos altos da temporada 2023, ano em que o estilo popularizado por João Gilberto e abraçado por tantos outros completa 65 anos.

Inspirado no livro *Essa Tal de Bossa Nova* (Editora Rocco), da biógrafa, escritora, historiadora e jornalista Bruna Ramos da Fonte, o novo espetáculo da Orquestra traz um repertório escolhido a dedo, com temas que, segundo a autora, ajudam a contextualizar o surgimento do movimento Bossa Nova e que fizeram o caminho para o estilo se tornar, musicalmente, uma das referências de brasilidade. “A bossa nova é um gênero que está localizado numa fenda do tempo entre dois governos autoritários”, começa por dizer a autora, citando o fim da Era Vargas, em 1945, que coincide com o fim da Segunda Guerra Mundial, e o início do regime militar de 1964.

A música eleita para abrir o concerto foi *Canção de Amor*, gravada por Elizeth Cardoso, em 1958, num período em que muitos compositores buscavam uma música que dialogasse com aquela geração, “marcada por um baixo astral”, fruto de um período sociopolítico obscuro, onde o samba-canção “era a música da época”, diz Bruna Ramos da Fonte.

A escolha por iniciar o concerto com esta obra demonstra que “um movimento não brota do nada. Existe toda uma intenção, existe toda uma atitude, existe toda uma mudança social, histórica e de pensamento para que tudo aquilo aconteça” diz a autora, que prossegue: “Com a Bossa Nova não poderia ser diferente. Então, você tem ali aquele clima de baixo astral que marcava os primeiros anos da juventude dos bossa-novistas. E *Canção de Amor* é uma música que exprime muito isso. É

uma música linda, lírica, poética, mas uma música mais baixo astral, é muito sofrimento. O amor te faz sofrer, tudo te faz sofrer, é tudo muito pesado”.

Além de *Canção de Amor*, estão no repertório *Chega de Saudade* e *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes; *Ho-ba-la-lá*, de João Gilberto; *O Barquinho*, de Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli; *Samba de Verão*, de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, entre outras.

Um detalhe importante que vale a pena ressaltar neste concerto é que a participação de Bruna Ramos da Fonte vai além da obra literária que inspirou o espetáculo. A autora estará no palco com a Orquestra e, entre uma música e outra, vai partilhar com o público algumas histórias por trás das canções, numa espécie de “concerto comentado”. O objetivo é explicar o desenvolvimento da bossa nova, elevando a experiência do público a um nível no qual a emoção e o conhecimento dançam lado a lado.

“Como o conceito desse repertório é mostrar a transição entre o samba-canção e a bossa nova, da bossa nova para a música de protesto e da música de protesto para a bossa nova que ganhou o mundo, achei muito importante comentar, porque foi um repertório escolhido de forma muito cuidadosa. Não tem nenhuma canção ali que tenha sido escolhida de forma aleatória”, diz a pesquisadora, cujo trabalho tem como objetivo “mostrar o contexto em que as coisas surgiram”.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Essa Tal de Bossa Nova: João Gilberto e Nara Leão, musa da bossa nova

65 ANOS DA BOSSA NOVA

A bossa nova completa 65 anos em 2023, embora seja difícil indicar a data precisa do nascimento desse estilo musical brasileiro que ganhou o mundo. Todavia, o lançamento do disco *Canção do Amor Demais*, gravado em abril e lançado em maio de 1958, é considerado pelos especialistas o ponto de partida do gênero. No álbum, a cantora Elizeth Cardoso interpreta composições de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, com destaque para o acompanhamento do violão de João Gilberto, com uma batida de samba peculiar, até então inédita aos ouvidos, que se tornaria característica da bossa nova.

“Eu acho justo a gente dizer, sim, que a bossa nova pode ter iniciado oficialmente em 1958, justamente porque você tem o disco da Elizeth Cardoso, que uniu composições de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, que viriam a ser o grande carro-chefe da bossa nova, com a batida do violão de João Gilberto. Você tem ali o momento de todas aquelas tentativas de buscar uma nova música, que eram isoladas, com Johnny Alf fazendo uma música aqui, Carlos Lyra fazendo uma música ali, Roberto Menescal começando a tocar. E, de repente, tudo isso converge, em 1958, quando você tem a junção desses três pilares do que viria a ser a bossa nova”, aponta a pesquisadora.

Para o maestro Rodrigo Toffolo, esse projeto “tem tudo a ver com a Orquestra Ouro Preto”, especialmente pela versatilidade do grupo, que já traba-

hou temas como a música nordestina, a música armorial e até o hip-hop. “Acho que a grande novidade é esta: um concerto comentado, um concerto diferenciado, do qual o público vai sair entendendo um pouco mais da ascensão da bossa nova por intermédio da Orquestra e da presença de Bruna”, afirma o maestro. “A ideia é sair de lá não só sabendo que ouviu boas músicas e um repertório fantástico, mas que você saiu com um pouquinho mais de informação”, acrescenta Bruna.

A data de estreia do concerto dedicado à Bossa Nova será no dia 20 de maio, um sábado, no Sesc Palladium. ■



FOTO: RAFA MARQUES

SOBRE

Bruna Ramos da Fonte é biógrafa, escritora, historiadora e jornalista. Desenvolve projetos também nas áreas de composição, curadoria, dramaturgia, fotografia e produção audiovisual.

Tendo iniciado os seus estudos musicais ainda na infância – e recebido ampla formação em três instrumentos, técnica vocal, teoria musical, história da música e regência orquestral –, foi a partir dessa vivência que, em 2006, iniciou a sua trajetória no campo da literatura musical.

É autora de diversos títulos – incluindo as biografias de Sidney Magal e Roberto Menescal e um romance biográfico sobre W. A. Mozart –, com dois livros prefaciados pelo *best-seller* brasileiro Paulo Coelho.

HAYDN E MOZART COM ASSINATURA DA ORQUESTRA OURO PRETO

Álbum promove o encontro da Orquestra com Cristian Budu e Gustavo Carvalho, dois dos mais prestigiados pianistas brasileiros

A Orquestra Ouro Preto lança, em 2023, o álbum *Haydn e Mozart*, disco que exalta dois dos mais importantes compositores de todos os tempos e discursa sobre a excelência que tem guiado a formação mineira ao longo dos seus quase 23 anos de atividade. Gravada no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, a homenagem à genialidade desses músicos austríacos, símbolos do classicismo europeu, contou com a luxuosa participação dos renomados pianistas brasileiros Cristian Budu e Gustavo Carvalho.

Lado a lado e diante de uma exímia formação com cordas e sopros, Cristian Budu e Gustavo Carvalho executam com destreza o *Concerto para dois pianos nº 10*, único escrito por Wolfgang Amadeus Mozart para dois pianos e orquestra e que, segundo Budu, é uma obra que carrega “originalidade, arroubo, dramaticidade e teatralidade”.

“Mozart era essencialmente operístico; ele adorava o drama teatral presente na música. Muitas vezes, quando se fala de texto mozartiano, a gente pensa numa escrita comedida, muito regrada. Mas quando a gente vê a vida de Mozart, a paixão dele por ópera e mesmo o estilo de vida dele, que era um *bon vivant*, a gente percebe o quanto ele incorporava essa linguagem e o quanto ele se comunicava com naturalidade através dela”, comenta Budu, acrescentando que essas características estão presentes no álbum.

Em outro piano, Gustavo Carvalho destaca que esse é um concerto “extremamente refinado, com diversas dificuldades camerísticas”. O pianista ressalta também a provocação que a peça faz, de “manter a liberdade e nunca esquecer de que era uma música feita com espírito de improviso”, algo muito interessante e mozartiano.

Sobre a parceria com Cristian Budu e a Orquestra Ouro Preto, Carvalho diz que foi “um encontro especial”, sobretudo pelo momento em que o disco foi realizado. “A gravação foi realizada durante a pandemia e logo depois de um período em que não se podia fazer música com uma grande quantidade de pessoas. Então, durante esses dias, havia uma alegria e uma emoção por estarmos ali, juntos, compartilhando o mesmo espaço, vivos, e fazendo, particularmente, essa música belíssima de Mozart. Foi algo muito marcante humanamente e acho que isso transparece em diversos momentos do disco”, afirma o pianista.

Além de Mozart, o disco traz a *Sinfonia nº 44*, de Franz Joseph Haydn, que, segundo o maestro Rodrigo Toffolo, é uma obra dramática e profunda, que requer leveza e precisão. “É forte quando tem que ser forte e sensível quando tem que ser sensível”, avalia o regente.

Toffolo acredita também que o disco representa a oportunidade de mostrar ao público da Orquestra, e também aos que virão, um pouco de como o grupo enxerga e interpreta Haydn e Mozart, num trabalho que exigiu maturidade para encarar “dois grandes clássicos da música mundial, dois patrimônios da humanidade”.

Contando as horas para o lançamento *Haydn e Mozart*, Cristian Budu admite estar empolgado, particularmente por acreditar que este trabalho pode inspirar as pessoas. Já acerca da experiência de trabalhar com Gustavo Carvalho e o grupo de Rodrigo Toffolo, o pianista fala em satisfação e realização. “Eu vibro pelo que a Orquestra significa no Brasil e diria até nos nossos tempos, em que a música clássica, muitas vezes, se vê isolada ou tratada de maneira anacrônica. E a Orquestra Ouro Preto demonstra justamente que existem caminhos inovadores e possíveis”, afirma Budu.

Caminhos que levam agora à entrega de *Haydn e Mozart* ao público – a todos os que já amam a música clássica e àqueles que ainda estão se aproximando. Ou como diz Gustavo Carvalho: “Não existe uma música erudita, mas, sim, uma erudição ao escutar música. E essa erudição, que pressupõe, sobretudo, estar aberto ao outro, é necessária, tanto em Mozart quanto em qualquer música, de qualquer etnia, em qualquer canto do planeta. Então, acho que essa hierarquia precisa ser quebrada. E, nesse sentido, a Orquestra Ouro Preto tem um protagonismo muito grande”, finaliza. ■

Cristian Budu, maestro Rodrigo Toffolo e Gustavo Carvalho

O P DA PAIXÃO

A revista OOP Experience convidou fotógrafos de todo o mundo para ilustrar a música *P da Paixão*, de Alceu Valença, sob a moldura da cidade do Porto, em Portugal, onde foi gravado o segundo capítulo de *Valencianas*

FOTO: CLIVE KIM - COREIA DO SUL

◀ "O P da paixão provoca o poema"



FOTO DIOGO BRANDÃO - ESPANHA

◀ “E o P do poema é um parto, é um parto”

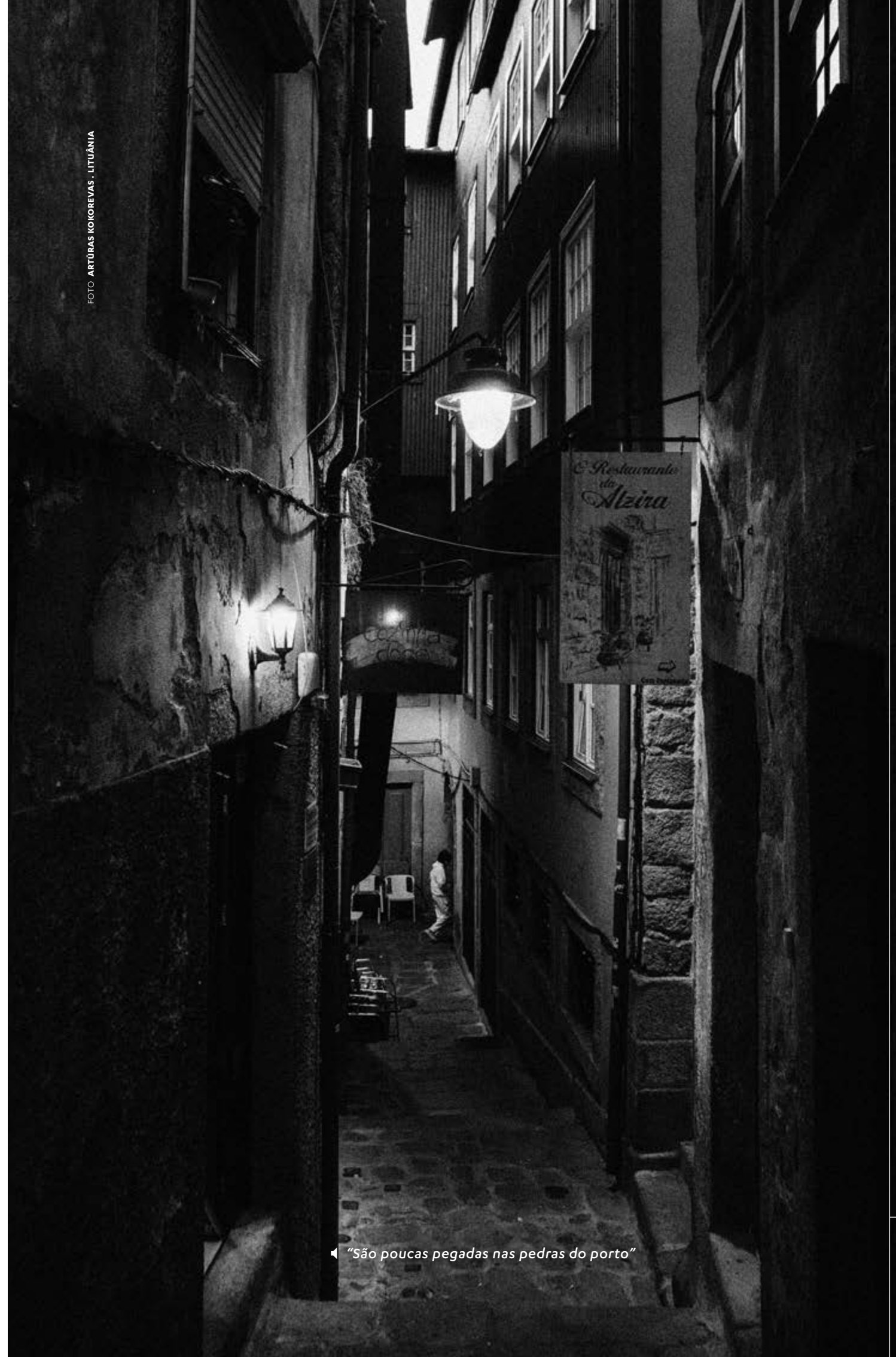


FOTO ARTŪRAS KOKORĖVAS - LITUÂNIA

◀ “São poucas pegadas nas pedras do porto”



FOTO BRUNO SILVA - PORTUGAL



FOTO DAWIS CALDAS - BRASIL



FOTO ARTŪRAS KOKREVAS - LITUÂNIA



FOTO DAWIS CALDAS - BRASIL



FOTO RICARDO SANTANA - PORTUGAL

◀ “E um poema torto persegue teus passos”

◀ “O P do passado provoca o presente
É o P do presente que importa, que importa”



FOTO NICK BONDAREV. ESTADOS UNIDOS

◀ “São poucas palavras que batem no peito”



FOTO JOÃO CABRAL. PORTUGAL

◀ “No fundo da alma na porta, na porta” ■

FAÇA PARTE

AMIGOS DE OURO

Construir amizades por meio do imenso poder da música é, sem dúvida, um dos maiores presentes que a Orquestra recebeu em suas andanças. A verdade é que cada página desta bonita história tem sido escrita por diversas mãos desde a sua fundação, nos quase longínquos anos 2000. É essa perspectiva plural que conduz cada passo e nos permite encontrar meios de democratizar o acesso à música de concerto de uma forma genuína, inspiradora.

O programa Amigos de Ouro foi lançado em 2017 para permitir que mais interessados apoiem este esforço. Trata-se de uma rede de apoio concebida para transformar doações de Imposto de Renda em arte, palmas e sorrisos.

Poucos sabem mas, no Brasil, o contribuinte que optar pela declaração de Imposto de Renda, modelo completo, pode destinar até 6% de seus impostos a projetos culturais aprovados pelo Ministério da Cultura. Essa ferramenta confere ao cidadão o poder de decisão sobre onde investir parte de seu imposto e a oportunidade de contribuir ativamente para fomentar a cultura da sua região e de seus grupos culturais favoritos, apoiando sua sustentabilidade.

Ao se tornar um Amigo de Ouro, o apoiador recebe diversos benefícios, como descontos em ingressos para os concertos, acesso a ensaios abertos e a produtos lançados (em primeira mão), além de outras vantagens relacionadas às atividades previstas na temporada. Esses benefícios são concedidos de acordo com as categorias de apoio; cada uma tem suas vantagens.

Além disso, os Amigos de Ouro têm a oportunidade de contribuir diretamente para a manutenção e o desenvolvimento da orquestra, ajudando a financiar novos projetos e garantindo que a instituição possa continuar a levar a música de concerto a um público amplo e diversificado.

A “amiga de ouro” Mônica Rocha conheceu o programa frequentando os concertos da Orquestra. “Resolvi aderir porque a Orquestra Ouro Preto me cativou, artisticamente falando, resgatando o que há de me-

lhor no repertório nacional e internacional. Outro motivo foi o incentivo a novos talentos, um diferencial que engloba, sem dúvida, também uma ação social”, diz.

PARA ENTENDER A LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA

Uma das principais ferramentas de incentivo à cultura no Brasil, a Lei 8.313 foi criada em 1991 e é um dos pilares do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que também conta com o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficarts). Por meio do Pronac, projetos culturais, como palestras, oficinas e diversas outras manifestações artísticas, podem ser patrocinadas tanto por empresas quanto por pessoas físicas. As alíquotas de dedução são diferenciadas, sendo 6% do imposto devido para pessoa física e 4% para pessoa jurídica.

Os projetos patrocinados devem promover a inclusão social e cultural. Para isso, devem realizar ações como distribuição de parte dos ingressos de forma gratuita, atividades de formação, capacitação nas comunidades, entre outras. Os recursos para a concretização dos projetos são resultado da ação conjunta entre produtores e apoiadores. ■



MAIS INFORMAÇÕES

Aponte o celular para o QR Code ou acesse www.orquestraouropreto.com.br



FOTO: RAPHA GARCIA

Democratizar o acesso: a série “Orquestra nos Distritos 2022” apresentou um novo mundo de possibilidades a alunos de pequenas cidades e da zona rural de Ouro Preto

ESCOLHA A SUA CATEGORIA, ENTRE EM CONTATO E FAÇA PARTE!



CATEGORIAS	PIXINGUINHA	CARLOS GOMES	LOBO DE MESQUITA	CHIQUINHA GONZAGA	VILLA-LOBOS
VALOR DA CONTRIBUIÇÃO ANUAL	R\$100 A R\$250	R\$251 A R\$500	R\$501 A R\$1.500	R\$1.501 A R\$4.000	R\$4.001 A R\$20.000
BENEFÍCIOS					
DIVULGAÇÃO DO NOME NO SITE DA ORQUESTRA OURO PRETO	✓	✓	✓	✓	✓
DESCONTO DE 10% NA LOJA VIRTUAL DA ORQUESTRA OURO PRETO	✓	✓	✓	✓	✓
INGRESSOS PARA CONCERTOS DA SÉRIE DOMINGOS CLÁSSICOS (COM CONFIRMAÇÃO PRÉVIA)	2 INGRESSOS	4 INGRESSOS	6 INGRESSOS	8 INGRESSOS	10 INGRESSOS
100% DE DEDUÇÃO FISCAL PELA LEI ROUANET	✓	✓	✓	✓	✓
1 CD E 1 DVD ORQUESTRA OURO PRETO		✓	✓	✓	✓
1 KIT DA ORQUESTRA OURO PRETO			✓	✓	✓
DIVULGAÇÃO DO NOME NO RELATÓRIO ANUAL DA ORQUESTRA OURO PRETO			✓	✓	✓
ENTRADAS PARA ACOMPANHAR UM ENSAIO DA ORQUESTRA OURO PRETO (AGENDAMENTO PRÉVIO)			2 CONVITES	2 CONVITES	4 CONVITES
UM PAR DE ENTRADAS PARA CONCERTOS ESPECIAIS DA ORQUESTRA OURO PRETO EM BELO HORIZONTE			1 PAR PARA 1 EVENTO	2 PARES PARA 2 EVENTOS	TODOS
UM PAR DE INGRESSOS PARA CONCERTO (A ESCOLHER) DA TURNÊ NACIONAL DA ORQUESTRA OURO PRETO					✓
EVENTO DE ENCONTRO ANUAL COM O MAESTRO RODRIGO TOFFOLO					2 CONVITES

“

É A COISA MAIS BONITA QUE JÁ VI NA VIDA.

ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL DOM VELLOSO, DE OURO PRETO,
DURANTE APRESENTAÇÃO SOCIAL DA ORQUESTRA, EM MARÇO DE 2023.

”



FAÇA PARTE DO NOSSO PROGRAMA DE INCENTIVO E AJUDE A DEMOCRATIZAR
O ACESSO À MÚSICA DE CONCERTO. APONTE O CELULAR PARA O QR CODE OU
ACESSE: WWW.ORQUESTRAOUOPRETO.COM.BR





APOIO



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA

